

ANO XLIII • Nº 18
2 DE MAIO • 1942

Revista da Semana

1\$500
EM TODO O BRASIL



O batismo do avião "Frei Caneca" que o industrial brasileiro sr. Manoel Caetano de Britto, diretor das FÁBRICAS PEIXE, acaba de oferecer ao Aero Club de São João da Boavista

IMPONENTE CERIMONIA NO FLUMINENSE YACHT CLUB — PARANINFOU O ATO O MINISTRO DA AGRICULTURA, SR. APOLONIO SALLES — OS DISCURSOS DO MINISTRO DA AERONÁUTICA E DO SR. MANOEL DE BRITTO — O APARELHO FOI BATISADO COM "SUÇO DE TOMATE MARCA PEIXE", EM HOMENAGEM AO SEU DOADOR.

No aeroporto do Fluminense Yacht Club, num ambiente de grande vibração cívica, teve lugar, a semana passada, o batismo do avião "Frei Caneca", doado pelo conhecido industrial sr. Manoel Caetano de Britto — diretor das Fábricas Peixe — à Campanha Nacional de Aviação para integrar a flotilha do Aero Club de S. João da Boavista, em São Paulo. Estavam presentes à cerimonia os titulares da Agricultura e da Aeronáutica; o sr. Candido Carlos de Britto — também diretor das Fábricas Peixe — altas personalidades civis e militares; representantes dos nossos círculos comerciais e industriais, e inúmeros outros convidados.

Ao oferecer o avião, o sr. Manoel Caetano de Britto proferiu brilhante oração, vasada no mais elevado e sadio patriotismo, merecendo entusiásticos aplausos de todos os presentes. Fez-se ouvir também, num brilhante improviso, a palavra autorizada do ministro Salgado Filho, que manifestou a sua satisfação ao ver crescer, dia a dia, o movimento em prol da aviação brasileira.

No momento simbólico do batismo, foi substituído o "champagne" pelo Suço de Tomate marca Peixe, em homenagem ao doador do aparelho e também ao elevado grau de progresso da industria nacional. Falou nesse instante o paraninfo do avião, ministro Apolonio Salles, cujas palavras vibraram no ar como a profissão de fé de um grande brasileiro no destino grandioso do Brasil, palavras que merecem ser transcritas aqui, pois trazem consigo a flama alta do ideal:

A ORAÇÃO DO MINISTRO APOLONIO SALLES

"Senhores:

Recebi com prazer o convite do infatigável apóstolo da aeronáutica Assis para dar o meu concurso, como paraninfo deste avião doado pelo meu amigo e conterrâneo Manoel de Britto à campanha "Asas para o Brasil" dos "Diários Associados".

Juntaram-se, nestas asas destinadas a cortar os céus de minha terra e cujos vãos levarão as minhas bençãos de homem do norte, as influências benéficas de um doador de escol e de um nome aureolado da mais ardorosa flama de patriotismo.

Quando Manoel de Britto arranca das terras áridas do sertão pernambucano, os pomos rubros da solanacea, drenadores de ouro para o Brasil, parece-me que não há exagero em considerá-lo um alquimista de nova estirpe, a transformar pedras meio decompostas em farelos de ouro, debelador de pobreza.

Lá, no meio dos cactos, das bromélias e dos espinhos, na longínqua Pesqueira do interior pernambucano, não se ouvem mais o mugido dos bois, inspirador de tantas páginas literárias de valor, nem o chocalho clangoroso das solidões do sertão deshabitado.

São hoje o estridulo das sirenes e o ranger das máquinas agrícolas à tração mecânica, pisando duramente a sílica das varzeas, uma nota do progresso que um cérebro dinâmico e empreendedor faz substituir ao bucolismo das paisagens outrora improdutivas.

E' este mesmo cérebro que guia corações, que já não mais pertence a um homem, mas a uma família, a família Britto, que quer mostrar ao Brasil que as agruras da luta de uma industria vitoriosa em terra hostil não são suficientes para alhear a alma pernambucana aos interesses gerais do país.

A firma Carlos de Britto e Cia., adquirindo e presenteando à Campanha pela Aviação Civil mais uma máquina voadora, junta-se, com entusiasmo, aos ardoro-

licas, pássaros de ferro, cavalgados por patriotas ciosos de soberania!

Estas asas, meus senhores, não se improvisaram. Elas se geraram no ambiente quente das fábricas, tranqüilo dos campos, e inquieto dos cérebros de todos aqueles que, sob todas as formas, estão criando a nossa grandeza econômica.

E' fácil, portanto, explicar, senhores, com que prazer aceitei paraninfo mais este conquistador de alturas, cuja feitura, em última análise, deve-se ao trabalho incansável da mais sertaneja das industrias nordestinas. Parece-me que, ao ruído desses motores, se há de aliar, cortando os céus, o eco dos anseios dos caboclos que trabalham pensando em enriquecer para o Brasil.

São estes os votos que há de acom-

panhar o "Frei Caneca", ora batizado por um leigo!

Quisera poder deitar, sobre as penas metálicas desta ave, águas do Capiberibe, para a oblação simbólica a introduzi-la na vida dos céus.

Traria, com essas águas que cortam o território pernambucano, aquele senso incontido de patriotismo, a porejar, qual gotas de água formadoras de torrente, de todas as páginas da Historia de minha terra, de nossa terra!

Seria este senso de liberdade e disciplina o único substrato digno para se deixar envolver pelo senso de liberdade norteador de toda a vida de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca.

E que querem esses aviões minúsculos de aeronáutica civil brasileira? O que aspiram, se não deixar a terra à procura do céu, vencendo espaços na embriaguez sagrada de liberdade conquistada pelas nossas instituições republicanas, de que o padre patriota foi o apóstolo de 17 e o mártir de 24?

Não acredito, senhores, que povo al-

gum se considere livre, nem mesmo para seguir as suas legislações, os seus cânones domésticos quando não tenha a assegurar essa liberdade um acervo econômico e militar de tal forma desenvolvido que, sem inspirar cobiças, assegure respeito. E seria pueril que pensássemos numa terra tão vasta como a nossa, tão ainda por conquistar, em criar um arcabouço econômico estável, sem a rapidez dos transportes, facultada pela aeronavegação.

Sinto que a campanha aviatoria do Brasil, calorosamente levada adiante pelo ministro Salgado Filho, e pela pena, palavra e imprensa vitoriosa dos Associados, não está realizando apenas o preparo de pilotos militares, defensores de nossa riqueza, mas está contribuindo de maneira invulgar para a aproximação dos centros econômicos, despertando iniciativas criadoras dessas riquezas.

E' que, meus senhores, o Ministerio da Aeronáutica está bem convencido de que a maior defesa militar de um país se faz através de uma riqueza econômica maior.

E "quando a patria está em perigo", como muito bem disse frei Caneca ao sentir que lhe costuravam a mortalha, por saber vitoriosas as armas imperiais, "quando a patria está em perigo, todo o cidadão é soldado, todos tem que se adextrar nas armas para rebater o inimigo".

Tomando literalmente essa frase se aplica ao caso do Brasil. Aplica-se à campanha mil vezes bendita da aviação, levada aos quatro ventos pela maior cadeia jornalística da América do Sul.

Como todo o mundo, estamos em perigo de perder aquela liberdade que foi o anseio de toda uma vida, que iria terminar mais tarde acorrentada nos cárceres e na parede do fuzilamento. Mas terminara apenas a vida; não haviam terminado os anseios!

Eles ainda hoje são o apanágio de nossa soberania, como são a maior glória que o Brasil possui de, em sendo um país pacífico, saber defender, dentro de seu proprio territorio, o depósito sagrado por que se batera o frade libertario, o frei Caneca, cujo nome será lido do alto pela juventude de hoje — homens de amanhã!

Para a defesa dessa liberdade é que cada um de nós há de ser um soldado, e cada uma dessas asas há de voar pelo nosso céu, no intercambio da produção quando possível, e na vigilancia da defesa quando necessario.

Queria que este fosse o sonho de todos os aviadores que treinarem no "Frei Caneca" — ser soldado do Brasil, lembrados do verso do imortal patriota, cujo nome lhes seja um símbolo:

"O servil acaba inglorio.
Da existencia a curta idade;
Mas não morre o liberal
Vive toda a eternidade."



O sr. Manoel Caetano de Britto cumprimentando calorosamente o ministro Apolonio Salles, após a vibrante oração proferida pelo titular da pasta da Agricultura ao paraninfo o batismo do avião "Frei Caneca" doado por aquele industrial.

Vejo desenhando-se pelo país inteiro um quadro estupendo, em que se pintam nos céus do Brasil não somente estrelas, não apenas cirrus e "stratus" de formas bizarras e coloridos variados às tintas maravilhosas do sol vertical dos trópicos. Neste quadro pintam-se hoje asas metá-

licas, pássaros de ferro, cavalgados por patriotas ciosos de soberania!

Não acredito, senhores, que povo al-

"...ESTA TERRA TAM GRACIOSA..."

No dia 1.º de Maio de 1500, Pero Vaz de Caminha traçou com a sua longuíssima carta-relatório escrita a el-rei D. Manoel o prólogo da História do Brasil. Não há meio de penetração na nossa terra sem ser por esse pórtico estranho, arquetizado na língua portuguesa de então, confusa, misteriosa, não raro com aparências de indecifrável.

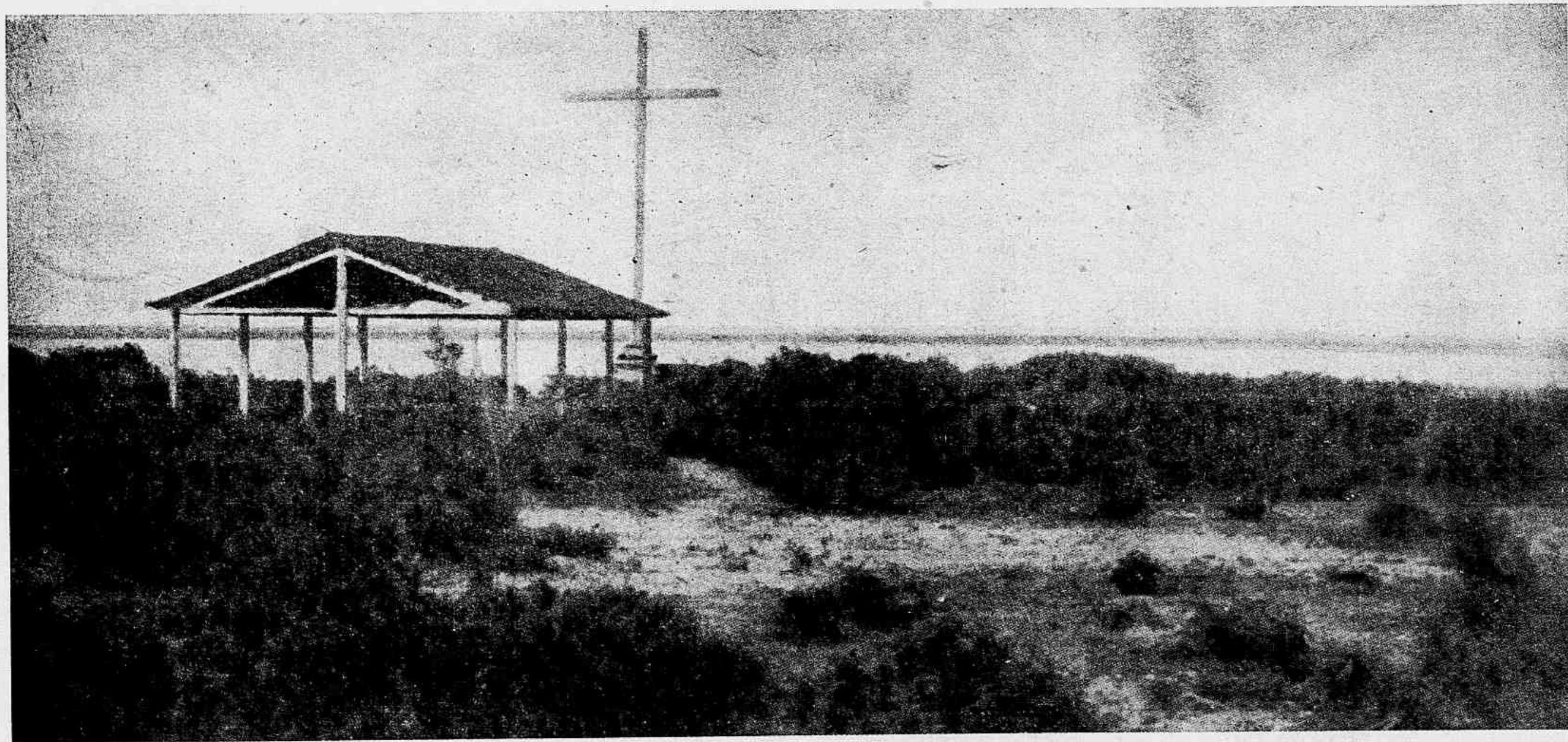
Data desse mesmo dia — e assim o consigna Pero Vaz de Caminha no seu precioso documento — a segunda missa resada no Brasil, que a grande tela de Vitor Meireles evoca com a denominação de «Primeira». Essa, em verdade, foi a primeira missa celebrada no continente, tendo sido a anterior oficiada em 26 de Abril no ilhéu da Corôa Vermelha e rememorada no quadro de Ramalho.

A carta de Caminha não é boa nem é má. É o que poderia ser. O escrivão que ia nomeado para a feitoria de Calicut tinha diante dos olhos uma terra e uma gente desconhecidas e não pôde embrenhar-se na transcendência das definições. Descreveu apenas com as côres que se lhe afiguraram mais precisas, com redundâncias inevitáveis em quem relatava uma sequência de dias movimentados. Muitos outros o fariam com menos extensão; ninguém, todavia, seria capaz de o fazer melhor. Dentro do pequeno horizonte que o seu olhar abrangia, nada lhe escapou e em todos os trechos do seu memorável documento teve sempre a preocupação de dar um índice de vida, enchendo os recortes

escrivão a linha plana da praia, a terra toda chã por cima e os «grandes arvoredos de ponta a ponta.» E a gente de bordo saboreou os palmitos das «muitas palmas de meã altura», amostras esparsas do maravilhoso Pindorama.

Pero Vaz de Caminha dourou a primeira página que se conhece sobre o Brasil, a sua «ilha da Vera-Cruz», de um carinhoso otimismo. Tudo lhe pareceu bem, até o ar da nesga de terra que teria, por predestinação, de ser o berço da nacionalidade. Adivinhou a opulência da fauna alada, porque «segundo os arvoredos são muitos, e grandes, e d'infindas maneiras, não duvido que por esse sertão haja muitas aves». Chegou a imaginar que os sinais que os indígenas faziam para o colar de ouro de Cabral e para um castiçal de prata de bordo e, em seguida, para terra, significavam que naquela região desconhecida eram conhecidos aqueles metais preciosos. E embora nesse primeiro contacto com a nova terra não se lhe deparassem nem o ouro nem a prata, ficou registrada a probabilidade da sua existência, que era uma realidade.

Caminha viu longe. Não se conhecem os pormenores da sua educação, o que não importa, porque não faltou quem registrasse o nome de Pedro Álvares Cabral entre os dos grandes analfabetos de outrora, guiado apenas por boa estrela que aclarava a cegueira literária, igual á de Pizarro. Entretanto, já se não pôde dizer que o escrivão fosse um iletrado. Ao menos, por dever de ofício... E não só não era um analfabeto, como também



do litoral e a escassa profundidade de terra que lhe cabia nas retinas de vultos de indígenas, ora comunicativos e ora arredios, ora deslumbrados pelos mesquinhos presentes que recebiam e ora animados pelo ingênuo compasso das suas dansas. Sempre, porém, imensamente pacíficos.

Fica-se a pensar em que o destino do Brasil dependeu dessa realidade toda fortuíta de haver Cabral ancorado naquele ponto e não em outro, de haver a gente da frota descobridora posto pé em terra onde os selvagens, ao invés de a receberem com demonstrações guerreiras, se prosternaram diante da Cruz de Cristo. «...e quando levantaram a Deus, que nos pozemos em jiolhos, elles se pozeram todos também, e em tal maneira socegados, que certifico a V. A. que nos fez muita devoção».

Tivesse Cabral tentado um desembarque em ponto outro, talvez não lhe houvesse sido possível fazê-lo, e Pero Vaz de Caminha teria sido obrigado a descrever uma região inabordable, semeada de legiões agressivas, em lugar de fazer o apêlo que fez a D. Manoel pela conversão do gentio inocente e pacífico. Semelhante circunstancia teria, sem dúvida, quando não impossibilitado, pelo menos retardado, e muito, a colonização do Brasil.

A carta de Caminha, de extensão supérflua — repetimos — é, como todos os relatórios, uma peça eminentemente descritiva. Tanto quanto possível, fala do aspecto e do hábito dos selvícolas, da fauna, da flora, e chega a ajuizar do clima, dizendo que «a terra em si é de muitos bons ares, assim frios e temperados como os d'Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora, assim o achamos, como os de lá». Não escaparam ao

não pode ser tido como uma creatura obtusa. Tinha visão. Tinha entendimento. Não enxergava apenas um palmo diante do nariz, como é de hábito dizer-se, porque visionava através dos séculos. Contou e formou juízo sobre o que lhe ficara ao alcance. Não podia mentir, como Marco Polo fizera três séculos antes, nem adivinhar, como fizera Nostradamus no seu século. Foi preciso e foi exato. O futuro, a maior pedra de toque da verdade, confirmou os longos relatos da carta inapagável, e isto é um verdadeiro padrão de glória, porque sagra a honestidade do narrador.

Num ponto da carta, todavia, Pero Vaz de Caminha transfigurou-se. Deixou a esfera terrena e pairou alto de mais. Foi vidente. Lobrigou a feracidade incomparável da nossa terra, penetrou no futuro distante, teve a intuição da eterna primavera brasileira, acreditou na pujança das forças vivas da natureza, e proclamou a sua fé nos destinos do solo que os seus pés pisavam pela primeira vez e o seu espírito era o primeiro a exaltar.

Que verdade maravilhosa anteviu! E ao antevê-la não guardou consigo a impressão e o pressentimento, extravasou-os no conceito que nunca foi esquecido e, antes, é o trecho sempre relembado e repetido, por ser uma síntese luminosa do seu relatório: «...de maneira que querendo-se aproveitar esta terra tam graciosa, dar-se-ha nella tudo, por bem das aguas que tem.»

E mal sabia Pero Vaz de Caminha que, séculos após, o dia 1.º de Maio — o da data da sua carta — viria a ser o Dia do Trabalho, mercê do qual a terra, em verdade, dá tudo.

Carlos Javau

LOGRADOUROS PUBLICOS — (RESPIGANDO NAS SEARAS ALHEIAS)

A PRAÇA DUQUE DE CAXIAS



A praça Duque de Caxias vista da rua Gago Coutinho.

«Esta praça havia sido grande lagôa entretida pelas enchentes do rio Carioca» — é o que afirma Vieira Fazenda nas suas «Antiquilhas».

Deve ter havido aí um derivativo do mais antigo caminho da cidade, que ligava os dois pontos primeiramente povoados, a Praia Vermelha e o morro do Castelo, isto é a primitiva fundação de Estácio de Sá e o segundo e definitivo pouso da cidade, o de 1565 e o de 1567. «Começando na rua da Ajuda, seguia, quasi sempre costeando o mar ou tendo-o á vista, para Gloria, Catete (bifurcando-se aí para o vale das Laranjeiras), Botafogo e Praia Vermelha», diz Moacir Silva no seu excelente livro «Kilometro Zero». A bifurcação apontada deveria passar pela lagôa que desapareceu e em cujo local hoje se vê a Praça Duque de Caxias.

Noronha Santos, em «Meios de transporte no Rio de Janeiro», assinalando curiosidades topológicas contidas em planta da cidade levantada em 1808 e publicada em 1812, explica que «do Catete, partia a estrada das Laranjeiras.»

O logradouro chamou-se Largo do Machado, primitivamente, Campo das Pitangueiras, Campo das Laranjeiras, depois. Em 1843, isto é um ano após a inauguração da igreja que ainda hoje é Matriz da Freguezia, passou a se chamar Largo da Gloria. Em 1869 tomou, porém, o nome que ainda conserva até agora — Praça Duque de Caxias. Este trecho é de Luís Edmundo.

Cabem aqui, entretanto, alguns reparos. A matriz da Gloria, salvo erro, foi concluída em 1872; o nome atual parece datar de 1899, e o logradouro nunca teve o nome de Campo das Pitangueiras. O logradouro que teve este nome foi a atual Praça José de Alencar, como se vê em Vieira Fazenda, cuja autoridade suprema abona esta afirmativa: «... Praça do Catete, ou antigo Campo das Pitangueiras em cujo centro existe a estátua de José de Alencar.» («Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro», vol. I, pag. 306).

O nome de campo ou largo do Machado proveio do apelido de um açougueiro — talvez o primeiro habitante do logradouro — que tinha talho de carne aí. E' o que se vê em Mello Moraes, que adianta como local do açougue as proximidades da estação da Jardim Botânico.

A influencia do nome ainda hoje perdura, tentando suplantar, com a recordação de uma creatura talvez analfabeta e certamente desconhecida, o nome do grande guerreiro que encheu de gloria o Brasil.

Ferreira da Rosa, em «Rio de Janeiro», in-

forma que «em 1810 foi demarcado e alinhado o quadrilátero com uma superficie de 15.269 metros quadrados», e que em 1872 foi concluída a igreja paroquial.

Foi em 1872 também que se realizou o ajardinamento da parte central da praça, a qual, como de hábito, tal como se dera com o jardim do Largo do Rocic (depois praça da Constituição e Praça Tiradentes), com o Passeio Público e com



A matriz da Gloria no começo do século.

o parque do Campo de Sant'Ana (hoje praça da Republica), foi cercado em volta por grades.

A bem dizer, todas as edificações de em torno eram de proporções modestas. Só o templo avultava nesse quasi final do século XIX. Em 1875, porém, ultimava-se a construção de outro edificio de relevo, onde se instalou uma escola municipal, depois denominada «José de Alencar».

A escola tem história, que merece uma evocação. Foi inaugurada com o produto de uma subscrição feita após a rendição de Uruguiana para levantamento de uma estátua a D. Pedro II. O imperador recusou o monumento, e a soma arrecadada foi, por vontade



A Escola José de Alencar na Praça Duque de Caxias.

De quem é a culpa?

Si V.S. sofre de dôr de cabeça, tonturas, pêsos, calor e mal-estar na cabeça, empachamento, dôres e outras perturbações do estômago, certas coceiras e irritações da pele, falta de apetite, preguiça e moleza geral, língua suja, quentura na garganta, mau gosto na boca, mal-estar depois de comer, indigestão, mau hálito, arrêtos, gases, dôres, cólicas, e outros desarranjos do ventre, azias, ânsias e vontade de vomitar, nervosismo e outras alterações da saúde provocadas pela prisão de ventre, a culpa é sua porque não se trata como deve.

Estas moléstias quasi sempre são causadas por impurezas, substancias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos, que invadem o sangue e prejudicam o organismo.

Para evitar e tratar estes sofrimentos, use **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre limpa o estômago e intestino das impurezas, substancias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosas doenças.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre
em casa **Ventre-Livre**



A estatua do Duque de Caxias.

expressa de sua majestade, aplicada em escolas: a do então largo do Machado e as das ruas da Matriz e da Harmonia. Por muito tempo se propalou que também a Escola Benjamin Constant, recentemente demolida, e que se erguia á praça Onze de Junho, fôra desse numero. Um engano como outro qualquer...

Ao centro da praça, no jardim, foi inaugurada a estátua equestre do Duque de Caxias, em 15 de Agosto de 1899, obra notavel de Rodolfo Bernardelli a perpetuar a gloria do grande cabo de guerra.

A inauguração do monumento ditou o crisma do logradouro, que passou de Largo do Machado a Praça Duque de Caxias.

Se a velha praça não mudou de configuração, variou bastante de aspecto, não só pelo levantamento de prédios modernos como por transformações outras.

Em 1903 foram retiradas as grades que cercavam o jardim, e a grandiosa matriz da Gloria, conservando o estilo do templo da Madalena de Paris e sem sofrer a menor lesão em suas linhas, parece haver sido transportada para outro local, em razão da grande diferença que apresenta á entrada.

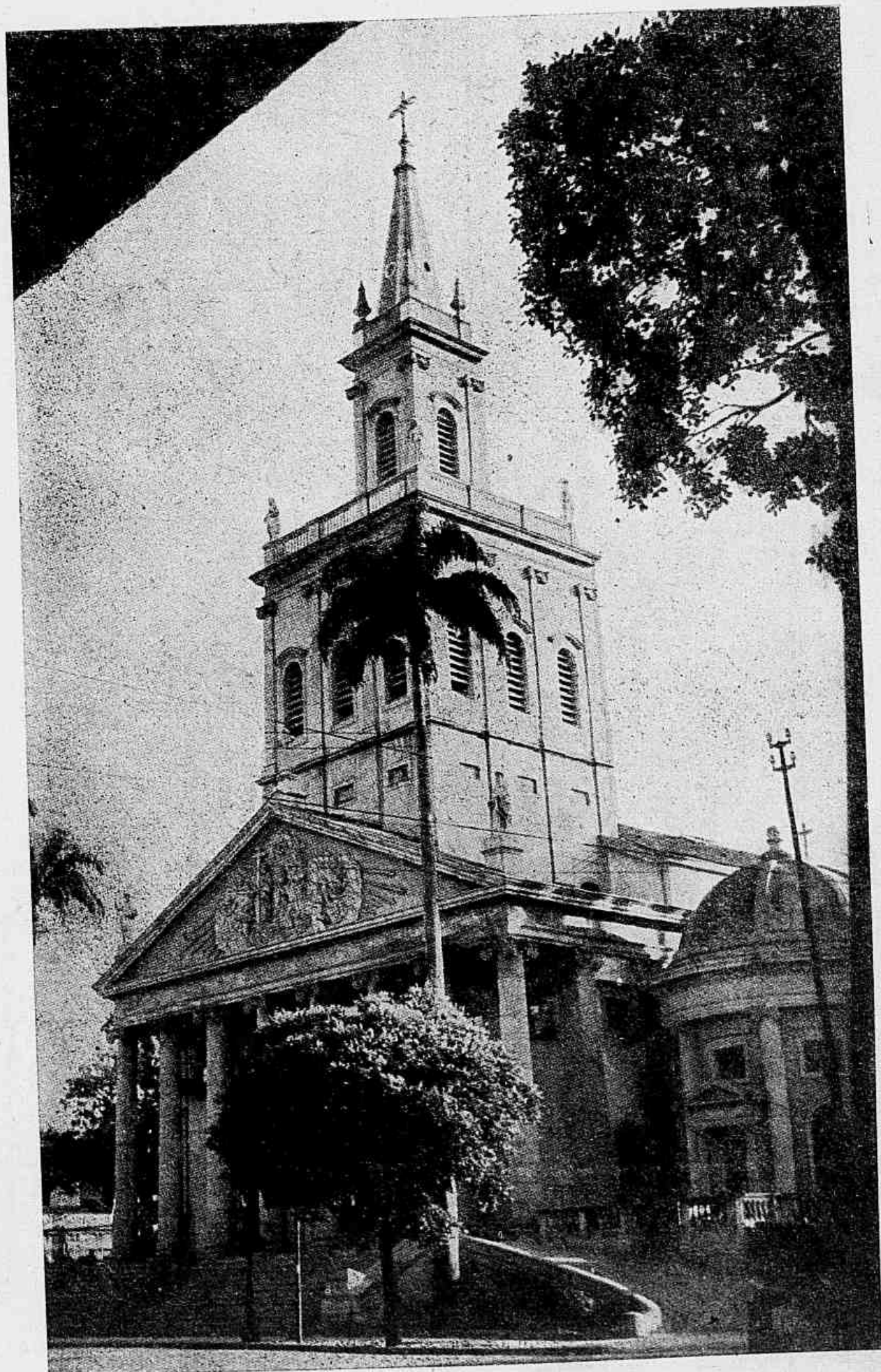
O.

Leia -- Artigos sobre :

A Cascata mais notavel do mundo;
O Egyto e os misterios de sua civilização;
O Marfim, e muitos outros assuntos da maior
atualidade, inclusive Aspectos da guerra, na
edição de Maio de

EU SEI TUDO

á venda em toda a parte.



Aspecto atual da Matriz da Gloria.

OUTROS RIRAM...



— Que terei eu, doutor, que estou hoje mais pálida ?
— Provavelmente, menos carmim do que ontem.



— Para que esse guarda-chuva, com um céu tão bonito ?
— Questão de prudência. Vou dar uma serenata à minha namorada... e o pai dela é um homem sem coração.



— E de que morreu o senhor seu marido ?
— Não me lembro do nome que o médico deu à doença. Só me lembro de ele dizer que não era coisa de gravidade.



O senhorio — Faz hoje um ano que o senhor não me paga o aluguel.
O inquilino — Sim! Pois sente-se e vamos celebrar esse aniversário com uma taça de champagne!



— Tenha paciência, a sua doença vai ser longa.
— Sem desfazer no seu diagnóstico, doutor... Mas eu não sou tão rico como o senhor imagina!

SEMPRE USEI...

PASTA DENTIFRÍCIA S.S. WHITE.

PASTA DENTIFRÍCIA S.S. WHITE
APROVADA PELO DN S.P. DORIO DE JANEIRO EM 31-12-924 508 Nº 3348
PASTA DENTIFRÍCIA S.S. WHITE
INDÚSTRIA BRASILEIRA

E GRAÇAS A ESTE EXCELENTE DENTÍFRICO MEUS DENTES SÃO VERDADEIRAS JOIAS!



— O senhor é casado, não ?
— Não, senhora; isto foi um desastre de automóvel.



— Pelo que vejo, a senhorinha me julga um perfeito imbecil.
— Engana-se. Sei muito bem que não há nada perfeito neste mundo.



— Há perigo, doutor? Estou com tanto medo...
— Mas que deseja a senhora saber? Se a molestia é grave... ou contagiosa?



— Alberico está na repartição como o peixe na água.
— Como assim? Que faz ele?
— Nada.



— Mas o cachorrinho que eu perdi era preto e não branco!
— Com certeza foi o desgosto de se ver separado de tão encantadora dona que o fez embranquecer...



— Vejo-o sair da farmácia... Está doente, senhor Gonçalves?
— Felizmente, não. A doente é minha esposa.

Santos e Efemérides da Semana

MAIO

2 Santo Atanásio. — Nascido em 296, foi eleito bispo de Alexandria, mas deposto por três vezes do seu bispado pelos arianos. Foi caluniado, banido, perseguido por quatro imperadores. Voltou, entretanto, triunfante, a Alexandria, onde morreu em 372, Doutor da Igreja.

— **Santa Raquilde.** — Virgem de S. Gall, na Suíça, e discípula de Santa Guiborade, passou a vida a praticar a piedade. Morreu em 946.

— **Santa Zoé.** — Esposa de Santo Exupero. Mártir. — Começa a funcionar no Rio de Janeiro o Correio Geral (1798). — Batalha de Estero-Bellaco (1866).

3 Invenção da Santa Cruz. — O imperador Constantino virá uma cruz no céu, sobre a qual estavam escritas estas palavras: *In hoc signo vinces* (Com este sinal vencerás). Realmente, derrotou por completo o tirano Maxêncio. Sua mãe, Santa Helena, para agradecer o favor de Deus, foi a Jerusalém procurar a verdadeira cruz de Jesus Cristo. Tendo-a achado, em 236, fez-lhe erguer um templo magnífico.

— **Santo Anfredo.** — Conde de Brabante. Soldado a princípio, imaginou fazer-se monge, quando Otton III o nomeou bispo de Utrecht. Nessa situação, trabalhou incessantemente pela glória de Deus e pela conversão das almas. Passou os últimos anos de sua vida no convento de Marienberg, que havia fundado, e onde morreu em 1010.

— **Santa Antonieta.** — Virgem da Nicomédia, sofreu as mais atrozes torturas, quando da perseguição de Domiciano, e foi morta a 3 de Maio de 99.

— Nasce no Salvador (Bahia) Rocha Pitta, historiador, patrono da cadeira n. 8 dos sócios correspondentes da Academia Brasileira (1660). — Abertura da Assembléa Constituinte por D. Pedro I (1823). — Batalha de Taquari (1840). — Falece em Lisboa Adelino Fontoura, natural do Maranhão, poeta, jornalista, patrono da cadeira n. 1 da Academia Brasileira (1884).

4 São Floriano. — Soldado na Austria. Tendo abraçado a religião cristã, recusou-se a sacrificar aos deuses, e foi cruelmente flagelado e depois lançado, com uma pedra no pescoço, nas águas do Ens, perto de Lorch (século IV).

— **Santa Mônica.** — Mãe de Santo Agostinho. Desposou um pagão, que converteu. Enviuvando cedo, consagrou-se á conversão de seu filho, que levava vida desordenada, á força de paciência, de lágrimas e orações, conseguiu o seu intento, e teve assim a glória de dar á Igreja Santo Agostinho, o maior dos Padres latinos. Morreu em 339.

— Proclamação da República no Crato, Ceará (1817). Prestam juramento no Senado os primeiros senadores do Império que formaram aquela Camara (1826). — Nasce em Rezende (E. do Rio) Luiz Murat, jornalista, poeta, filósofo, membro da Academia Brasileira (1861). — Combate de Andaf, no Chaco (1868). — Falece em São Paulo, onde nascera, Paulo Setubal, romancista, da Academia Brasileira (1937).

5 São Pio V. — Nasceu em Bosco, pequena cidade do Milanês. Educado por dominicanos, encarregou-se de pregar as ciências divinas. O brilho da sua pregação chamou a atenção de Pio IV que o nomeou Inquisidor e lhe conferiu a purpura em 1557. Por morte de Pio IV ocupou o sólio pontifício. Morreu com a idade de sessenta e oito anos.

— **Santa Valdrate.** — Virgem de sangue real que se fez religiosa. Tornou-se primeira abadessa de Saint-Pierre-aux-Nonnains, perto de Metz, onde morreu após um governo de cinquenta anos (século VI).

— E' creada a Real Academia dos Guardas-Marinhas no Rio de Janeiro, hoje Escola Naval (1808). — Combate de Carnaubal, no Maranhão (1840). — Combate de Calengo, no Maranhão (1840). — Falece o tenente-coronel José Maria Pinto Peixoto (1861). — Falece na Lagoa Santa o sábio dinamarquês Pedro Guilherme Lund (1880).

6 São João Apóstolo. — Apóstolo e evangelista. Pregador a princípio, foi discípulo de São João Batista e fez parte, finalmente, do colégio dos Doze. Após a morte de Jesus, governou diversas igrejas, notadamente a de E'feso. Compôs o seu Apocalipse, o seu Evangelho e as suas Epístolas. Na perseguição de Domiciano, foi conduzido a Roma e lançado numa caldeira de óleo fervente, da qual saiu vivo e salvo. Exilado, por fim, para Patmos, pôde voltar a E'feso, onde viveu até uma idade avançada (século I).

— **Santa Avoye.** — Virgem da Sicília, martirizada perto de Boulogne no século V.

— **Bemaventurada Panacéa.** — Nascida em Carrona, na Italia, sucumbiu aos maus tratos de uma madrasta, em 1383, com a idade de quinze anos.

— E' instalada no palácio do governo, no Rio de Janeiro, a Academia dos Felizes (1664). — Nasce o ministro do Supremo Tribunal Custodio Manuel da Silva Guimarães, no Ceará (1813) e Joaquim Caetano da Silva Guimarães, em Minas (1813). — O imperador D. Pedro I abre a primeira sessão da primeira legislatura do Império (1826). — Falece no Rio o grande orador sacro frei Francisco de São Carlos, natural da mesma cidade (1829).

7 Santo Estanislau. — Nasceu em 1030, perto de Cracóvia. Tornando-se bispo desta cidade, ousou reprová-la má vida do rei Boleslau, que, furioso, o matou com as próprias mãos enquanto celebrava os santos Mistérios, em 1079. A essa morte seguiram-se vários milagres, e Boleslau converteu-se. E' o padroeiro da Polonia.

— **Santa Valtrudes.** — Abadessa de um mosteiro de Mons, na Bélgica, falecida em 686.

— **Santa Eufrosina.** — Virgem, servçal de Santa Flavia Domitila, queimada viva com sua patrão na casa desta, que foi incendiada no reinado de Trajano, no século I.

— Falece no Rio Eusebio de Queiroz Coutinho Matoso da Camara, estadista que conseguiu reprimir o tráfico de africanos no Brasil (1868). — Falece na fazenda de Santa Mônica (E. do Rio) o marechal Luiz Alves de Lima, duque de Caxias (1880). — Falece o dr. Luiz Joaquim de Oliveira Castro, redator-chefe durante cerca de trinta anos do «Jornal do Commercio» (1888). — Falece em São Paulo Joaquim Pedro Vilaça, ministro do Supremo Tribunal (1897).

8 Aparição de São Miguel. — Festa instituída em memória do aparecimento de S. Miguel, arcanjo, príncipe dos anjos e protetor da Igreja, em 492, no monte Gargano, hoje monte de Santo-Angelo, perto de Manfredônia, na Italia.

— **São Pedro de Tarentaise.** — Com a idade de vinte anos, tomou o hábito monástico. Fez-se notar logo por uma grande doçura e uma caridade infinita e tornou-se arcebispo de Tarentaise. Pedro anunciou a palavra de Deus na Alsacia, em Borgogne e na Italia. Em 1170, foi encarregado pelo papa de reconciliar os reis de França e de Inglaterra, o que conseguiu. Morreu com a idade de setenta e três anos.

— **São Desidério.** — Bispo de Bourges, que assistiu ao 5.º concílio de Orléans e governou sabiamente sua igreja. Morreu em 550, aproximadamente.

— **Santa Joana d'Arc.** — Humilde pastora de Domrémy, nascida em 1412. Após várias visões resolveu expulsar os ingleses da França, o que conseguiu. Prisioneira em Compiègne, foi julgada e queimada viva em Ruão, em 1431. A Igreja canonizou-a em 1920.

— **Bemaventurada Catarina Tomaz.** — Nasceu na ilha Maiorca em 1553. Obteve, por suas virtudes, o dom dos milagres e morreu em 1574.

— Nasce no Rio de Janeiro Antonio José da Silva, o «Judeu», grande teatrólogo, patrono da cadeira 2 dos sócios correspondentes da Academia Brasileira (1705). — Falece o marechal Francisco Cordeiro da Silva Torres e Alvim, visconde de Jerumirim, presidente da sessão de instalação do Instituto Histórico (1856). — Falecem no Rio os ministros do Supremo Tribunal João José da Veiga (1843) e Francisco Domingues da Silva (1886). — Começa a retirada da Laguna, dirigida pelo coronel Carlos de Moraes Camisão (1867). — Falece no Rio o senador e ministro de Estado Bernardo de Souza Franco, visconde de Sousa Franco (1875).

ESMALTE
Lalaque

Nas cores

BRANCO
ROSA NATURAL
ROSA RUBRA
ROSA CORAL
ROSA ANTIGO
CARDINAL
RUBY
CYCLAMEN
GRENAT

Com o novo esmalte Lalaque
suas unhas brilham como joias!
Dura mais e custa menos!

A venda em todo o Brasil

A PRIMEIRA MENTIRA

Conto russo de
A. P. TCHEKHOW

Nicolai Ilitch Béliáeff, homem dos seus trinta anos de idade, robusto e corado, proprietário em São Petersburgo, frequentador de corridas de cavalos, foi naquela noite a casa da sua boa amiga Olga Ivanowna Irmina. Conforme o seu próprio dizer, ambos se sentiam fatigados pelo esforço de continuar um romance já longo e cada vez menos comovedor. Com efeito, tinham lido as páginas desse romance verdadeiramente cheias de emoção; e as seguintes nada lhes ofereciam de imprevisto ou sequer de interessante.

Olga Ivanowna tinha saído; e o nosso herói acomodou-se, para a esperar, numa poltrona do salão.

— Boa noite, Nicolai Ilitch! saudou uma voz de criança. — Mamãe não tardará a voltar. Foi, com Sonia, à costureira.

Num canapé estava deitado o filho de Olga Ivanowna, Alescha, menino de oito anos, de compleição delicada. Vestia casaco de veludo e longas meias pretas.

— Olá, amigalhão! respondeu Béliáeff — Não te tinha visto. Como vai mamãe?

Alescha deu de ombros, muito sério:

— Ora! Ela nunca vai bem. E' uma senhora, e as senhoras teem sempre alguma coisa de que se queixar...

Na penumbra, o rosto pálido do menino, com os seus grandes olhos negros, evocou subitamente a Béliáeff a imagem de Olga Ivanowna, tal como era ao principio dos seus amores. E assim ele teve vontade de acariciar os cabelos da criança:

— Vem cá, Alescha. Quero te ver mais de perto. — O menino aproximou-se. — E tu? Como vais?

— Ora! repetiu o menino, no mesmo tom de há pouco. — Dantes ia bem melhor...

— E por que isso?

— Porque dantes Sonia e eu só estudávamos a nossa lingua e música. E agora obrigam-nos a aprender também francês. E' muita coisa! — Encostou-se bem ao peito de Béliáeff e começou a brincar com a corrente do relógio. — Quando eu fôr para o collegio, também terei um relógio. Mamãe já disse que m'o comprava. E hei de lhe pedir uma medalha como esta. Papai também usa uma, mas com outro desenho deste lado, e do outro as suas iniciais... E dentro traz o retrato de mamãe.

— Como sabes disso? Vês teu pai de vez em quando?

— Eu?... Não!

Tinha corado; e passava a unha com força no desenho da medalha, confuso, aflito por ter sido imprudente. Béliáeff olhou-o fixamente e perguntou:

— Tens visto teu pai?

— Não!

— Não? Responde direito. Tenho certeza de que não dizes a verdade, já vês que não te adianta mentir. Além disso, somos ou não somos amigos? Vamos, dize: Vê-lo muitas vezes?

Alescha ficou um momento pensativo e depois, em tom de súplica:

— Mas o senhor não diz a mamãe?

— Que pergunta! Fala.

— Palavra de honra?

— Palavra de honra.

— Jure!

— Mas que idéia fazes tu de mim?

Alescha olhou em volta, receoso de que alguém pudesse escutar, e começou, gravemente:

— Veja lá... Nem a mamãe nem a pessoa alguma... Deus me livre! Si mamãe soubesse, zangava-se de verdade, e não só comigo mas também com Sonia e Pelagia. Sim, é verdade, vemos papai todas as terças e sextas-feiras. Quando Pelagia nos leva a passear, vamos à confeitaria do Apfel onde papai nos está esperando...

— E, ali, que é que vocês fazem?

— Nada... Depois de nos beijar bastante, papai leva-nos para uma mesa. Dá-nos bolos doces, bebidas ainda mais doces... E às vezes co-

memos tanto que depois, em casa, não temos apetite e precisamos de fazer força para jantar.

— E de que falam vocês?

— Com papai? De tudo. Ele nos abraça, nos beija... E conta historias tão engraçadas... Diz que, quando formos grandes, nos levará para morar com ele. Sonia não quer, mas eu bem que quero! Mesmo porque papai, então, me comprará um cavalo! E' tão bom, papai... Não sei porque mamãe não o deixa viver conosco e nos proíbe de o ver...

— Com que então... atalhou Béliáeff, vocês se encontram nas confeitarias... e tua mãe não sabe, hein?

— Oh, não! Como poderia saber? Mais depressa Pelagia se deixaria matar do que contaria este segredo!

— E dize-me: Nunca fala de mim, teu pai?

— Do senhor?...

Alescha fitou os olhos angustiadamente no rosto do interlocutor e arriscou:

— Às vezes... Mas coisas sem importancia, coisas à toa...

— Por exemplo...

— O senhor não se zanga?

— Qual o que! Podes falar à vontade!

— Papai não gosta do senhor. Diz que foi o senhor que perdeu mamãe e fez a sua desgraça. Eu ainda respondia que o senhor era bom, que não brigava com mamãe; mas papai abanava a cabeça, como quem não acredita...

Béliáeff tinha se levantado e caminhava a passos largos pela sala.

— Esta é boa... resmungava ele, sacudindo os ombros e com um sorriso sarcástico na face. — Foi ele o causador de tudo e agora atribue-me a culpa, a mim. Que ingenuidade... ou que cinismo! — E, voltando-se para o menino: — Com que então, disse-te que eu tinha desgraçado tua mãe?

— Sim, mas... O senhor prometeu que não se zangava...

— Zangar-me, não... Mas, si me zangasse, que tinhas tu com isso?

— Continuou a passear, a falar por entre dentes: — Não faltava mais nada! Eu que fui apanhado como um criança, um imbecil, passar agora por único culpado!

Tocaram a campainha. Alescha precipitou-se, desapareceu por uma porta. Momentos depois, entrava uma senhora, seguida duma menina. Era Olga Ivanowna que voltava, com a filhinha. E atrás marchava o menino marcialmente, cantando e balançando os braços. Béliáeff cumprimentou-as com um simples sinal de cabeça e continuou a andar dum lado para o outro.

— Naturalmente... resmungava ele, furioso. — Portei-me como um criminoso, um monstro, e quem tem razão é ele, o marido ofendido!

— Que tens tu? contrariou-te alguém?

— A mim? Escuta o que teu marido anda propalando por aí... Que sou um canalha, um miserável; que te desgraçei, a ti e às crianças... Todos vocês são desgraçados, ao passo que eu sou felicíssimo, o que possa haver de mais feliz neste mundo!

— Não compreendo, Nicolai. Que aconteceu?

— Pergunta a esse cavalheirinho! respondeu ele, indicando Alescha.

O menino corou, logo a seguir empalideceu; e todo o semblante se lhe cobriu de terror.

— Nicolai Ilitch! suplicou ele, baixinho. — Cale-se, pelo amor de Deus!

— Sim, pergunta-lh'o! A idiota da Pelagia leva-os a uma confeitaria, para se encontrarem com o pai. Não é, porém, disso que se trata. Trata-se do seguinte: que o pai é um santo, uma vítima, e eu um bandido, um monstro, que estraguei a vida de toda a gente!

— Nicolai Ilitch! gemeu o pequeno. — O senhor me deu a sua palavra de honra!

— Deixa-me! exclamou Béliáeff, agastado ao extremo. — Ainda por cima, este fedelho a aborrecer-me, como si houvesse palavra de honra diante duma hipocrisia, uma mentira destas!

— Não compreendo... repetiu Olga Ivanowna, com os olhos repentinamente cheios de lágrimas. — E, voltando-se para o filho: — Alescha! Tens falado com teu pai?

Mas o pequeno, imovel e como si houvesse ensurdecido, não arre-dava de Béliáeff os olhos cheios de espanto.

— Mas isto não pode ser! exclamou a mãe. — Vou perguntar a Pelagia.

E saiu.

— Escute, o senhor me tinha dado a sua palavra de honra... insistiu Alescha, trêmulo de emoção.

Béliáeff fez um gesto de impaciencia e continuou a passear pela sala. De tão absorvido por aquilo que considerava uma ofensa, nem dava agora pela presença do menino. E Alescha, encolhido a um canto, explicava baixinho a Sonia a maneira como fôra enganado. Pela primeira vez na vida entrara em contacto com a mentira. Não sabia até então que, si há no mundo bolos doces, relógios e cavalos, existem também muitas coisas que não teem nome na linguagem das crianças.

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das revistas nacionais
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e nos Grandes Premios
nas Exposições de Sevilha e Antuerpia em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo
em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — 63\$000; seis meses — 32\$000.
Registrada: Um ano — 80\$000; seis meses — 40\$000.

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — 170\$000; seis meses — 90\$000.

O número avulso custa 1\$500 em qualquer parte do país; o número atrasado: 2\$000.
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço Telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro.
Telefones — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570;
Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Tem agentes em todas as localidades do territorio nacional.

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia
Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal
434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente 1746, Montevideo.

Todos os originaes enviados à REVISTA DA SEMANA devem vir datilografados, e os
trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

ESTE NUMERO CONSTA DE 44 PAGINAS

— Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito —

A SEMANA QUE PASSOU

(DE SEGUNDA A DOMINGO)

A historia ocorrida na localidade mineira de Coração de Jesus é dessas que se contam com arrepios. E' um drama da lavoura, pungentissimo, comovedor. Um agricultor do distrito de Lapinha dedicou-se durante anos ao seu canavial. No momento, a cana havia amadurecido e ele, então, foi em busca de quem a moesse, foi em procura de braços humanos para o trabalho, prometendo a terça parte aos que o auxiliassem. Prometeu depois a metade. Nada! Os braços todos que poderiam ajudá-lo tinham mais que fazer, empregados nos trabalhos de minerios... E ele andou, andou, como um judeu errante, por aqui e por ali. Chegou longe, pedindo, suplicando que lhe fossem moer a cana de todo o largo trato de terra que esplendia, virente, à espera da compensadora realização da safra.

Não foi tão infeliz como aquele que parecia clamar no deserto e que dizia, no auge da amargura,

"Chamo, ninguém me responde;
Olho, não vejo ninguém!"

Não, porque, enfim, sempre lhe respondiam alguma cousa. Mas esse alguma cousa era a quintessencia da ironia. Cana! Mas para que a cana, se já a havia em demasia?

Foi então que ele compreendeu a inutilidade do esforço perdido. Foi então que ele desesperou. E sem encontrar braços outros além dos seus, que o ajudassem na tarefa necessaria e urgente, ateou fogo ao canavial, inflamando os horizontes, incandescendo o proprio céu, para que num longo raio de quase meia duzia de leguas pudessem os olhos dos outros homens sentir o justo protesto de um desgraçado que trabalhara porfiadamente para chegar à miseria...

—oOo—

ATE' PARECIA GENTE... — Sobre as aguas da baía foi visto, boiando, um resto de corpo humano. Parecia que os peixes já haviam destroçado o que faltava àqueles despojos.

A policia, como lhe competia, fez remover o pedaço quasi informe para o necrotério, afim de ser examinado, e procurou fazer as diligencias que em casos tais se impõem.

A pericia, entretanto, resolveu o assunto, porque, no fim de contas, o que parecia ser um pedaço de corpo humano, nada mais era do que um pedaço de carne de boi!

O epilogo da historia é de facil previsão. Se aquilo fosse mesmo um bocadinho de corpo humano, procurar-se-ia identificá-lo e talvez ele acabasse indo para a necropole num carro de luxo; mas, como era de boi, foi parar à Sapucaia num carro de lixo...

—oOo—

TAMBEM ASSIM, NÃO! — O noivado chegara à fase final, à definitiva: as justas nupcias, como se diz em Direito.

Ele e ela foram à presença do juiz para a ultima demão no sonho que estava a transformar-se na realidade sonhada.

Ela ia pela primeira vez a semelhante cerimonia; ele, porém, já se sentia veterano, porque ia casar-se pela segunda vez. Viuvo e com um filho de primeiras nupcias. Na hora H, o juiz declarou que iria uní-los, sem apelação cutra além da imbecilidade do desquite — se acaso este pudesse ser necessario algum dia —, mas que o casamento seria sob o regime de absoluta separação de bens.

Aí o caldo entornou-se! Assim, sim; mas tambem assim, não! Ela, menor e solteira; ainda acreditava no amor, mas na separação nunca!... Nem de bens que fosse...

—oOo—

A NOVA CORTIÇA. — Descobriu-se em Minas que uma arvore que, ao que parece, não tem valor algum economico, não sendo mesmo aproveitada a sua lenha, produz uma cortiça que os entendidos classificam como de primeira qualidade.

A descoberta — como toda outra — alimenta um mundo de conjecturas, e a gente do lugar já está a pensar em que a arvore dadivosa se transformará, mercê da casca, numa esplendida fonte de renda, dada a sua abundancia na região. Essa arvore é o "pau santo".

O hoje prestigioso vegetal estará a pensar lá com os seus botões na sorte de tudo que há no mundo. Ainda ontem, era uma arvore vagabunda, imprestavel; agora, porém, já merece reverencias. Agora, sim, é que a arvore é "pau santo" de verdade, quando a gente da terra chegou a conhecer o pau pela casca...

—oOo—

A ESPADA ROMANA. — Um homem que há tempos quis dar cabo da familia toda e que, depois de ter sido condenado, obteve o livramento condicional, ao sair da penitenciaria, em São Paulo, voltou espetacularmente ao cartaz do crime.

Afiara ele uma peça de automovel, a que deu o nome de "espada romana", a pretexto que tinha nas veias o sangue dos Cesares. Por outro lado, conseguiu uma especie de metralhadora portátil, um revólver com tambor para sessenta e duas balas! Assim munido e premunido foi em procura da ex-esposa. Encontrou-a. Sacou da formidável espada... e zás! Mas a mulher, abaixando a cabeça, foi apenas atingida no parietal, que sofreu fratura, o que não impediu ficasse em estado desesperador.

Ele — está claro — voltou à cadeia. E agora, matutando na enxovia, terá por força de acreditar que a "espada romana" não valia nada...

—oOo—

ONDE E' QUE ELA ESTA'? — Chegou ao Rio um individuo vindo de S. Paulo. Isto, aliás, acontece todos os dias; mas parece que o de quem tratamos é unico, pelos fins que lhe determinaram a viagem.

O referido individuo veio procurar a esposa, que há varios dias desaparecera de casa. E, para dar maior importancia à busca, declarou à imprensa que vinha no encalço da possivel fugitiva porque não só um filhinho do casal, gravemente enfermo, queria vê-la, como tambem a sogra, doente, ansiava pelo regresso da filha.

E ele? Está-se a ver que com todas as iscas atiradas não tem o menor desejo de encontrar a esposa...

E ela?

E' difficil responder. Melhor será aceitarmos a formula acomodaticia daquele outro que dizia vamos deixar como está, para vêr como fica...

—oOo—

MENOS UMA CAUSA DE DIVORCIO... — Um médico norte-americano divulgou, dentro da sua especialidade em molestias de nariz e garganta, o remedio encontrado para eliminar o ruido incomodo dos que só podem dormir roncando...

Fique o seu nome aqui registrado: dr. Jerome F. Strauss.

Pelo nome não perderá... Strauss relembra uma dinastia de musicos, e nada há mais anti-musical do que o ronco...

O relato vem a proposito, porque uma creatura procurou divorciar-se do marido, justificando o pedido com o fato de ser ele um emerito roncador. Talvez ela ignore a nossa quadra popular:

"Eu não tenho medo de homem
Nem do ronco que ele tem...
O bezouro tambem ronca,
Vai-se vêr, não é ninguém!"

Mas se ignorava, ficou sabendo que o ronco é curavel. E como o marido ficou curado... foi posta uma pedra em cima do divorcio.

RIGADIN

UMA DESCOBERTA SENSACIONAL PANTOTENATO DE CALCIO

Provocou consideravel interesse um artigo que apareceu na edição de Fevereiro ultimo da revista "Good Housekeeping" sobre o uso de Pantotenato de Calcio para restaurar a cor natural aos cabelos grisalhos. A firma E. R. Squibb & Sons, de New York, há algum tempo que vem fazendo experiencias com Pantotenato de Calcio; mas, como ainda não terminaram as experiencias, nos é impossivel confirmar ou negar os resultados mencionados neste artigo. Em vista, porém, do artigo ter sido muito discutido e transcrito inumeras vezes, achamos que valia a pena apresentar aos nossos leitores, embora o façamos somente a titulo de informação, os pontos salientes das experiencias realizadas pelo Good Housekeeping Bureau.

De 25 homens e mulheres que se ofereceram para seguir o tratamento, 22 — ou 88% — mostraram evidencia positiva de ter o cabelo voltado à sua cor natural. Deram-se a onze destas pessoas 10 mgm. diariamente de Pantotenato de Calcio por via bucal; a sete deram-se 10 mgm. diariamente durante três meses e 20 mgm. diariamente durante quatro meses; às sete restantes deram-se 10 mgm. diariamente além das caspulas B. Complex. Não houve evidencia alguma de que a restauração da cor do cabelo fosse apressada pela dose maior ou pela dose suplementar.

O tempo necessario para que se torne evidente a restauração da cor do cabelo varia de um a seis meses. Salientou-se que, mesmo quando o efeito é rapido, talvez seja preciso um ano, ou muito mais tempo, para completar o processo e restaurar a cor a toda a cabeleira. Depois que a cor natural começa a aparecer perto das raizes, deve-se dar tempo ao cabelo para crescer e raramente este crescimento excede a media de 1,27 centimetros por mês. E' possivel que a cor natural não apareça em toda a cabeça ao mesmo tempo. Areas simetricas, talvez nas temporas ou atrás da cabeça, podem ser as primeiras a mostrar traços da cor natural, depois do que esta se espalhará pelas outras partes da cabeça. Nalguns casos, uma unica faixa permanece obstinadamente branca durante meses, depois que

a cor foi restaurada parcialmente às outras partes do cabelo da cabeça.

Não houve nenhum indicio de que o Pantotenato de Calcio produzisse qualquer efeito prejudicial quando tomado em doses diarias de 10 ou 20 mgm. As anotações de outros pesquisadores mostram que este remedio pode ser dado a entes humanos e a animais, em quantidades muitas vezes maiores, sem qualquer efeito prejudicial visivel.

Parece que os resultados não são afetados pela idade. Os efeitos mais rapidos foram obtidos com um homem de 50 anos e os mais demorados com uma moça de 23 anos.

Para a mãe e o filho



MALTOGENO
"Granado"

Medicação
tônico - nutritiva
útil às MÃES e
AMAS DE LEITE



T. TARQUINO



A carinha risonha

de seu filho pode tornar-se pallida e triste, quando a diarrhea, atacar-lhe o organismo. Nestes casos, confie nos conhecidos comprimidos de Eldoformio, um producto de "Bayer".

Ao primeiro symptoma de diarrhea, dê ao seu filho comprimidos de



Eldoformio

Bom para os adultos como para as crianças.

PENSAMENTO

O livre-pensador, filho do liberalismo, é tão pouco livre que deante d'ele não se pode celebrar a grandeza dessa grande cousa que é o cristianismo, sem ser logo considerado clerical. A sua liberdade é uma liberdade de antolhos, só lhe aponta um caminho e esse mesmo errado: o do combate á Igreja, como necessidade imprescindivel para libertar os homens.

G. B.



CONFUSÕES



A 21 de Abril, seu Cabral viuervas e aves marinhas...

-Não entendo essa gente...



É só descobriu o Pindotama nesta data atrazada?



A 22 de Abril viu o cabeça do monte Pascoal



-Não descubrem, então quando me descobriam?!

LIVROS NOVOS

MEDITAÇÕES, de A. Austregésilo, da Academia Brasileira — Rio de Janeiro, 1942.

A obra educativa do professor Austregésilo vem de longe. Bem podemos dizer que, muito antes de ser professor, já ele era mestre. Durante o seu curso de Medicina, lecionava os alunos dos anos anteriores e porventura os próprios condiscípulos. Tinha nascido para revelar, explicar, transmitir aos outros o que houvesse de aprender pela vida fóra. E, desde que se entendeu, a primeira coisa que notoriamente fez foi ensinar.

Tal a sua missão na ciência e nas letras brasileiras. Sempre, tanto quanto possível, a exerceu; e não se cansará nem se desiludirá jamais. Se tivesse de escolher entre as suas atividades — e isto, ele próprio o declarou um dia — uma única, exclusiva, decidir-se-ia pela de docente. Por mais que lhe custasse renunciar a qualquer das outras atividades: clínico, diretor dum sanatório, homem de letras, presidente de instituições científicas, todas sacrificaria aquela que constitui o mais alto prazer do seu espírito e a melhor correspondência aos impulsos do seu sentimento. A tal respeito, proferiu uma frase familiar mas eloquentíssima: «Tirem-me tudo, mas deixem-me os meus rapazes.» Ha nessas palavras singelas alguma coisa de superior e suave, que conjuga, em pura harmonia, o amor e o orgulho paternais. Ora, os livros do sr. A. Austregésilo estendem a todos nós aquele ideal enternecido e magnânimo.

Desde os **Pequenos Males** especialmente, isto é ha trinta anos, que ele, com extremado empenho, com energia e fé inquebrantáveis, como um inspiado, um apóstolo, consagra o melhor do seu tempo a instruir-nos quanto á maneira de cuidarmos nós mesmos do vigor do nosso corpo, da limpidez da nossa inteligência, da sensibilidade do nosso coração. Aquele livro admirável, pelo que de benéfico e de belo põe ao alcance de qualquer mentalidade, sucederam **Preceitos e Conceitos**, **A Cura dos Nervosos**, **Educação da alma**, **As forças curativas do espírito**; e são hoje dezenas da mesma índole e da mesma elevação, da mesma nobreza e da mesma formosura. Agora, as «Obras Completas» do professor Austregésilo — que nunca se completarão enquanto ele viver, porque sempre desejará fazer por todos nós mais alguma coisa — dão-nos a segunda edição, aumentada, das **Meditações**. Aqui encontramos

o fundo exemplar e a forma sugestiva de sempre. E ha uma página que dá a impressão de tudo abranger e resumir:

«A grandeza da vida é dada pelo ideais, pela cultura espiritual e pelo apuro do sentimento. As dores que nos atravessam a alma nada valem diante das perspectivas de bens intelectuais e morais, diante das formas idealísticas do nosso aperfeiçoamento. Que prazeres inefáveis nos dão a arte, a ciência, a religião, o bem humano, enfim todos os matizes dos ideais! O ciclo dos nossos sonhos estende-se indefinidamente; o desejo de realizá-los torna-nos fortes e corajosos para suportar as lutas dos interesses vitais e sociais... Existe no domínio subjectivo um mundo de prazeres, e fazemos nós mesmos parte dos obreiros do progresso, porque acompanhamos a luz magnífica emanada dos ideais.»

CARTAS AS MOÇAS, por Maróquina Jacobina Rabello — Rio de Janeiro, 1942.

Conforme em rápida nota preliminar nos explica a autora, este livro se compõe de artigos solicitados por um órgão da imprensa religiosa. Tratava-se duma colaboração permanente, que atraísse e cativasse o publico feminino, prestando-lhe algum serviço valioso e não apenas o de recreio ou mero passatempo.

A principio, a sra. Maróquina Rabello não sabia bem que orientação, que objectivo deveria dar aos seus artigos. Reflectindo quanto á autêntica ou pretensa instrução das suas irmãs de hoje, considerava ela: «Que dizer pois a essa mulher que presume tudo saber? Conselhos? não me atreveria, que não são feitos para a época: enfadam. Lições? não importaria isso numa disciplina, incompatível com o afã da vida presente? Tremo do receio de tirar as moças das multiplas diversões para escravizá-las por momentos á minha palestra insossa e sensaborona.» Mas a vontade de bem servir e a esperança de bem fazer prevaleceram contra aquela hesitação inicial. As «cartas» se sucederam sobre questões e assuntos diversos. Ou as leitoras indicavam a matéria sobre que desejavam ser esclarecidas, ou a epistológrafa, sem se dar ares de Mme. de Sévigné, muito menos de Montesquieu, se deixava levar pela inspiração do dia, a impressão do momento. Assim se dirigiu á juventude interessada, falando-lhe de literatura antiga, de mitologia, de educação religiosa, das viagens pelo Brasil e pelo estrangeiro, de que a escritora trouxe indeleveis recordações. E desses trabalhos se forma o presente volume que, da primeira á ultima das suas cento e sessenta páginas, nos oferece a mesma feição despretenciosa e a mesma nota de sinceridade.

LIVRO DO SOLDADO BRASILEIRO, autor: Soldado n. 119 — Rio de Janeiro, 1942.

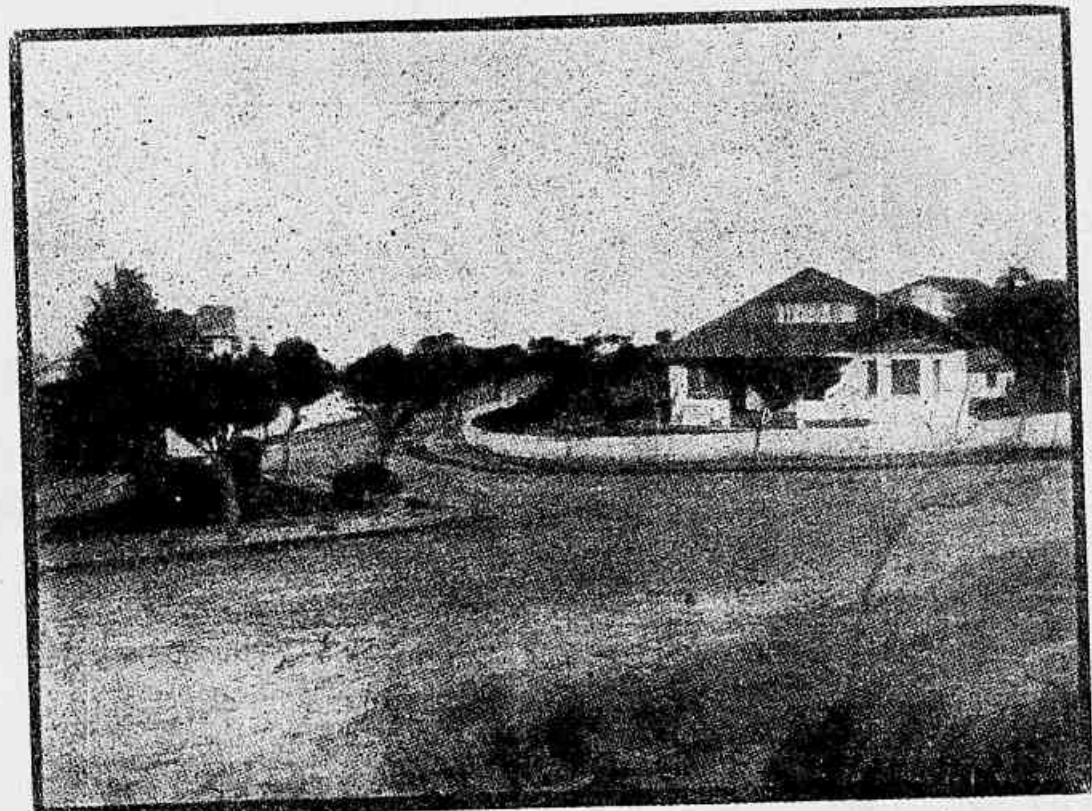
O Soldado n. 119 realizou uma obra em todos os aspectos simpática e louvável. Estudioso e já bastante instruido, lembrou-se dos camaradas menos felizes, a quem faltara o ensino ou não fóra imposta a obrigação de aprender.

Nem todos os analfabetos teem culpa dessa baixa condição. A muitos, quando deviam entrar para a escola primária, os pais os mandaram trabalhar rudemente... e lucrativamente. Mourejavam, crianças ainda, para ganhar o pão dos maiores — que, em muitos casos, vadiavam. Entregues a misteres pesados, exaustivos, as horas de descanso se lhes tornavam poucas para que o organismo debil realmente descansasse. Não se lembravam de estudar, e muito menos aos responsáveis pela sua vida e o seu futuro ocorria dar-lhes qualquer especie de educação. Assim cresceram, se fizeram homens, sem a noção dos benefícios que o livro lhes proporcionaria. Não podiam imaginar as vantagens, as virtudes e a riqueza, a utilidade e os prazeres daquilo que ignoravam. E só agora talvez, entre os camaradas do quartel onde vão fazer o serviço obrigatório, sentem o desgosto e o vexame da sua inferioridade.

Foi para esses homens, especialmente, que o Soldado n. 119 organizou o **Livro do soldado brasileiro**. Não teve a pretensão — como ele próprio declara — de fazer coisa original ou sem defeitos. Cita os autores de quem se valeu; e no correr do volume encontramos páginas de vários colaboradores, a maior parte soldados rasos, levadas pelo mesmo nobre sentimento. Nas primeiras lições de leitura se reflete, como em inumeros outros compêndios, o método da admirável, inspirada seguem-se historietas singelas, de sentido e demoldes tendentes a cativar o discípulo, já o enternecendo já o fazendo rir. Veem depois versos, canções, trechos de História Pátria. E, por entre esses elementos do ensino progressivo de ler e escrever, se vão insinuando os algarismos, os números, as quantias, os cálculos que levarão suavemente ás quatro operações.

O Soldado n. 119 e os seus colaboradores formam realmente uma brigada benemerita.

TERRENOS



OS MELHORES, MAIS
SAUDAVEIS E PITO-
RESCOS SÃO OS DO

JARDIM GUANABARA

NA

Ilha do Governador

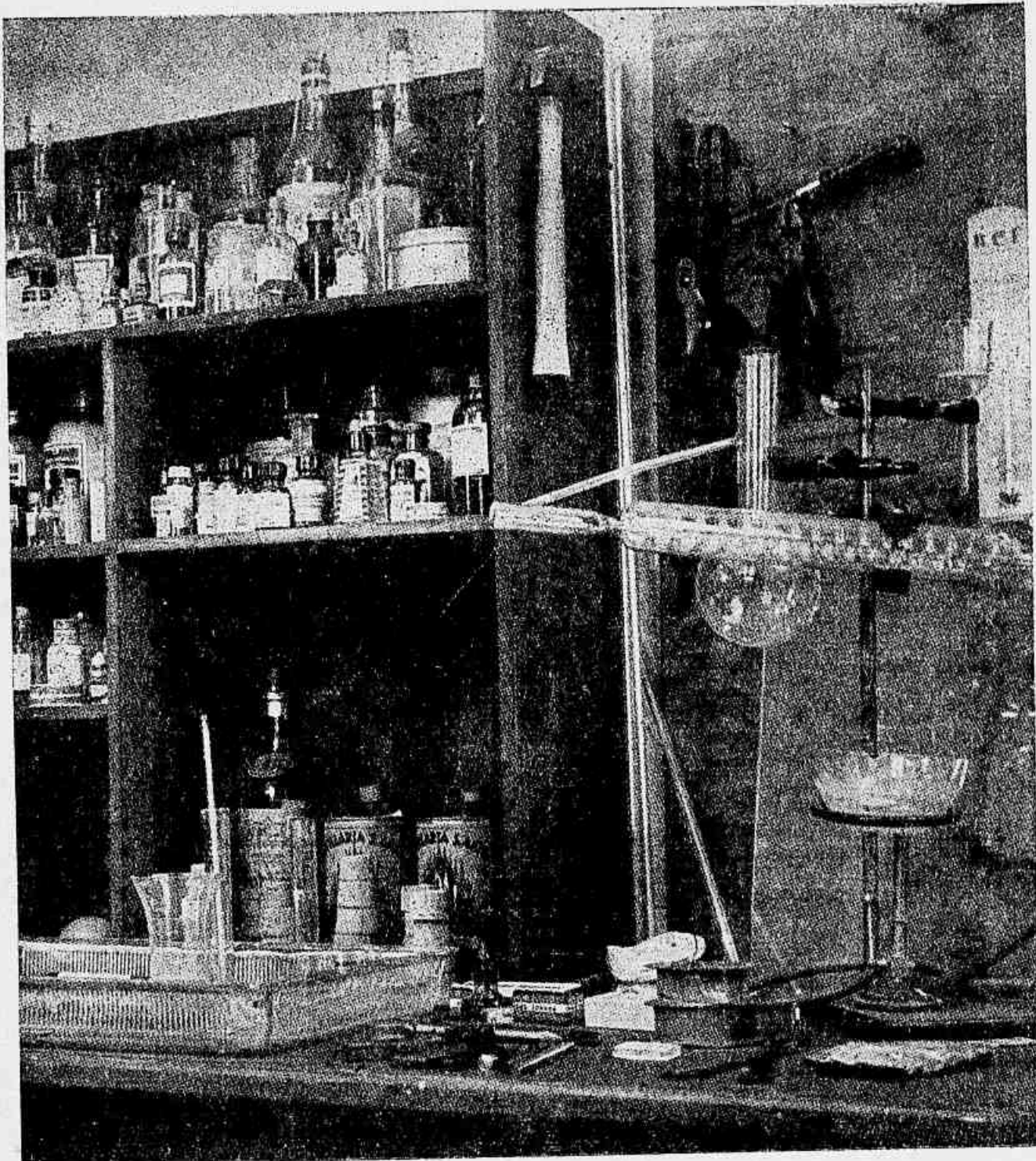
PEÇAM INFORMAÇÕES E PROSPECTOS A
COMP. IMOBILIARIA SANTA CRUZ

AVENIDA RIO BRANCO,
108 — 13º. ANDAR.
TEL. 22-6719 e 22-6752 —
RIO DE JANEIRO

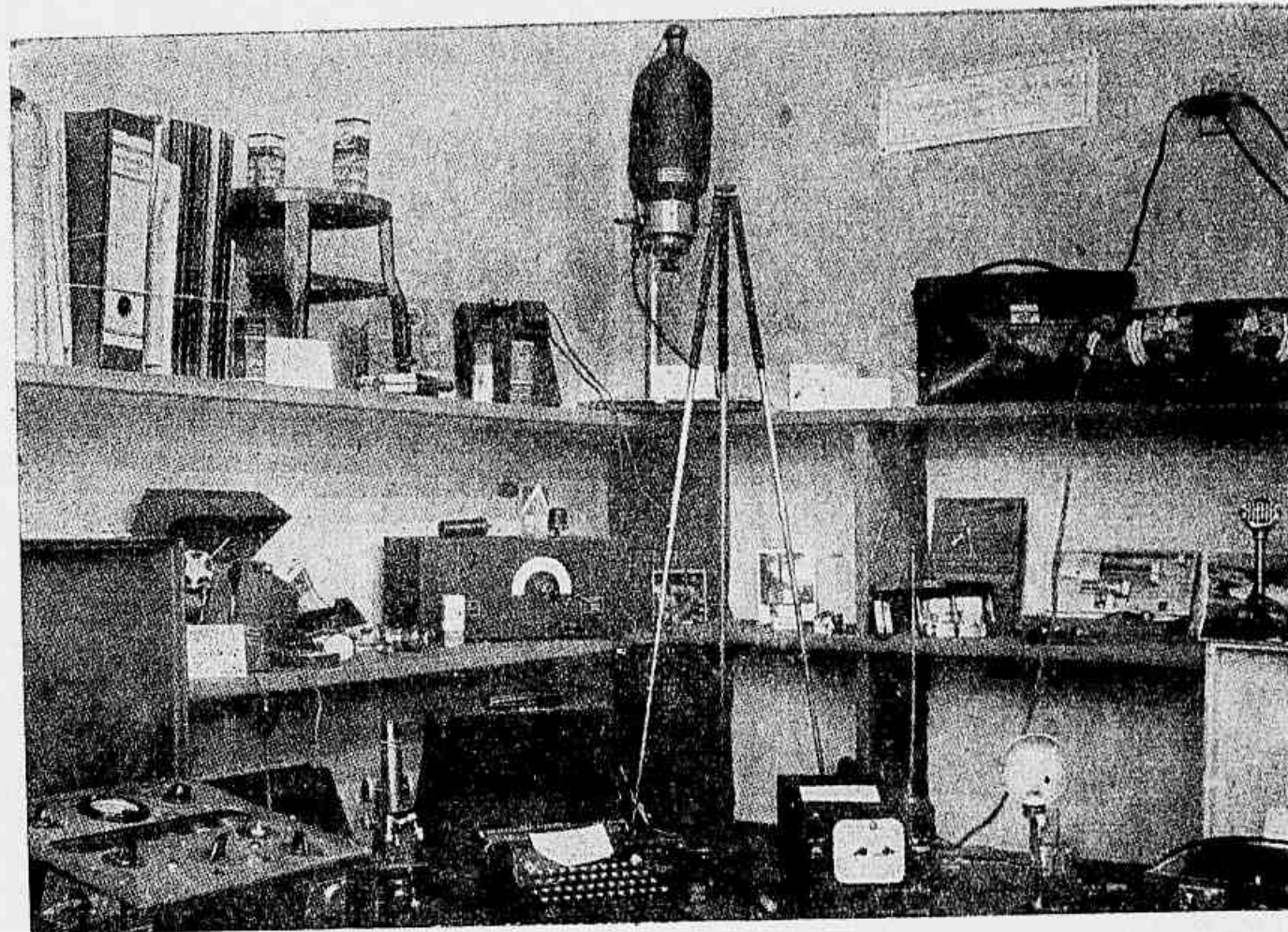
(INSCRITO SOB O N.º 14 NO
7.º CARTORIO DE IMOVEIS).

DESARTICULADA

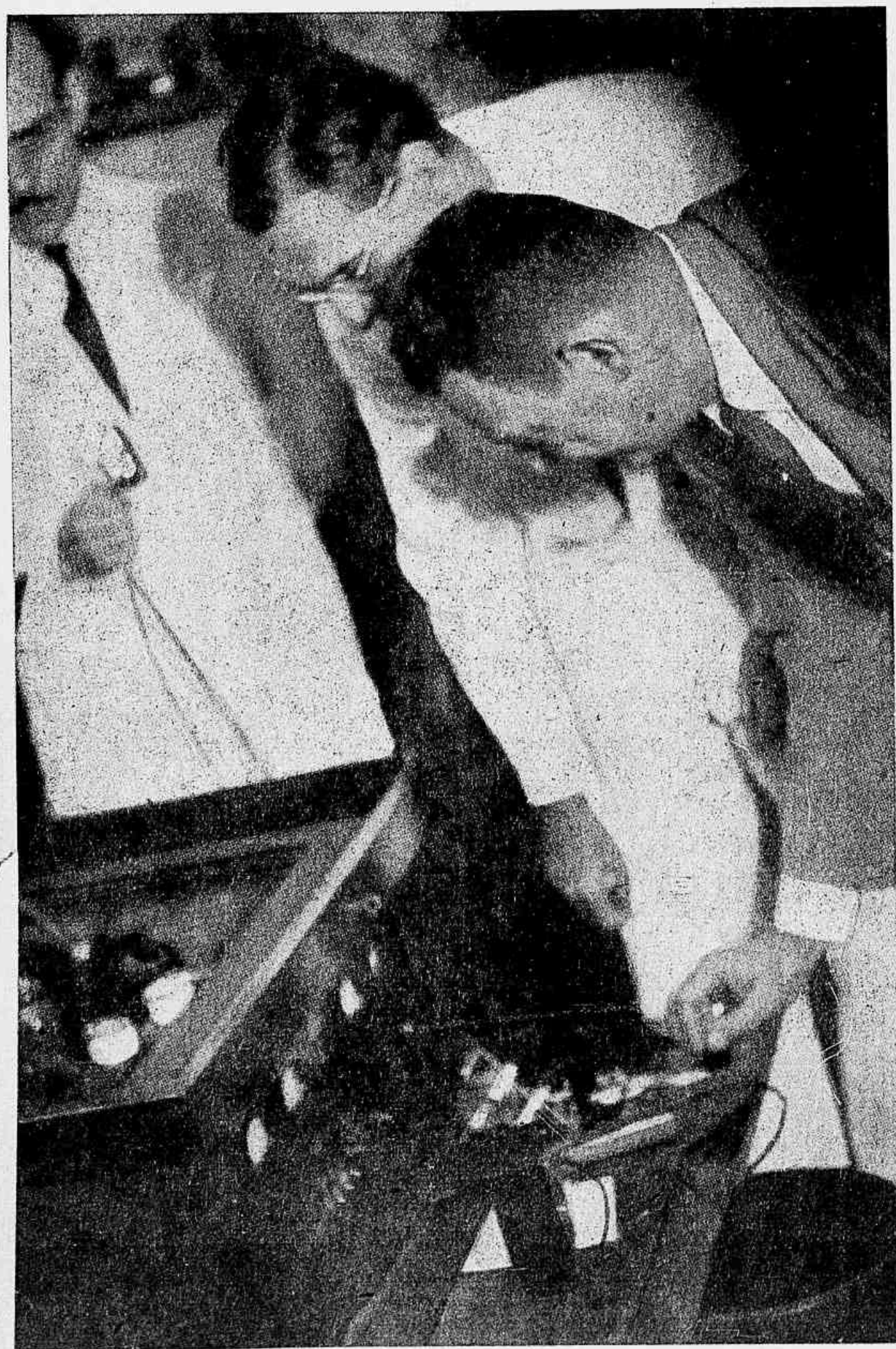
A EXPOSIÇÃO DOS OBJETOS APREEN- DIDOS PELA POLICIA CARIOCA



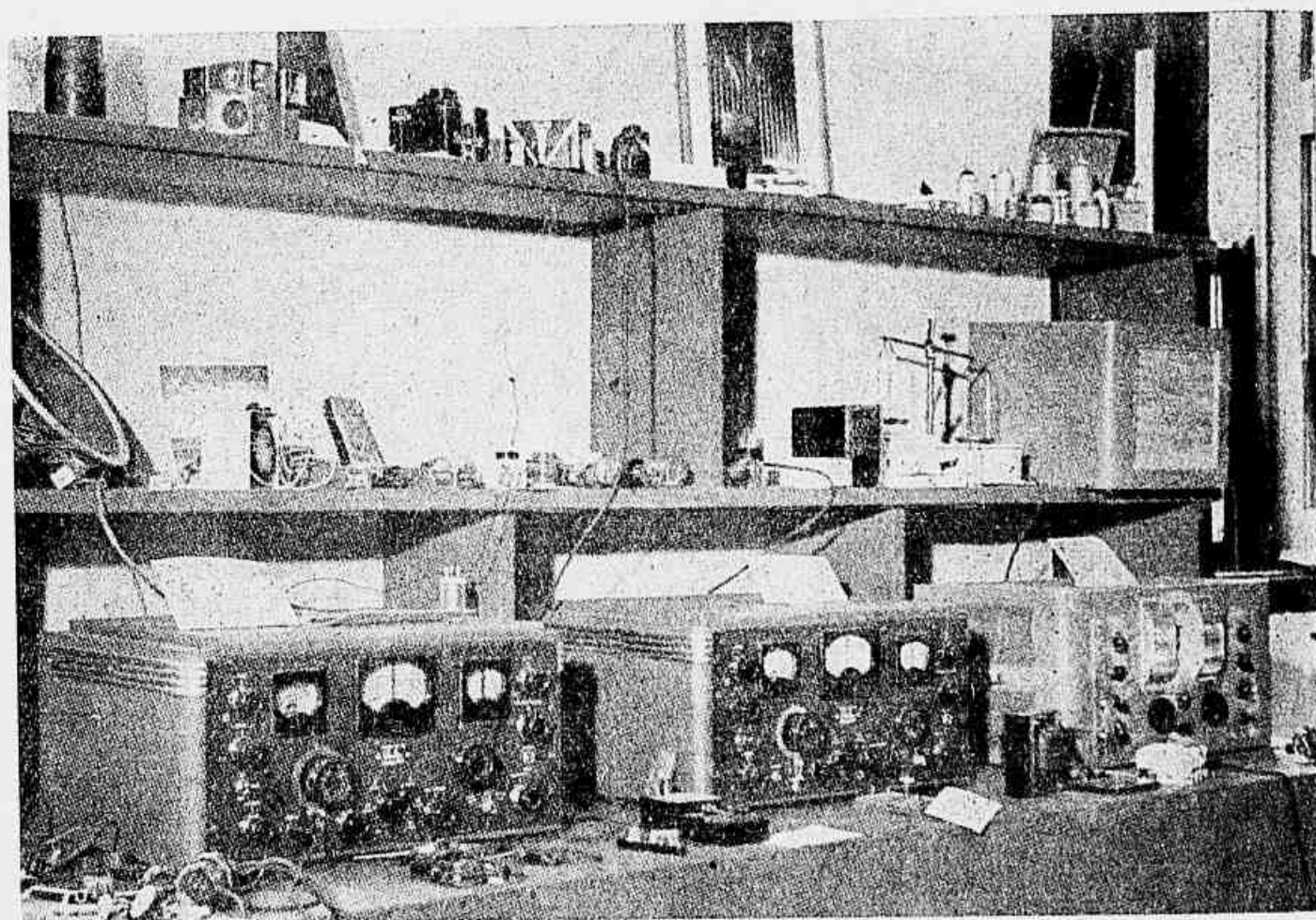
NESTE LABORATORIO o espião nazista Nelson Christiansen trabalhou até ao dia em que a policia carioca o deteve.



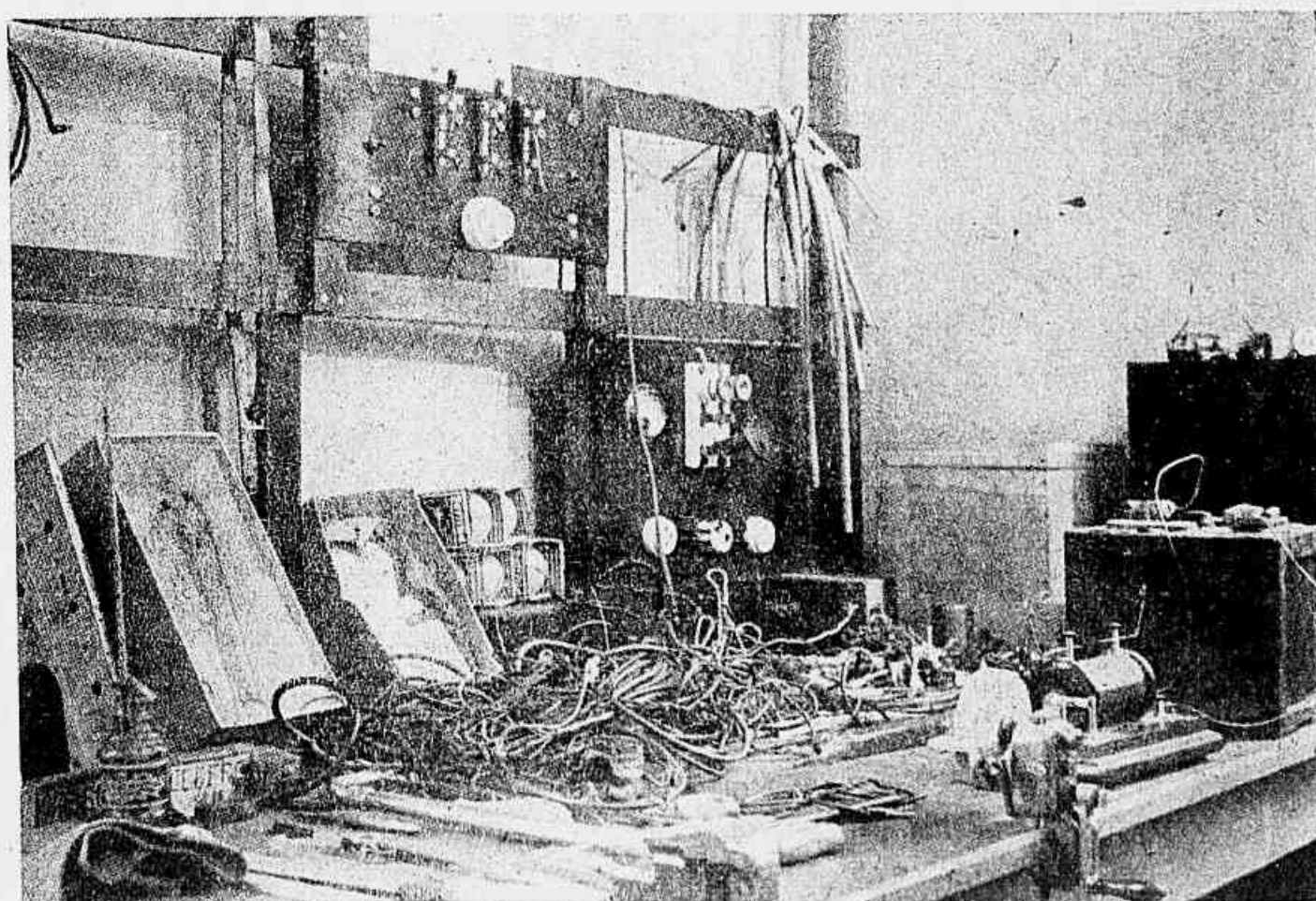
ALGUNS DOS OBJETOS expostos pela policia: o ampliador de fotos e o microscopio «O. Himler» pertencentes a Christiansen, a maquina de escrever de Weissleder, material de propaganda e uma carteira com grande copia de cédulas alemãs, representando vultosa quantia.



A TRANSMISSORA Hallicrafters, modelo H. F. G., de 100 watts, com válvulas e manipuladores para telefonia e telegrafia, apreendida em poder do espião alemão Frederico Kempter.



O RECEPTOR Hallicrafters, modelo S. X - 28, de 15 válvulas, equipado com fones e estabilizador de cristal, para ondas longas e curtas, apreendido em poder do espião Frederico Kempter.



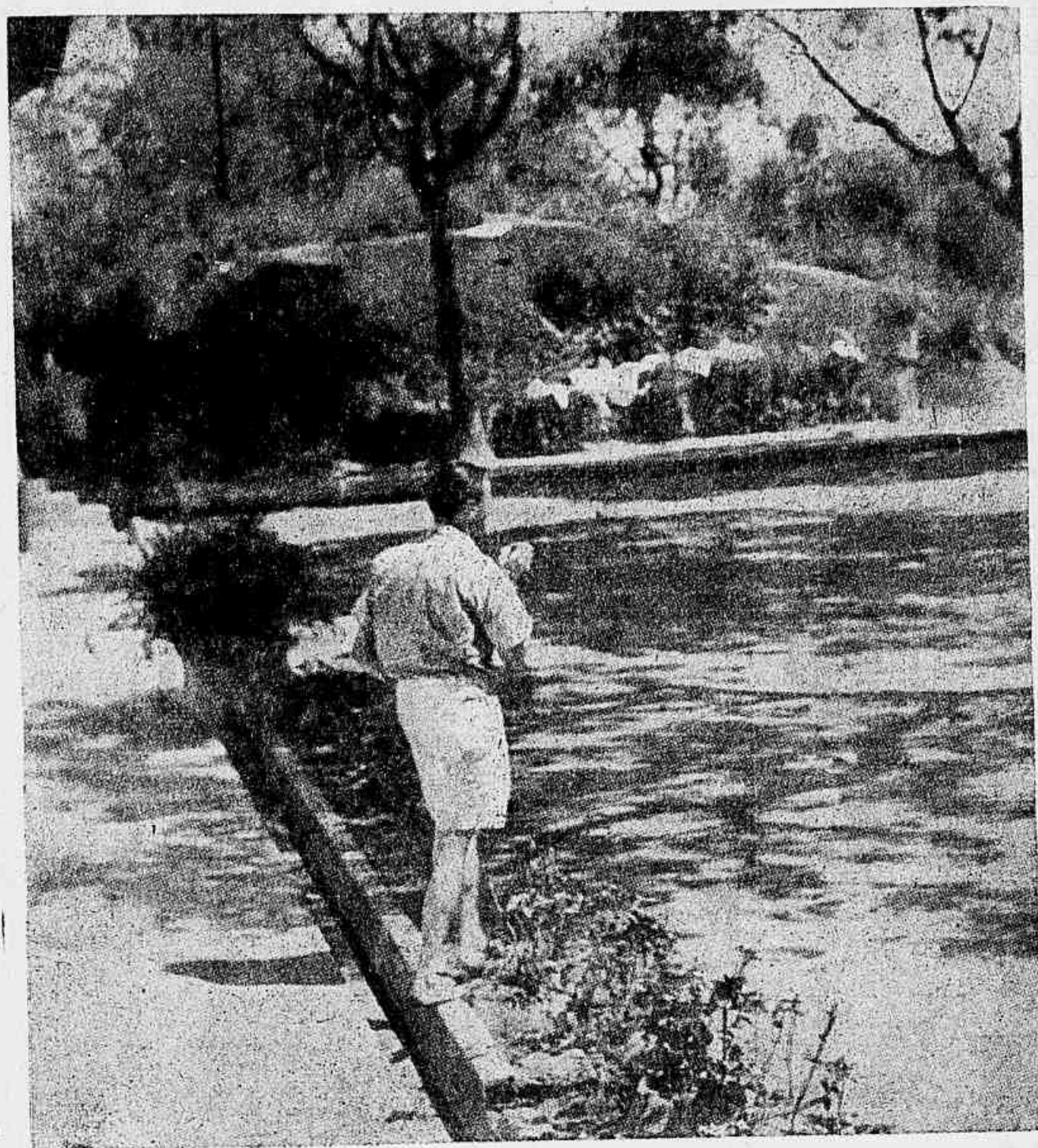
MATERIAL UTILIZADO pelos espiões a soldo de Hitler, em uma completa oficina instalada no Rio, para reparo e montagem de estações receptoras e transmissoras.

A "5.ª COLUNA"

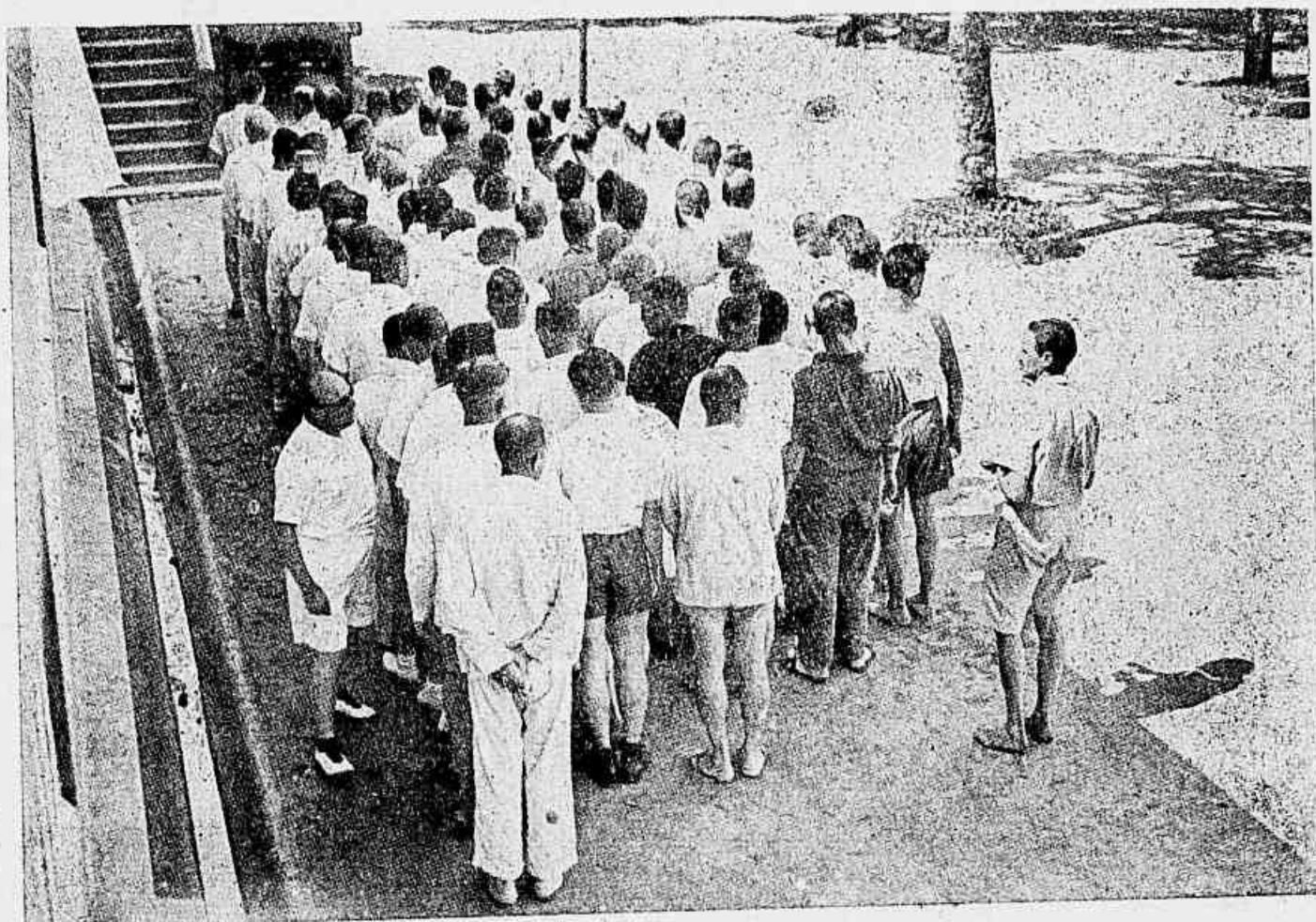
NA ILHA DAS FLORES O CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DOS ESPÍOES



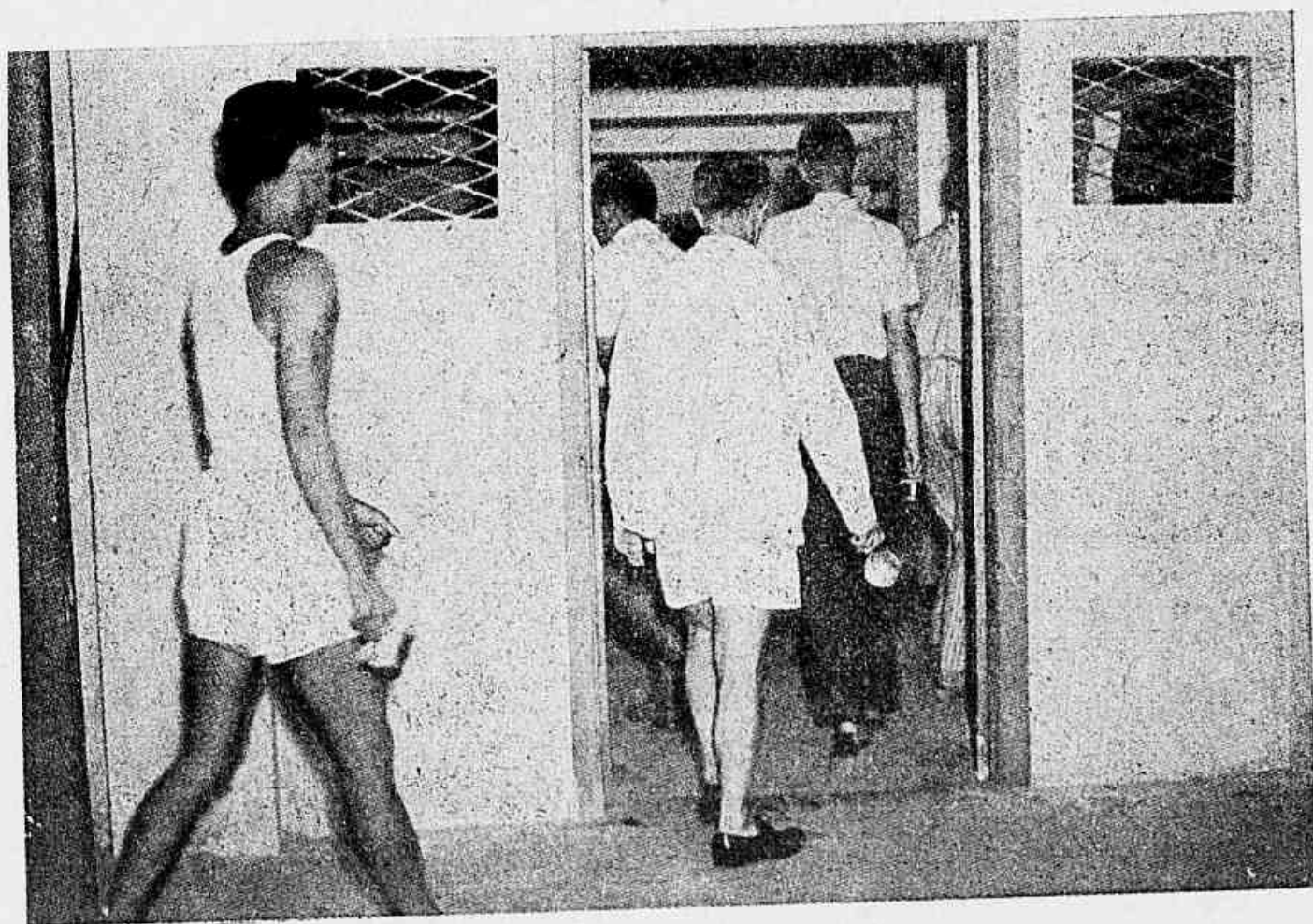
NA ILHA DAS FLORES — O chefe dos cozinheiros, tendo ao lado o chefe da hospedaria, mostra o arroz japonês que está sendo preparado para os presidiários.



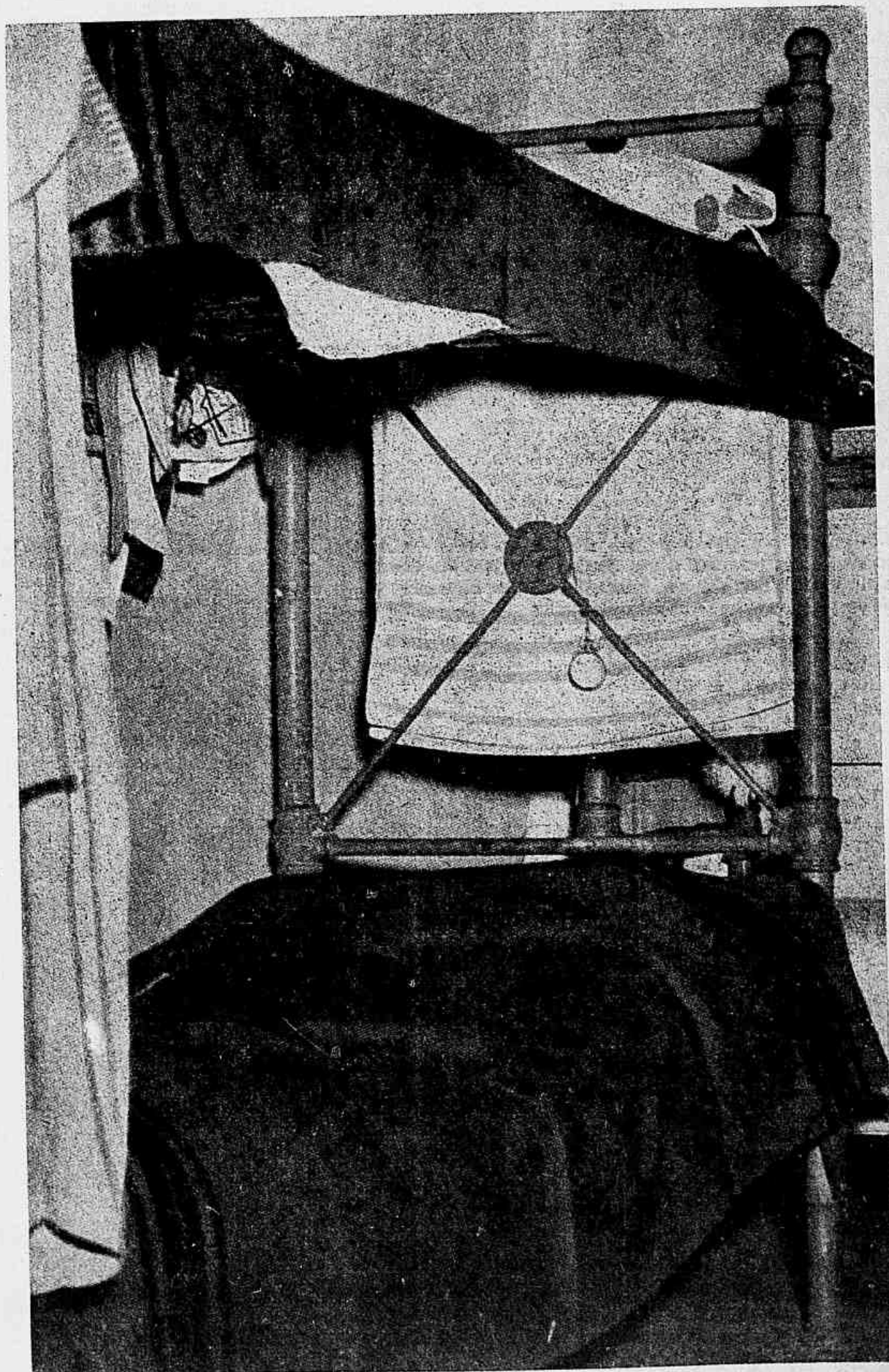
BUSCANDO ENLEVO no ambiente poético? Não. Fugindo da camera fotográfica.



EM BOA DISCIPLINA, os ardilosos exploradores da boa fé dos brasileiros esperam na Ilha das Flores a hora da boia.



EM FILA e com os trajos que lhes parecem mais cómodos, os quinta-colunistas dirigem-se ao refeitório.



DORMITÓRIOS instalados especialmente para os novos presidiários na Ilha das Flores.

ESCRAGNOLLE DORIA

Centenario do Conde d'Eu

A 28 de Abril de 1842, nos arredores de Paris, no castelo de Neuilly nascia Luís Felipe Maria Fernando Gastão de Orléans, conde d'Eu, primogenito do consorcio do duque de Nemours, filho segundo do rei Luís Felipe, e de sua esposa Vitoria Antonieta Augusta, nascida princesa de Saxe Coburgo Gotha.

Em plena mocidade o conde d'Eu entendeu seguir a carreira das armas. Entre elas se achava a Espanha de 1859 movendo guerra a Marrocos, quando o principe se alistou alferes de cavalaria no exercito espanhol.

Da campanha da Africa participou logo o joven oficial, de bravura incitada já pelo verdor dos anos, já pelo desejo de distinguir-se honrando sua raça. Na Espanha o conde d'Eu regularmente cursou estudos militares, promovido a tenente e a capitão, posto este que, mais tarde, em nossa Camara dos Deputados valeria ao conde d'Eu o epiteto depreciativo de «capitão marroquino» e isso quando ele marechal do nosso exercito.

Nas fileiras do exercito espanhol por mais de quatro anos, retirando-se dele em 1864, o conde d'Eu por essa ocasião recebeu testemunho de apreço e reconhecimento por seus serviços de guerra e de paz recompensados com a ordem de S. Fernando.

Em 1864 o conde d'Eu aportou ao Brasil e em Outubro do mesmo ano casava-se com a princesa D. Isabel, herdeira presuntiva da corôa, perdidos por D. Pedro II dous filhos que não transpuseram infancia.

O conde d'Eu conhecia de novo a guerra logo após o seu consorcio, testemunha da rendição de Uruguaiana, cidade sul-riograndense na qual, tendo Estigarribia por chefe, forças paraguaias haviam tomado por seu o sólo alheio.

Em Uruguaiana o imperador se apresentou como primeiro voluntario da Patria para inaugurar na America do Sul o que Taunay chamou «a guerra humanitaria», isto é a que se não prevalece da vitoria para humilhar ou trucidar vencidos.

No transcurso maior da campanha do Paraguai, o conde d'Eu permaneceu involuntariamente afastado da luta contra Solano Lopez desobediente á politica e á ordem do pae, Carlos Antonio Lopez, desejoso de ter o Brasil por visinho sul-americano a combater com a pena e nunca pela espada. O filho preferio esta, e com esta e por esta morreria.

No termo da guerra, após sucessivos comandos do nosso exercito, o conde d'Eu obteve enfim a direcção das forças empenhadas na campanha das Cordilheiras em ultimas pelejas contra o despota que, a exemplo de alguns imperadores romanos, um Nero, principiára governando á mansa para acabar asfixiando um povo.

Na campanha das Cordilheiras, tambem campanha contra fornecedores, comportou-se o conde d'Eu com superioridade e coragem, quando preciso se arrojando ao combate. Tal no de Campo Grande ou Nhú-Guassú, e o seu procedimento na hora do perigo e do fogo tem por atestado grande tãla de Pedro Americo.

Quando necessario o conde d'Eu nas lides da guerra sabia falar ou escrever em nosso idioma. Não raro a sua pronuncia se ressentia de sotaque francês mas a sua prosa vernacula conseguiu correção e pureza. Era geral censurar-lhe o sotaque esquecendo-se da prosa de quem não tinha nascido no Brasil onde a pronuncia francesa de muitos arranha o ouvido e arrepia a ortoépia.

Respondeu o conde d'Eu a Solano Lopez, quando este levantou protesto contra a presenca de legião paraguai nas fileiras de nossas forças que o combatiam. A resposta do principe merece a leitura dos que versam historia honestamente e não se servem dela para malsinar e acusar, sem atenção a verdades que atestadas por convos não convem que adulteradas passem a pósteros.

Finda a guerra do Paraguay volveu o conde d'Eu á paz, não para o seu espirito, este a sofrer injustas apreciações. Encontrou lenitivos no seu irrepreensivel proceder como chefe de familia, e por tal forma irrepreensivel que nunca houve sequer o pensamento de atribuir-lhe deslises de conduta conjugal. Lenitivos tambem foram ao conde d'Eu o estudo, o trabalho e as viagens. O estudo e o trabalho por algumas horas o alheariam do mundo, as viagens o levavam a mudar de gente.

Alvo de prevenções populares, mormente por ser estrangeiro, prevenções aticadas por interesses partidarios, ou oposições anti-dinasticas, o conde d'Eu ressentia-se como homem, retraia-se como cavalheiro.

Como nunca desejou ser um inutil dedicava-se a estudos de seu gosto e a serviços militares, tambem a obras de caridade ou de utilidade publica nas quais expandia espirito e coração. Deste dera provas no Paraguai, conforme Alberto Rangel, intercedendo junto ao general Polidoro para que não fosse fusilado Manoel do Sacramento, praça do 10.º de infantaria. Escrevia então o conde d'Eu a Polidoro: «V. Exa. se agarre a qualquer pretexto para não deixar cumprir tão deshumana sentença.» E diante dos velhos Artigos de Guerra, que ainda falavam em arcabuzamentos, o conde d'Eu se declarava «cada vez mais revolucionario». No caso de Manoel do Sacramento que poderia o marechal conde d'Eu esperar do soldado do 10.º de infantaria? A resposta de todos será: Nada.

Atribuíram ao conde d'Eu a pecha de amealhador até avaresa. As provas do contrario não são poucas, entre elas a de ter o conde d'Eu saído da nossa terra em 1889 com dividas no Banco do Brasil. Em 1871 haviam os condes d'Eu recusado a proposta de ser elevada a dobro a dotação da princesa D. Isabel enquanto regente do Imperio.

Na constancia da guerra do Paraguai, o conde d'Eu escreveu ao conselheiro Zacarias a seguinte carta que temos por inédita e conservamos.

Palacio Izabel 7 de Setembro de 1867.

Illmo Exmo Snr Presidente do Conselho de Ministros e Ministro da Fazenda.

Desejando a Princesa Imperial e eu acompanharmos os sacrificios que as actuaes circunstancias da nação impõem a todos os brasileiros, cedemos a favor das urgencias do Thesouro a quinta parte de nossa dotação que rogo a V. Excia. haja de mandar descontar do primeiro de Janeiro proximo futuro em diante — Gastão d'Orléans.

A dotação exclusiva para a Princesa Imperial era de 150 contos anuais, despendidos sobretudo em representação social no Brasil e no estrangeiro, em manutenção de casa propria e por esmolos em casas alheias necessitadas.

Por tres vês D. Isabel regente do Imperio, rendia o conde d'Eu graças a Deus quando terminava o exercicio do cargo, não só por suas altas responsabilidades como pela fadiga das audiencias publicas, dando o conde d'Eu testemunho epistolar ao pae de tres horas de audiencia recebendo 357 pedidos de esmolos por motivo da Semana Santa. Cumpria por outro lado a obrigação de receber as mais variadas solicitações, um individuo apre-

sentando a planta de uma igreja, outro a de um trágado de via-ferrea, um professor de ensino superior a queixar-se de alunos que o desconsideravam insuflados por colegas, mas esses do professor.

mas esses do professor.

Na segunda regencia da Princesa Imperial só a Questão Religiosa quanto desatou linguas e poz penas no tinteiro e artigos nos prélos!

Esforçava-se de continuo o conde d'Eu, discretamente, por dissipar as antipatias contra a sua pessoa. Em 1882 uma foi de ruido e comentario por incidente na Escola Militar. Nesta, de visita, entrou o conde d'Eu, por infelicidade sua, na aula de Historia do Curso Preparatorio, aula regida por um professor que, para magoar o marechal visitante, mudou ás pressas o tema da lição afim de referir-se a Carlos IX na noite de São Bartolomeu, a de 23 para 24 de Agosto de 1572. Descendente de Hugo Capeto, como Carlos IX, o conde d'Eu em termos polidos protestou contra as asseverações do docente, a tomar Carlos IX como simples pretexto para alusões ferinas e inveridicas.

Ainda que tudo fosse verdadeiro na improvisada preleção sobre o morticínio da noite de S. Bartolomeu não haveria motivo algum para servir-se do successo com o fim exclusivo de ser desagradavel na ofensa á disciplina militar diante de alunos.

Como tantos outros acontecimentos historicos de grande marca, o S. Bartolomeu está crivado de mentiras, dando razão a Bacon ao escrever na sua **Politica**: a mentira que passa pelo espirito não produz o mal, sim o gér a mentira que entra e se fixa no espirito.

Estudado e reestudado pela critica historica o caso do morticínio de S. Bartolomeu reduz-se a lamentabilissimo episodio das guerras de religião em França. Voltaire na **Henriade**, Maria José Chénier na tragedia **Escola dos Reis**, Henrique Scheffer na tãla **Visão de Carlos IX** foram os que em muito contribuíram para falsificação da historia no successo de 1572. Aqui não cabe examina-lo imparcial e exaustivamente.

Apenas seja de novo dito que o conde d'Eu se limitou a retificar á cavalheiro as asserções do professor da Escola Militar, censurado este pelo comando do estabelecimento em termos severos. Tendo o docente apresentado a sua demissão do cargo esta lhe foi recusada.

Não é aliás preciso folhear muito os jornais ilustrados da época para encontrar neles desenhos insultuosos a D. Pedro II, a Caxias, a Osorio, aos maiores homens da nação quando a propria caricatura tem barreiras.

O conde d'Eu não podia escapar aos tiros do ridiculo ou da calunia verbal, escrita ou grafica, esta a represental-o até como Harpagão insensível ao proximo.

Entretanto no **Jornal do Commercio** de 6 de Outubro de 1935, o dr. Francisco Firmo Barroso relatou que o conde d'Eu visitára em 1882 um collegio em S. João Nepomuceno, instituto de ensino do qual Barroso era aluno. Fora para ele transferido do seminario de Mariana por falta de recursos, pouco antes, no dito seminario, o escolar examinado em latim por D. Pedro II.

Valendo-se do bom exame, de documentos comprobatorios deste e do aplauso publico imperial, animado por seu professor, dr. Eduardo Frutuoso da Costa, Firmo Barroso consultou tres personagens sobre um pedido de auxilio por parte do conde d'Eu. Os ditos personagens responderam que sendo o conde d'Eu «um forreta» o solicitante se expunha só a inutil vexame. Tornou o dr. Costa a animar o discipulo, redigindo ambos breve memorial pedindo auxilio para continuação de estudos. Apresentado o papel ao conde d'Eu este o leu atenciosamente e disse laconicamente: Responderei do Rio de Janeiro.

Palavra cumprida. O aluno do collegio de S. João Nepomuceno recebeu a seguinte carta: «Mordomia do Palacio Izabel. Rio de Janeiro 13 de Novembro de 1882. Illmo Snr Francisco Firmo Barroso — S. A. o Snr conde d'Eu desejando satisfazer o seu pedido, a fim do Snr poder continuar com seus estudos, manda-lhe comunicar que responsabilisa-se pela pensão annual de 360\$ no Estabelecimento do Caraça, enquanto ahi se comportar bem e tiver applicação nos estudos. S. A. responsabilisa-se tambem pelas despesas de sua viagem até lá, devendo portanto o Snr. avisar a esta Mordomia de estar prompto para essa viagem e indicar a quantia precisa para viagem e o modo de ser-lhe remetida, Sou seu attento patricio obrigado **Guilherme Carlos Lassance** Mordomo interino ide SS. AA. I. I. — NB. A sua resposta deve ser dirigida ao Palacio Izabel no Rio de Janeiro.

Quem se dirigia tão civil e minudente a simples collegial? Ilustrado tenente-coronel de engenheiros, com quatro veneras honorificas e duas medalhas de bravura por serviços relevantes na guerra do Paraguai.

Ao doutorar-se em medicina, Francisco Firmo Barroso, em honroso rasgo de nobre gratidão, escreveu em sua tese inaugural a dedicatória seguinte: A S. A. o Senhor conde d'Eu — Senhor. Menino ainda, dignastes-vos estender sobre minha cabeça vossa mão protetora. Guardae a minha these inaugural como tributo solemne de minha gratidão e acreditee que cada uma de suas paginas voz diz reconhecimento e cada lettra amizade sincera.

A medalha aposta ao diploma do dr. Barroso recebeu, gravada, uma inscrição, esta: A S. A. o Snr Conde d'Eu. Gravando estas palavras o gravador insculpia sem saber um subsidio para conhecimento de um homem de figura historica e em Historia muitos poucos fazem muito.

Escragnoille Doria



O Conde d'Eu, Marechal do Exército, após a guerra do Paraguai. Retrato em obra de Alberto Rangel.

EXILIO

FLORES? Não, não havia mais flores. A paisagem, úmida e verde, esmaçava sob a claridade fraca do inverno que ia crescendo. De há muito tinham se ido os dias enormes, cheios de sol e de beleza, a se espicharem tropicalmente em cima da exuberância incomparável das coisas. Agora reinava tristeza, sombra e silêncio. Madrugadas custavam a terminar. Noites, longas e pesadas, pareciam eternizar-se no incêndio dos astros. Às Ave-Marias, o crepúsculo chegava, rápido, sem cerimônia, semeando trevas, de horizonte a horizonte. E as horas transcorriam calmas, assustadoramente calmas, nessa fuga infinita que caracteriza o tempo.

A usina desmanchava-se. A maquinaria mirim saltara dos lugares; só as rodas grandes, as caldeiras, as peças maiores, permaneciam quietas. Limpava-se. Fazia *toilette* com óleo e estopa, em preparativos de moagem. Um bater monótono de ferragens, um vozear espaçado de operários. A chaminé de tijolo, alta e magra, espreguiçava de boca aberta para o céu. Algum cavaleiro surgia de vez em quando na estrada, depois sumia. A molecada jogava *balaba*, cavando *bules* no chão amarelo de terra solta. Nos galpões cobertos de sapê, carpinteiros batiam pregos e serravam moirões. Pairava sobre o arraial a expectativa da safra. A população inteira fazia planos. «Quando a moagem começar...» «Assim que eu vender os primeiros carros...» Conversavam os homens, uns com os outros. Donas de casa pensavam em guardalouças novos, em uma cama que substituisse o berço já bem pequeno do caçula. Em tafularias modestas que enfeitassem a casa, esses mil objetos capazes de encher as vidas simples. As moças, nem se diga. Aproximava-se a festa de Santo Antonio, e elas aguardavam aquelas ladainhas tão boas e divertidas que as rezadeiras puxavam com amor pelas noites de Junho. A rapaziada comparecia, na elegância tímida dos ternos novos. E eram olhares, sorrisos, entendimentos encantadores, namoricos primitivos e delicados. Quando chegava o dia da festa havia leilão, banda de música, baraquinhos e maxambomba alegrando a praça. Tarde, muito tarde, com as fogueiras quasi mortas, a gente comia inhame e milho assado, vendo os fogos de artifício desenharem no ar a figura simpática do Santo casamenteiro.

O ano passado fôra assim. Desde que Santa se entendia, nada mudara ao seu redor. Entretanto, ela se transformara. Atingira esse instante em que nos chega a sensação esquisita de que perdemos a infância, e estamos definitivamente a sós com a sombra do que fomos. Olhos fechados, corpo aquecido em baixo das cobertas, refletia cheia de amargura. A telegrafia melodiosa da chuva tamborilava mensagens na vidraça. Pancadas de sino ao longe. Gritarias no galinheiro. O relógio-armário bateu horas lá dentro. Possivelmente seis horas. Daí a pouco repetiu as seis badaladas, com a morosidade irritante das máquinas cansadas, marcava as horas e os séculos. É provável que sentisse saudades dos velhos tempos, contemporâneo que foi dos engenhos e barões, das sinhasinhas e mucamas. Outrora, Santa levantaria correndo e iria lavar a cara debaixo da bomba, lá no quintal, disposta a recomeçar a vida, deslumbrada consigo mesma. Toda esperança. Hoje continuava ali, sem se mexer, desejando que tudo passasse naquele minuto, porque afinal ela bem sabia que o seu futuro seria uma sucessão infundável de minutos iguaisinhos àquele. Luciano se fôra. Ainda se lembrava — e de que jeito! — do dia em que partira. Acompanhou-o com os olhos enquanto pôde. «Assim que me derem baixa, voltarei, Santa. Mas não voltava. Tinha certeza que ele não voltava. Uma certeza dolorosa vinda lá do fundo de seu coração. Homem é assim mesmo; foge da felicidade como quem corre da enchente. Iam para o Exército e ficavam pelas cidades, e desapareciam no ôco-do-mundo. Luciano não era diferente. Menino ainda, gostava de espiar a planície, de sondar a distância, e falava em viajar, em ir embora para um centro grande, onde pudesse vencer. Santa não queria, brigava com ele, chorava. «E' para nosso bem, Santa». Porém, ela só desejava essa alegria simples de ter muitos filhos soltos na campina, cagando passarinhos, de seta e alcapão, e nadando nus lá na lagôa. Tudo acontecera ao contrário. Luciano matara a sua vida. A carta recebida na véspera significava uma sentença de morte. Amava demais para que pudesse amar outra vez. Sua mãe lhe ensinara que devemos dar o coração uma vez só. Mais de uma é pecado. O pecado vive espreitando o amor. Deus vigia lá das alturas. Sentia-se morta, estranhamente encerrada no tumulto de vidro de sua própria vida. Tolicie! Melhor não ter problemas, não se preocupar com as coisas. E esquecer o passado, pois, «aos jovens pertence o futuro...» Sorriu, verificando que a frase pertencia a um romance, desses que as moças brasileiras costumam devorar dos 14 até o casamento. Na vida era diferente. O futuro só pertence aos que acreditam, têm fé, esperanças, sonhos. Já não tinha nada disto. Condenaram-na ao suplício de não esperar coisa nenhuma. Paciência. Muitas almas rolam no abismo. Um disco de Caruso rodou na vitrola antiquíssima, e a voz espectral se espalhou pelas salas e corredores da casa-grande, casada de tal maneira com o cenário que simulava breitar das taboas do soalho e desprender-se dos moveis escuros de jacarandá, entristecendo mais a própria tristeza.

Santa sentou na cama. Depois levantou, escancarou a janela na manhã fria e, impenetrável, olhou para o céu, para o canavial. Para o infinito. Não, nunca deixaria aquilo. Sentia a terra nas suas veias. Seus pais e avós nasceram ali. Lidaram secularmente com a gleba. Ela era uma cabocla. A educação recebida na casa-grande não conseguira extinguir o atavismo. Só lhe trouxera aborrecimentos e angústias. Antes a ignorância e a simplicidade. Seus braços fizeram movimentos sem ritmo. Meditação. E, talvez, no céu interior as brancas asas de seu pensamento, batassem, esvoaçassem — melancólicas — ao redor de Deus...

A locomotiva fez um escarcéu dos diabos no meio da noite. As locomotivas e os gatos são os bichos mais chorões do mundo. Luciano acordou. Logo que chegou ao quartel não conseguia se adaptar. Estrangeiro entre os camaradas de farda, eterno hóspede da paisagem, não se acostumava com a cidade, saudosos das nativas plagas, nostálgico da planície. O que deixara lá integrava de tal maneira a sua vida que chegava a fazer parte



dele mesmo, a ser assim como a sua carne e o seu sangue. Contava os dias e as horas, ansioso pela volta; porque a felicidade morava lá, de onde ele viera. Sobreveio, no entanto, um acontecimento inesperado enchendo o vazio e apagando o tédio. Amava.

A silhueta de Marta vivia dentro de seus olhos. Era correspondido, ela também gostava dele. Por certo simpatizara com o seu porte agigantado e atlético, com o modo rústico e delicado com que falava. Muitas gerações lidando com a gleba acabavam dando aquilo: um homem forte que não conhece obstáculos. Sempre escolhera os caminhos, determinara os rumos a seguir. Jamais obedecera a ninguém. Não entendia esses destinos arrastados daqui e dali, modificados de instante a instante, peculiares à vida dos tímidos e dos fracos. A vida do homem deve ser uma linha reta sobre o abismo, uma aventura no desconhecido. Marta era bonita. Fôra um verdadeiro milagre ligar para ele, soldado raso, sem niquel. Capricho de menina rica. Dos lábios muito pintados Luciano ouvira várias vezes o *eu te amo* cinematográfico, moeda sentimental de Marta. Os pais concordariam com os projetos. Transformariam Luciano em chefe de indústria, em homem de negócios. Dinheiro faz tudo. E fazia mesmo. De repente ele se viu sentado diante de uma grande mesa coberta de vidro, com a função de assinar papeis. Ocupava uma alta posição no escritório da Companhia. Recebia convites. A sociedade impõe deveres. Comparecia a jantares horríveis, em *restaurants* de luxo, tolerava festas medonhas nos palacetes burgueses. O casamento se aproximava. Seria um acontecimento social. Uns condões não sei de que seriam padrinhos. Marta se divertia, brincava. A realidade ao seu redor era silenciosa e escura. Foi quando reparou naquele quadro com que se encontrava diariamente; tratava-se de pintura antiga, reproduzindo uma paisagem bucólica, um campo aberto, balizado de velhas árvores. Trazia recordações. Lembrou-se de outros campos, daqueles em que andara solto nos tempos de infância. Teve saudades do vento e da lagôa, do canavial e da usina. Errara. Caminhava outro caminho. Precisava libertar-se, fugir do exílio, voltar a si próprio. A vida é assim mesmo: exige cabeçadas. Devemos tocar no pau. Nunca ficar parado, *bolando* as coisas. Retornaria à sua terra e ao seu passado. Ia descobrir de novo o suave roteiro da perfeição e da eternidade.

O trem voava dentro da noite. Santa esperava por ele. De certo a vila não mudara. Mesmas ruas, mesma gente. Saira de lá apenas há quatro anos. A frigideira celeste continuava estalando em miríades, as pipocas das estrelas. Ainda gostava de Santa. Amaria em Santa tudo o que não encontrara em Marta. Conheceu nesse instante uma sensação física da felicidade. Ela baixara sobre ele, repetindo a façanha do Espírito Santo noutras épocas. Estava, de fato, visceralmente satisfeito. Desejava o amanhecer, aguardava o sol. Iria pisar a terra e descobrir o mundo. Há sempre um mundo para ser descoberto. Contemplar-se-ia nos olhos de Santa. E além daqueles olhos se estenderia toda uma vida — a sua vida — bela e tranqüila como o Tempo...

Anselmo Macieira

NOTICIARIO ELEGANTE



Os noivos, senhorita Mary Zañartu Philipps e sr. Alberto Piwonka Ovalle.



Flagrante da cerimonia religiosa, quando s. excia. D. Aloisi Masella, nuncio apostólico, sagrava a união do novel par.

No dia 22 de Abril último, foi abençoado pelo Nuncio Apostólico o enlace matrimonial da senhorita Mary Zañartu Philipps e sr. Alberto Piwonka Ovalle. Foram padrinhos na cerimonia religiosa o sr. Raul Zañartu Caveró e sra. Clymeni Philipps de Zañartu; sr. Mariano Fuentesilla, embaixador do Chile, e sra. Olivia Concha de Fuentesilla, representando os pais do noivo; a Baroneza de Bomfim e o sr. William Zañartu Philipps. Do ato civil foram paraninfos o embaixador do Chile, sr. Mariano Fontecilla, e senhora; o embaixador Luís Gurgel do Amaral e senhora, e o sr. Misael Ottoni e senhora.

A cerimonia religiosa revestiu-se de grande pompa, estando esplendidamente ornamentada a igreja. Também estava deslumbrante o salão de banquetes do Copacabana Palace, residencia dos pais da noiva. Houve aí uma grande recepção, na qual se viam diplomatas e figuras da aristocracia brasileira, que faziam recordar o tempo do Imperio, e entre elas a progenitora da noiva, que é brasileira.

A noiva estava formosíssima na sua rica *toilette* de *moiré* branco quase toda coberta de rendas verdadeiras, principalmente o véu, que era de lindíssima renda antiga.

As *demoiselles d'honneur*, encantadoras nos seus vestidinhos brancos, eram as filhinhas da Marquesa de Barral e os filhinhos da sra. Carneiro da Rocha. As *br-*

demais vestiam *toilettes* rosa pálido e levavam chapéus e cestinhas brancas, com flôres e arrôes. Estavam muito lindas, pois eram as senhoritas Bandeira de Mello, Esteves de Almeida, Lynch e Edwards, todas quatro reconhecidas como das mais formosas da sociedade brasileira.

Entre as pessoas presentes notámos: o embaixador do Chile e senhora Mariano Fontecilla; sr. Raul Zañartu e senhora; sr. William Zañartu Philipps; o Marquês e a Marquesa de Barral; sr. e senhora Lynch; Baronesa de Bomfim; sr. e sra. Luís Betim Paes Leme; Condessa de Bozella; ministro Ataulpho de Paiva; sr. e sra. Raulf Bocayuva Cunha; sra. Marques do Couto; embaixador Mauricio Nabuco; o sr. Labougle, embaixador da Argentina; sr. e senhora Lafayette; Baronesa de Pinto e Lima e filha; Sir Henry Lynch; sr. e sra. Bandeira de Mello; sra. Monteiro de Barros; Marquês e Marquesa do Pombal; ministro Protásio Gonçalves, senhora e filha; sra. Raquel Huergo de Blaye; o embaixador do Uruguai, senhora Gutierrez e filha; o secretário da Embaixada da Inglaterra e mrs. Bruzand; sr. e sra. Manuel Abreu; sr. e sra. de Saint Blanquet, e inúmeras outras cujos nomes não pudemos reter em meio da enorme concorrência que affluíu à igreja.

Mas a visão de elegancia então proporcionada perdurará na recordação dos que tiveram a ventura de assistir à linda festa de alta distinção.



Uma pose especial para a REVISTA DA SEMANA. — Os noivos ladeados pelo Nuncio Apostólico, senhora Zañartu, Baroneza de Bomfim, sr. Raul Zañartu, pai da noiva; sr. Alvaro Costa e sr. Mariano Fontecilla, embaixador do Chile.



Os noivos entre as demoiselles d'honneur Bandeira de Melo, Lynch, Edwards e Esteves de Almeida.

ANIVERSARIOS

2 as sras. Lucilia Carvalho Freire, Julia de Azevedo Lima e Magdalena Carvalho Ribeiro; as senhoritas Laura Rego, Eugenia Tinoco e Leontina Cardoso; os dres. Pedro Vergne de Abreu e Atilio Carlos Peixoto; o sr. Mancel Tomaz Serpa.

3 as sras. Anaide Taumaturgo Marchese, Guimar Nobre e Maria Antonieta Brandão; a escritora Silvia Moncorvo; os dres. Ernesto Stampa Berg, Jaime de Castro Barbosa e Evaristo da Veiga; os sis. Lourival Teles de Menezes e Hugo Barreto.

4 as sras. Baroneza de Pinto Lima, Laurinda Santos Lobo, Cordelia Fontes e Maria de Souza Dantas; os dres. James Darcy, Roberto Trompowsky Junior e Pedro Brando; o dr. Paulo Ramos, interventor no Maranhão.

5 as sras. Deolinda Vizeu e Avelino Leite Barros; a senhora Maria Elisa Valdetaro Fonseca; o nosso confrade Porto da Silveira; os d.s. Alves da Cunha, Oscar Alves, Luiz Simões Correia, Carlos Domingues e Antonio Souto Castagnino.

6 as sras. Jenny Pimentel de Borba e Antonieta Monteiro Chaves; as senhoritas Dulce Coimbra e Arlinda Fragoso; o dr. Eduardo Veiga; o professor e escritor Julio Cesar de Mello e Souza; o escritor Gilberto Amado.

7 as sras. Carmen Cordeiro da Graça Prado e Celeste Maurell da Silva; a escritora Odete Barcelos; as senhoritas Herondina de Oliveira e Diva Apolinário da Silva; o general Horta Barbosa; o embaixador Pedro de Moraes Barros.

8 as professoras Jaira Coelho Barbosa Maia Forte e Jandira de Miranda Cordilha; a viúva Enéas Martins; as senhoritas Olga Bergamini de Sá e Regina Henrique; os dres. Miguel Couto Filho e Octavio Ayres.

BODAS DE PRATA

Assinalou o *carnet* social paulistano, na data de 12 do mês p. p., a gratíssima efeméride das bodas de prata do sr. Julio Llorente e de D. Aida Llorente. O digno casal, ora aniversariante, goza de merecido conceito e estima geral, contando com vastas relações nos meios sociais paulistanos.

O sr. Julio Llorente, que foi um colaborador incansável do saudoso Francisco Serrador, ao qual tanto deve o cinema nacional, é hoje o presidente da Cia. Cinematográfica Serrador, empresaria dos principais cinemas daquela capital.



Flagrante de uma palestra durante a recepção no Copacabana Palace, vendo-se a senhora Zañartu, a viúva almirante Marques do Couto e as sras. Rodrigues Alves e Bandeira de Mello.



O sr. Labougle, embaixador da Argentina, em palestra com alguns convidados.

São filhos do ilustre casal a sra. D. Julia, casada com o sr. Paulo Quintino de Oliveira, e os srs. Florentino e Jayme.

Por motivo de tão grata passagem, o casal recebeu inúmeras manifestações de apreço e simpatia.



A senhora Zañartu, mãe da noiva; o sr. Mariano Fuentesilla, embaixador do Chile, e a sra. Lola Carneiro da Rocha.



Os noivos partindo o bolo.



Trote dos Calouros da Faculdade de Direito de São Paulo — Uma das interessantes satiras: — um calouro japonês, representando o Japão, com um punhal apontado para as costas de uma caloura que representa a "Pax".

UM ESPETACULO DE GRAÇA NO LARGO DE S. FRANCISCO...

Quando anunciam que Vichy vai falar é Hitler quem tem a palavra -- Curuzú e Stalin se defrontam -- O territorio livre ouve Mussolini falar de suas vitórias e Vichy calar as suas tristezas -- "Atencion, atencion, macacade!..."



ORCHIDEA-SCHMIDT

São Paulo, rua Augusta, 2786
TEL. 8-3697

O maior e melhor sortimento em
**ORCHIDEAS NACIONALES E
ESTRANGEIRAS!**

Peçam catalogo
VISITEM O MEU ORCHIDEARIO.
EM PIRAQUARA.

A Faculdade de Direito de São Paulo resume, na sua historia, no entusiasmo de suas campanhas, nas demonstrações espontaneas de sua mocidade academica, toda a Historia do Brasil.

Si procurarmos pesquisar essa identidade de pensamento, veremos que a velha Salamanca do Largo de São Francisco foi o motivo das maiores campanhas politicas do Brasil-Imperio e do Brasil-Republica.

Ali reuniram-se os mais ardorosos idealistas, os futuros senadores, governadores, poetas e escritores de maxima representação nacional.

Hoje, certamente, ela guarda, tambem, no seu embrião, os construtores do nosso futuro.

NO TERRITORIO LIVRE ATE' MUSSOLINI PODE FALAR...

O trote dos calouros, neste ano, culminou no dia 23 de Abril. E, em lugar dos cordões carnavalescos e das saias-balão que caracterizam uma infinidade de outros trotes, foi uma valvula aberta aos recalques da mocidade academica.

Aconteceu no Territorio Livre, delimitado, ali, no Largo de São Francisco, mas propagou-se por todas as vias centrais de São Paulo. Era muito pouco ficar só por ali. O povo aclamava constantemente os academicos de Direito.

Reportagem de
**FREITAS
NOBRE**



Trote dos Calouros da Faculdade de Direito de São Paulo — Vêem-se na fotografia calouros representando Stalin, Curuzú e, de cartola e cachimbo, o ditador do territorio livre, que é o Largo de São Francisco onde se acha a Faculdade de Direito.



○ Eixo — Hitler e Mussolini.

Quando fôr a São Paulo
... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos
Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil
★
• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA **MAPPIN STORES**
R. RAMOS DE ALVEIDO, 5. ANDAR

No Territorio Livre até Mussolini pode falar. Ao lado de outro calouro que representava o papel de "Vichy", Mussolini tinha a mão levantada. O rosto comprimia-se, como si uma profunda tortura da sua raça encontrasse, ali, o espelho da sua desgraça.

Um popular acercou-se da multidão que já se comprimia para "vêr" Mussolini falar.

— Coitado do rapaz! Fizeram-lhe uma "bruta" careca. Mas, em compensação...

O reporter olhou para as medalhas que enfeitavam a camisa preta de Mussolini. Eram tampas de garrafas de leite e de cerveja. E um estudante acrescentou, esclarecendo o reporter:

— E' campeão de corridas.

Bordada, no centro da camisa, olhando a multidão que se comprimia, uma frase que todos interpretavam à sua maneira, porque fôra feita com esse multiplo interesse "EU ERA..."

Viajam Mussolini e o representante de "Vichy" numa "aranha". De repente parou a "carruagem". Mussolini levantou-se imponente e começou a sua oração:

— "Atencion!... Atencion!... Macacade!..."

A aglomeração enorme repetiu o seu nome. Um riso de satisfação disfarçou a tristeza da sua fisionomia. E ele continuou a falar sobre as vitórias da Grecia, da Abissinia e do Mediterraneo...

A esta altura, um homem do povo interrogou um academico:

— Por que Vichy não fala?

QUANDO ANUNCIAM QUE VICHY VAI FALAR, E' HITLER QUEM DISCURSA...

O estudante reclamou ao responsavel pelo trote:

— Por que Vichy não fala?

O academico levantou-se. Era veterano e os calouros tiveram que erguê-lo à vista da multidão. E ele declarou:

— Vichy vai falar. Mas, quando Vichy fala é preciso mandar buscar Adolf Hitler, porque quando anunciam o seu discurso, é o herói nazista quem o pronuncia.

Hitler foi apresentado à multidão. No Largo de São Francisco até Mussolini falou.

Hitler discursou durante cinco minutos. Vichy apenas gesticulava, ao lado. Os cabelos brancos e compridos cobriam de certa forma a miséria e a tristeza das suas feições. Hitler falava e, muitas vezes, percebia-se que Vichy gesticulava outras palavras. Diferentes, negras, profundas como a tristeza dos tempos...

— Meus camaradas! Quis Vichy que eu fosse o interprete de suas aspirações. O porta-voz fiel e amigo dos seus interesses...

E a multidão prorrompia em aplausos e vaias continuadas.

CURUZU' VERSUS STALIN...

— Lá vem Curuzú...

— Quem?

— Curuzú, o japonês.

Com uma carinha de embaixador niponico, calça listada e fraque, chapéu diplomatico e o proverbial sorriso, surge Curuzú. Atravessando o peito uma faixa com o seu nome.

Amigavelmente ao lado de Stalin, que arranjou como blusa um avental de algum barbeiro pequeno, talvez do barbeiro Cipola, do Centro Academico XI de Agosto. E nem todos sabem que o Centro Academico mantem um excelente bar, uma sala de diversões exclusivamente para os estudantes e uma barbearia onde o Cipola e mais dois fazem barba a quinhentos réis...

Vez por outra Stalin empurrava Curuzú e, a cada pancada do ditador sovietico, Curuzú respondia com um sorriso inocente...

E a passeata prosseguiu pela rua São Bento, Praça do Patriarca e Viaduto do Chá.

O JAPÃO, UM PUNHAL E A PAZ UNIVERSAL



Trote dos Calouros da Faculdade de Direito de S. Paulo — Interessante fotografia de dois "calouros". Um representa Mussolini; o outro Vichy e sua miséria.

Este ano, uma caloura entrou, também, na passeata. Fantasiaram-na de "PAX". O vestido de enfermeira, branco, com faixa branca e um chapéu de dois bicos.

Chamaram à cena, em pleno Viaduto do Chá, um calouro japonês que representava o Japão.

O calouro niponico aproximou-se. Não riu desta vez, mas o punhal subiu e baixou sobre as costas da "PAZ". Ela sorria com a inocência da sua ingenuidade e não percebeu que às suas costas um punhal inimigo ameaçava-lhe o destino.

A multidão pediu que se repetisse a cena. O punhal quebrou-se nas costas da "PAZ" e a cena não foi mais repetida porque os "calouros" já se consideravam vitoriosos.

HAWAIANAS, BAIANAS E UM FREVO EMPOLGANTE FEZ DO LARGO DE SÃO FRANCISCO UM CARNAVAL CARIÓCA

Bastava a representação. Todos reclamaram o trote do tempo de paz. A mocidade já fizera ao publico a demonstração de sua repulsa e da sua ironia.

Estava certa de que a multidão a compreendera, porque não deixou de aplaudir freneticamente os gestos, os discursos e os cartazes dos academicos de Direito. Chegára a vez do frêvo, do samba e da dança do "urso".

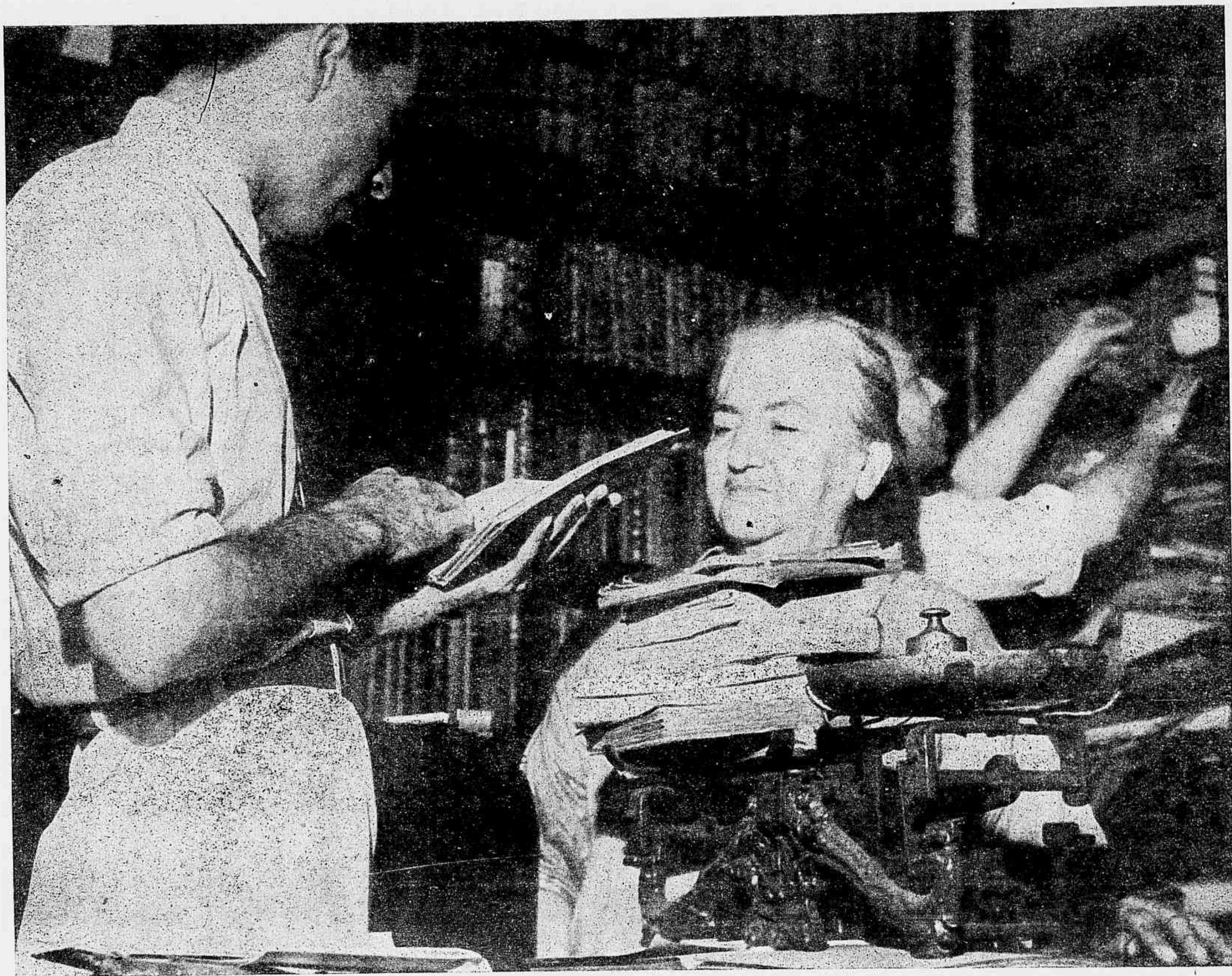
Os calouros, vestidos de hawaianas, de baianas e de "modelos do seculo XX", transformaram o Territorio Livre do Largo de São Francisco numa praça carioca em dia de carnaval...

Pararam apenas uma vez para que o fotografo batesse uma chapá, mas, depois, a farra continuou com banda de musica...



Em uma das ruas mais movimentadas de S. Paulo, os calouros dançam, ao som de musicas carnavalescas.

SEBOS

Reportagem de
Napoleão Tejo

Quando a balança inclina: Astronomia? Direito? Literatura? Mas o freguês parece querer escolher. Isso não, a venda é feita em «bruto».

TODA UMA BIBLIOTECA DE DIREITO VENDIDA A PESO, EM RAZÃO DAS "CARONAS" DE MUITO "GRAUDO" QUE LÁ IA EM CARATER DE CONSULTA. UM GRAMATICO DE NOMEADA QUE SÓ BUSCAVA LIVROS SOBRE PINTURA. QUEM INVENTOU O "SEBO"? NA PONTE DOS MARINHEIROS, VIRGILIO E HORACIO DORMEM AO RELENTO. QUANDO D. ADELINA DEIXA DE ATENDER OS FREGUEZES, PORQUE COM QUASI 60 ANOS, JÁ NÃO SE SOBE IMPUNEMENTE UMA ESCADA.

O "sebo" não foi produto de especulação. Apareceu naturalmente, como sóe acontecer em qualquer comercio. Assim como se vendem automoveis usados e da mesma forma que um individuo inescrupuloso poderia juntar pontas de cigarros pelas ruas, para com elas montar uma industria de tabaco.

A sua historia vem de longe, em Paris, como em todas as grandes cidades, os houve e muitos até famosos, ela frequencia neles de individuos de destaque intelectual.

Depois dos aureos tempos em que Guttemberg inventou a imprensa, os livros começaram a ficar velhos, e as cousas velhas, usadas, vão perdendo o seu valor inicial. E daí datam os "sebos".

O Rio de Janeiro, como toda cidade que se preza, tambem sempre os teve em grande copia e os tem ainda hoje.

A rua S. José, se me permitem o adjetivo, é

uma das mais "sebaceas" que há no Rio de Janeiro. Contam-se nada menos de uns 10; entretanto a rua General Camara, já houve epoca, que bateu um record. Possuia 19. E hoje, só possui um. Desapareceram, pela força das circunstancias. Inepcia ou des-caso dos seus possuidores. Competencia dos colegas de ramo, pois é preciso esclarecer que há uma verdadeira politica entre eles. Aprecei uma cena interessante neste sentido. Entra no "sebo" um rapaz sobraçando enorme pilha de livros usados. O dono aproxima-se. Fala o rapaz:

— O senhor compra livros velhos?

— Sim, senhor... (responde o dono).

— Então vejamos, quanto me dá por isso?

E o livreiro, com o olho arguto, de relance faz o seu calculo. Depois começa a examinar um por um.

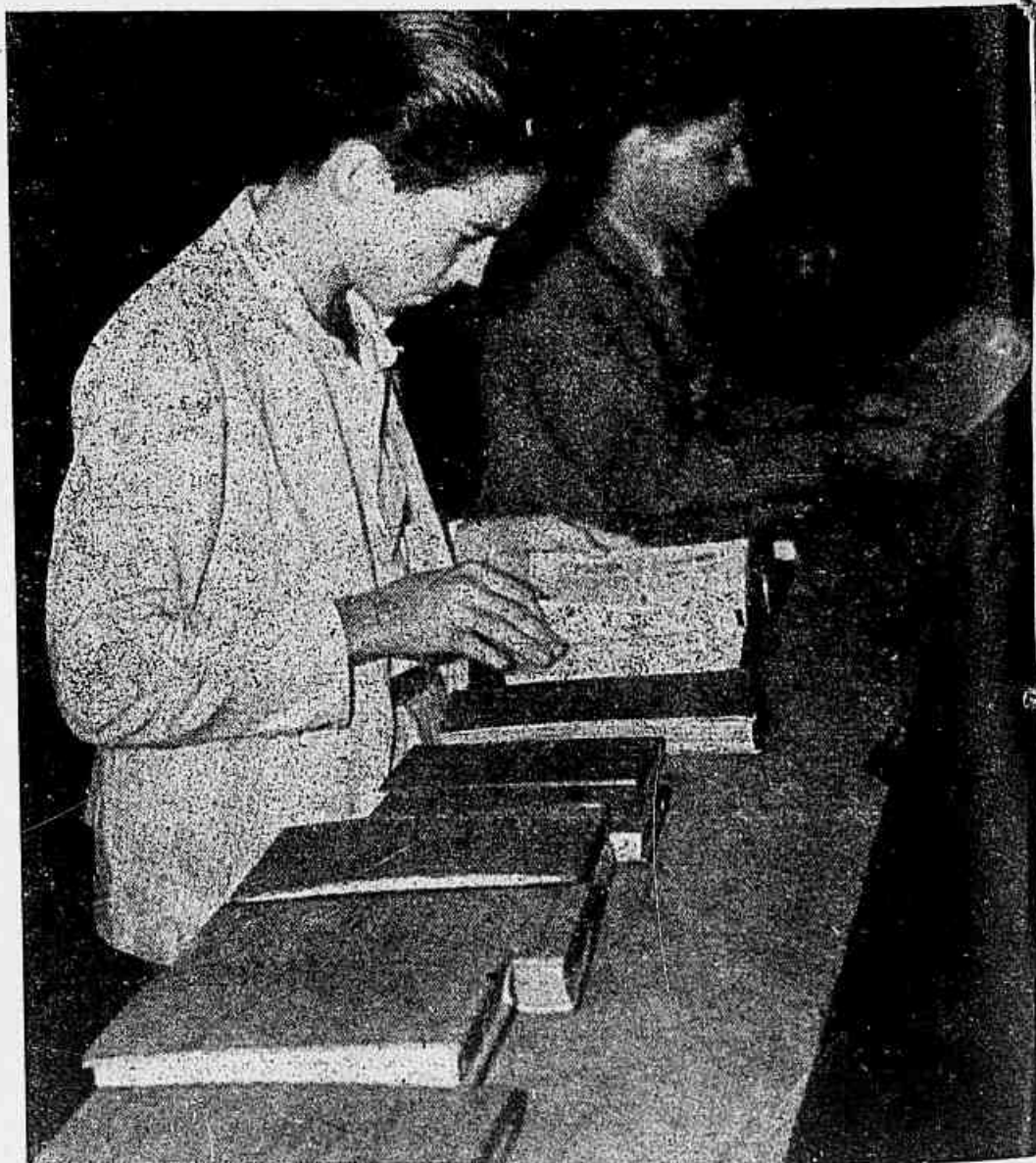
— Bem... trinta mil, por tudo.

— Não, ali atrás me ofereceram trinta e dois e quinhentos.

— Não há de ser nada, eu dou os trinta e dois e seiscentos.

O rapaz pensa. E' mais alguma cousa. Trinta e dois e seiscentos, que diabo! já é um começo de fortuna. Vá lá...

E saiu satisfeito depois de ter recebido os cobres. Assim são feitas as aquisições, quando não se verifica nos jornais um anuncio "Ao correr do martelo de fulano, a biblioteca do falecido comendador X". Na esperança de encontrar preciosidades, lá



Ponte dos Marinheiros: Virgilio e Horacio dormem ao relento e com eles muito «crack» da pena.

se vão os curiosos. E' um palacete em Botafogo. A casa está completamente despida de todos os moveis.

Restam apenas as pesadas estantes abarrotadas de livros poeirentos, com papeletas identificadas, amarelcidas, e mostrando datas imemoriais. Pois sabem duma cousa? Aquelas papeletas na maior parte das vezes foram postas na véspera do leilão. E há até muito sabidão que compra verdadeiras bibliotecas nos "sebos" e improvisa um leilão, no qual os "patos" pagam o "pato", comprando muitas vezes por cinquenta mil réis, aquilo que poderia, quando muito, lhes custar dez.

Conversando com um destes livreiros, o mais antigo que temos no momento, pois o seu "sebo" foi fundado em 1922, disse-me ele:

— O que há de peor nesse negocio é a "freguezia das consultas gratuitas". Imagine que naquela estante grande, acolá, tinha eu, nada menos de 5.000 volumes sobre Direito. A casa era apertada. E toda tarde se enchia "dos tais" freguezes, que ficavam a consultar e tomar notas, muitas vezes dando eu até o lapis e o papel.

— Mas, isso eram estudantes pobres, não?

— Estudantes?! não senhor. Eram "graudos" que deixavam automovel à porta.

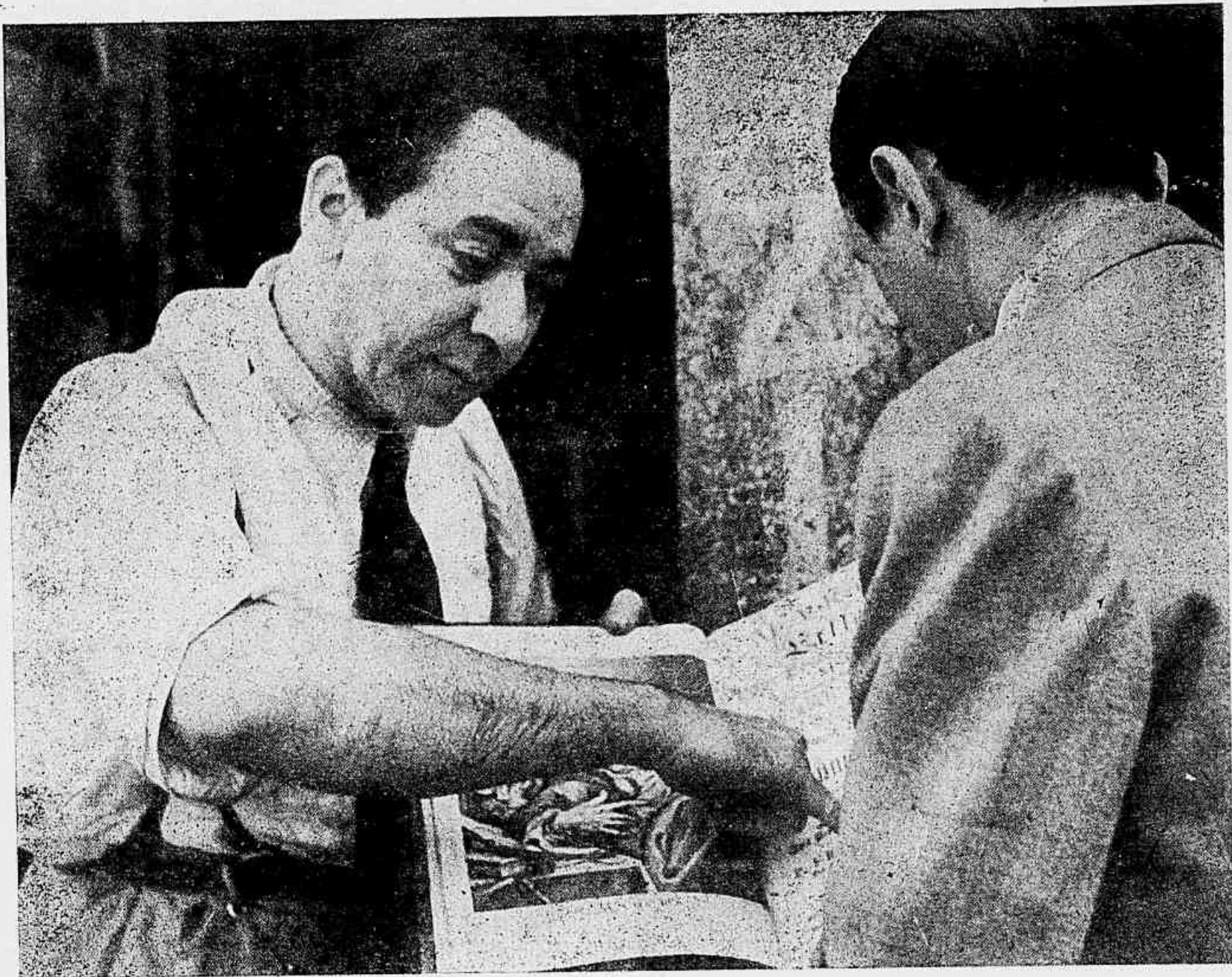
— E o senhor o que fez?

— Puz um anuncio num jornal. "Vendo livros sobre Direito, a pêso." Dentro de três dias, dos 5 mil volumes nada mais restava.

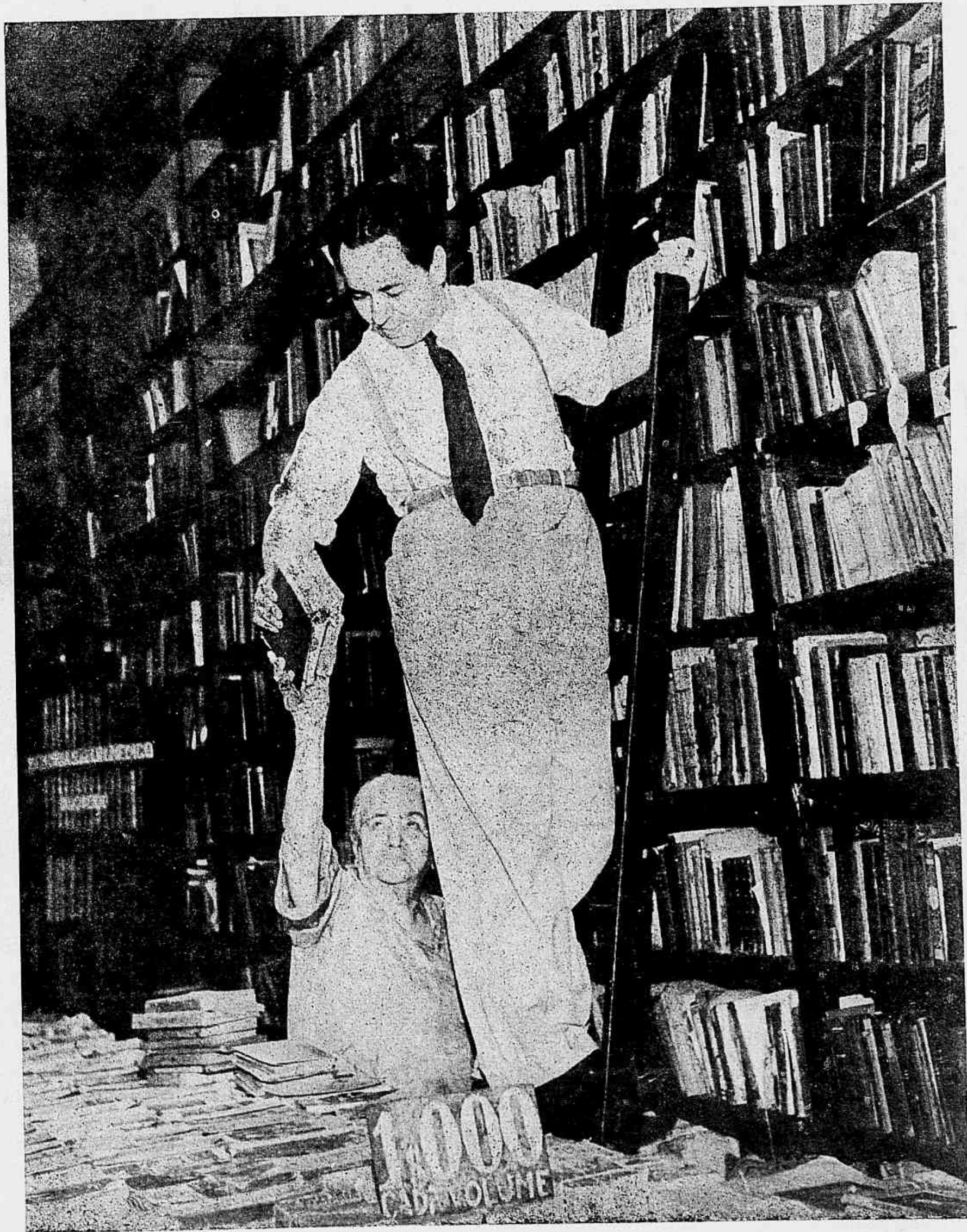
— E os freguezes?

— Ah! ficaram decepcionados.

— A sua casa deve ter sido frequentada por



Antiguidade aqui é "mato". — Sim senhor. E' um Evangelho de S. Marcos, com 400 anos. Esse não entra na balança. E' quasi um fossil.



Esse é o tal: Possui 80.000 livros e venda-os "a peso". Quem quiser aproveite.

muita gente de reconhecido valor intelectual, não? Poderia citar-me alguns?

— Bem, aqui entra muita gente, de forma que assim de repente... Ah! um de quem não esqueço é do professor João Ribeiro, o gramático. Sempre vinha aqui, porém o interessante é que nunca o vi se interessar por filologia. Era sempre às voltas com livros de arte, principalmente pintura. Se outros aqui vinham não me recorde, ou talvez não os conhecesse.

(E com a sua pontinha de psicologia)

— Os homens de valor intelectual, quasi sempre são silenciosos, passam despercebidos. E foi o que me sucedeu, certa vez, com o grande escritor patricio Humberto de Campos. Sempre tive grande desejo de falar-lhe, pois uma ocasião aqui esteve, comprou-me muitos livros e na saída deu-me o seu endereço e nome. Tinha eu então conversado nada menos de uma hora com uma das maiores penas do Brasil e só no fim o soube.

— E o senhor sempre trabalhou aqui sozinho?

— Sou eu e a mamãe. Nós damos conta do recado.

E' quando se aproxima a sra. mãe dele, à qual fui apresentado. D. Adelina, que já está em idade avançada, me diz sorrindo:

— As vezes estou só e deixo de vender um livro, porque não posso subir uma escada; e o peor é que ele está debaixo dos meus olhos, mas na ultima prateleira. — E continuando. — Mas, nós vamos ter que sair daqui. A casa vai ser desapropriada. Aqui vai passar a Avenida Getulio Vargas. Tenho pena da casa, porque já estou tão acostumada com ela.

E' mais um lugar que tem já sua tradição, que desaparece sacrificado pelo progresso. O mesmo creio que não sucederá tão breve, com aquele livreiro anônimo, lá da Ponte dos Marinheiros. Quem não o conhece? A' noite ele lá está invariavelmente, os livros espalhados, sem ordem de materia, pelos dois balaustrés da ponte.

Na mais estranha promiscuidade, Virgilio, Horacio e o Marquês de Maricá, se acotovelam ao relento, no seu "lugar à Lua", com pigmeus intelectuais, cancioneiros da ganga.

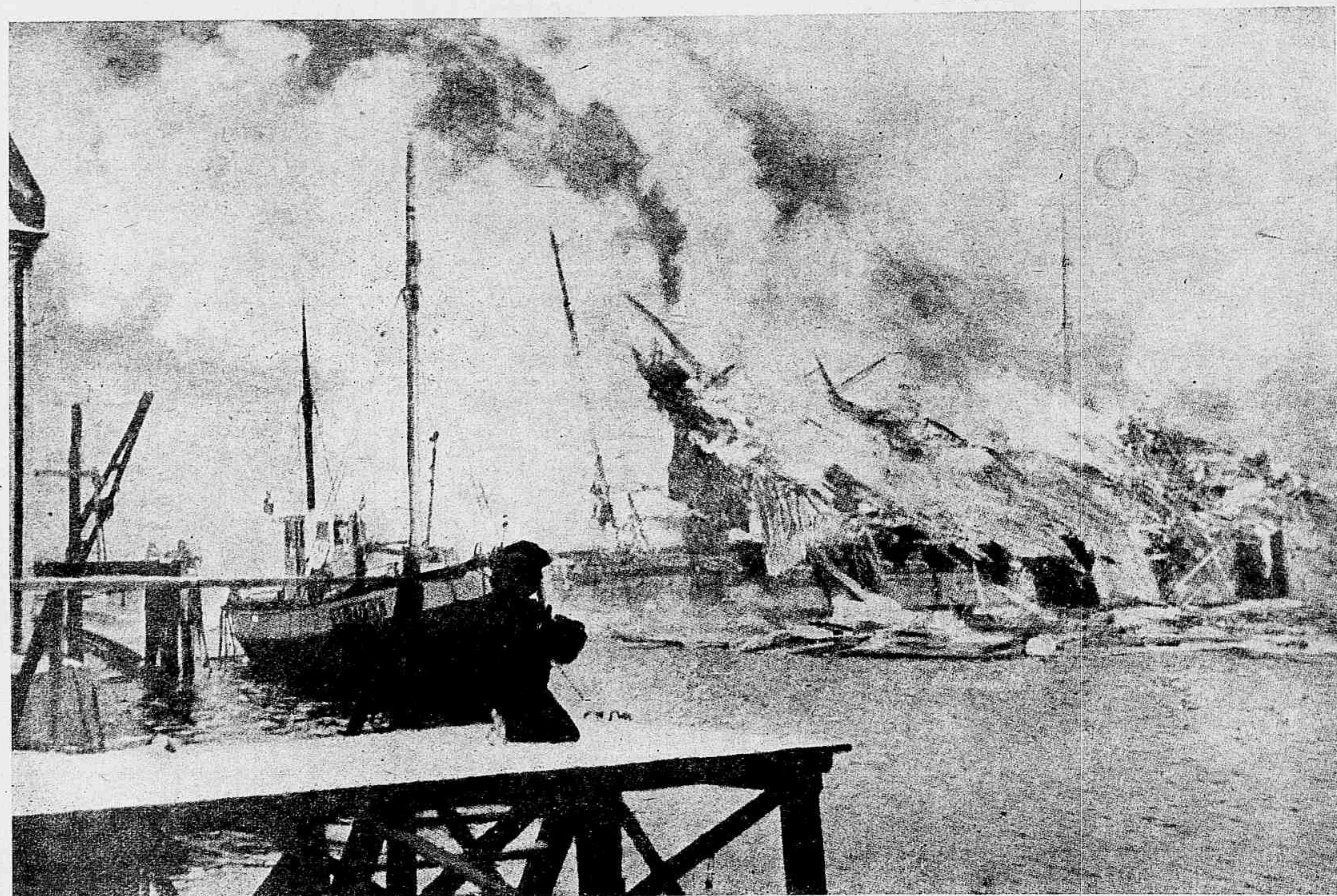
Procurava eu as Odes de Horacio, quando o livreiro noctivago, apresentou-me uma brochura infame e piscando o olho, apoiado talvez no seu longo tirocinio e conhecimentos literarios, me disse:

— Tenho cousa melhor. Isso é que é um bom livro. Leve, é barato. Quinhentos réis apenas.

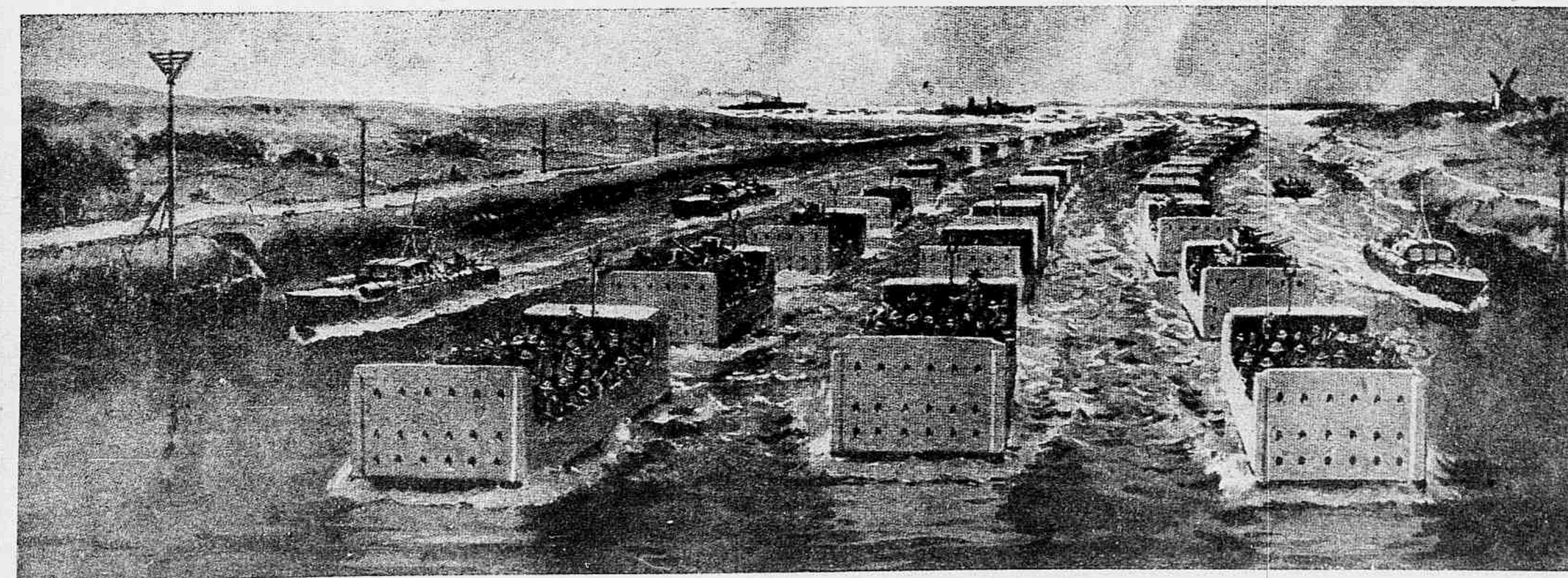
Passei os olhos pelo livro, que tinha como título: "A arte de conquistar empregadinhas".

— Não, não me interessa; boa noite...

Irão os Aliados ao território alemão?



O QUE SERÁ A INVASÃO — A foto acima mostra os resultados de uma incursão britânica no continente sob domínio nazista. Esse espetáculo dan-tesco se tem repetido bom número de vezes nas duas mil milhas de costa que vão de Narvik a Ste. Nazaire.



A CAMINHO DO CONTINENTE — Um desenhista inglês, baseando-se nos métodos que os britânicos têm empregado em suas vitoriosas incursões na costa continental, imaginou que a próxima invasão do território sob domínio alemão será feita da maneira representada na gravura acima. Um "landing craft", como os que se vêem na foto, pode transportar um bom número de homens bem armados, ou um tank de algumas dezenas de toneladas.

Onça de terror nos países ocupados e nervosismo na Alemanha. Já mal se fala em nova campanha nazista contra a Rússia.

Nos últimos quinze dias alcançou larga repercussão a notícia de que deve ser encarada seriamente a possibilidade de uma invasão do continente europeu pelos anglo-americanos. A princípio esboçada apenas como provável explicação da viagem do general Marshall a Londres, depois ventilada pelos porta-vozes alemães, que nela pretendem ver uma exigência de Stalin aos seus aliados — a verdade é que a invasão passou a ser esperada, e se chegou mesmo ao irrisório extremo de anunciar o dia em que o exército do Atlântico desembarcaria nas costas do ocidente europeu.

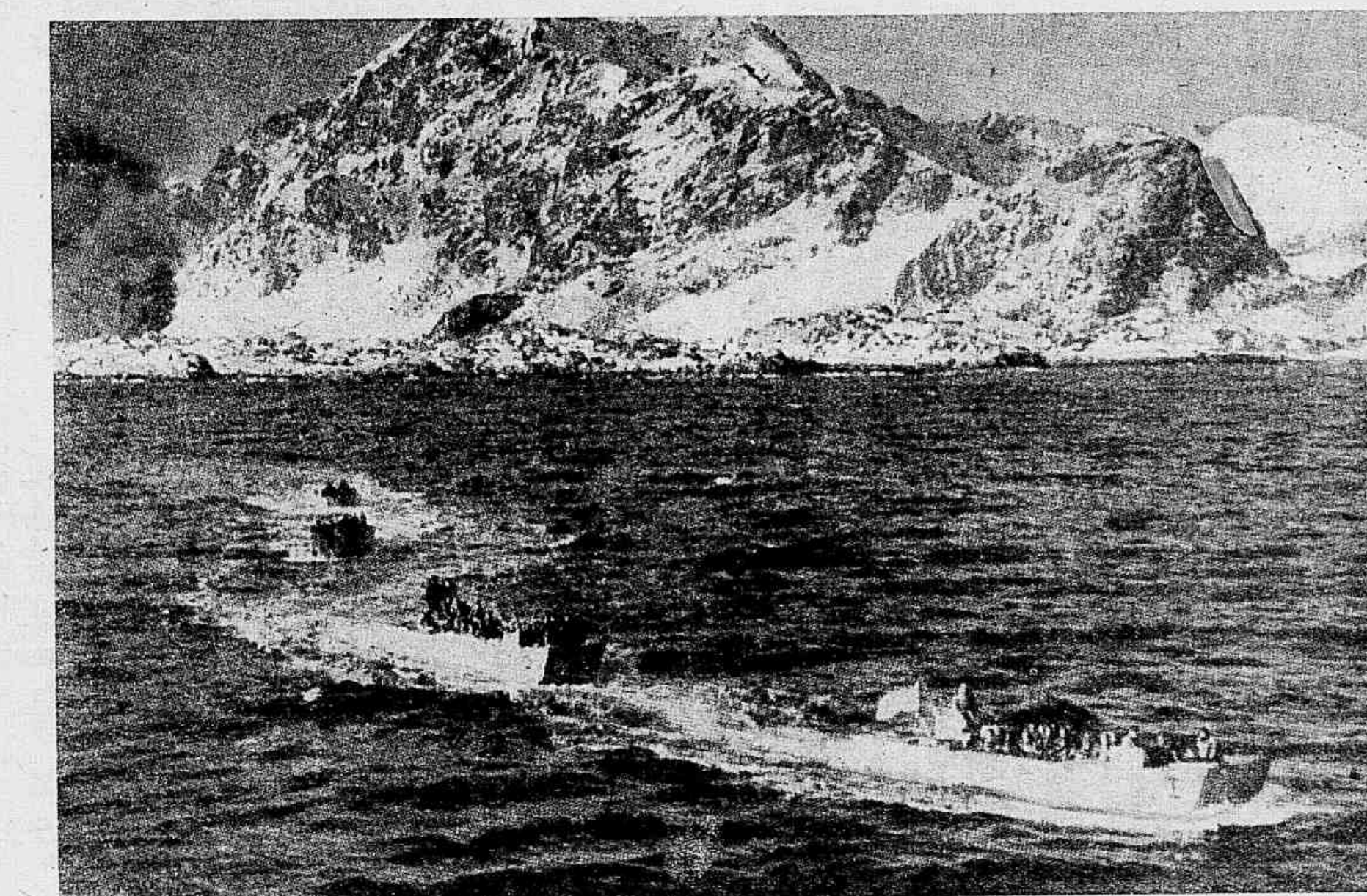
Ainda que, por uma ou outra razão, esse desembarque não tenha o seu dia determinado, não se pode negar a importância dessa campanha como guerra de nervos. Os povos subjugados pela Alemanha têm nela um lenitivo para os seus sofrimentos, e o povo alemão, já de si apreensivo com os sucessos da frente russa, sofre dura prova com essa expectativa desagradável. No entanto, não é apenas através dessa consequência de ordem psicológica que a questão merece ser estudada. É indiscutível que existe em potencia o perigo de uma invasão para a Alemanha. E este perigo é o suficiente para que um bom número de divisões sejam arrancadas ao exército que Hitler comanda sem grandes vantagens no oriente europeu. A ninguém ocorrerá supor que os alemães pecam por invejencia — não tendo perfeitamente guarnecida a sua costa de milhares de quilômetros banhada por um mar onde a sua esquadra navega apenas às escondidas. A designação de von Rudstedt para comandante das forças de defesa do continente fala bem alto a favor da previdência germânica.

Os noticiários mais avisados, estudando as possibilidades de invasão do Continente, põem a questão neste ponto: a Alemanha se encontra no extremo de seus recursos; suas fontes de matéria prima, o maquinismo de suas indústrias, as energias dos seus homens, os nervos dos seus dirigentes — enfim todo o organismo nacional alemão parece querer relaxar-se após o extremo esforço que nos últimos anos realizou. Ora, uma vez que Hitler consiga, reunindo as suas últimas forças num gesto de desespero, abater o exército russo e se apossar das grandes riquezas do Cáucaso e da Ásia Central, e entrar em contacto com os nipônicos através da Sibéria, poderá restituir ânimo e forças ao seu povo e por muito tempo prolongar esta guerra. Toda a estratégia aliada, portanto, tem como ponto central o dispersar as forças alemãs, para que seja evitada a todo custo uma derrota russa.

Toando diretamente no assunto "invasão", esses mesmos entendidos externam a opinião de que os ingleses esperarão o início da próxima campanha alemã contra a Rússia. O momento em que Hitler se atirar com o melhor de suas forças para o Oriente será a ocasião asada para golpeá-lo na segunda frente. Precipitar este golpe seria pouco inteligente, pois Hitler poderia concentrar forças para destruir os exércitos de invasão, permanecendo na defensiva na frente oriental. E uma vez que destruísse as forças anglo-americanas, voltaria contra os russos com a consciência de que não mais existia perigo em suas costas.



NA NORUEGA — Durante suas incursões na costa norueguesa, os ingleses recolhem nos seus navios todas aquelas pessoas que, lhes tendo prestado auxílio na luta contra os alemães, seriam castigadas pelos nazistas após a retirada do "comando".



DE REGRESSO — As incursões dos "comandos" têm sempre pequena duração. Após destruir o que encontram de importância militar, os ingleses regressam a seus navios. No entanto, que é o mais difícil — os alemães nunca conseguiram efetuar um desembarque na Inglaterra — eles têm realizado sempre com sucesso.



OS "LANDING CRAFTS" — Especialmente construídos para conduzir tropas de desembarque, esses barcos são de resistente blindagem. Os soldados que viajam neles estão ao abrigo das metralhadoras de terra. Enquanto a infantaria é conduzida para terra nessas caixas de ferro, a aviação e os vasos de guerra reduzem a zero as baterias costeiras.

A crise da gasolina



NA FILA — A limitação subita e quase inesperada do combustível transtornou a vida a milhares de pessoas.

O nosso otimismo, que raia pela imprevidência, vez por outra prega-nos boa peça. Ainda agora, o racionamento de combustível para motores a explosão, coisa naturalíssima em época como esta, tomou entre nós foros de calamidade, onde o ridículo e o doloroso andam de parceria. O Brasil é das pouquíssimas nações deste hemisfério que nenhum petróleo têm de seu; depende totalmente da importação para movimentar os duzentos e tantos mil automóveis, os aviões, os tratores que possui. No entanto foi necessário que os tanques secassem para que nos lembrássemos de que o precioso combustível vem de fora. E assim tivemos de ver, de um momento para outro, pararem milhares de veículos, acarretando serios transtor-

nos na economia de milhares de pessoas. Todas as medidas, que deviam ter sido inteligentemente distribuídas num espaço de tempo de dois ou três meses, foram tomadas em dez dias.

Não é portanto de admirar que se tenha transformado em verdadeiro espetáculo para o povo carioca o "caso da gasolina". Os cronistas, os *reporters*, os humoristas, os prosadores de esquina, todo mundo enfim teve pano p'ra mangas. Aqui o granfino assombrado com a perspectiva de viajar no estribo do bonde, ali o aristocrata improvisado afetando ter deixado em casa uma *limousine* que não existe, enfim a multidão anônima olhando com malícia as fileiras intermináveis de carros junto às bombas de onde aos pingos ainda sai a gasolina.

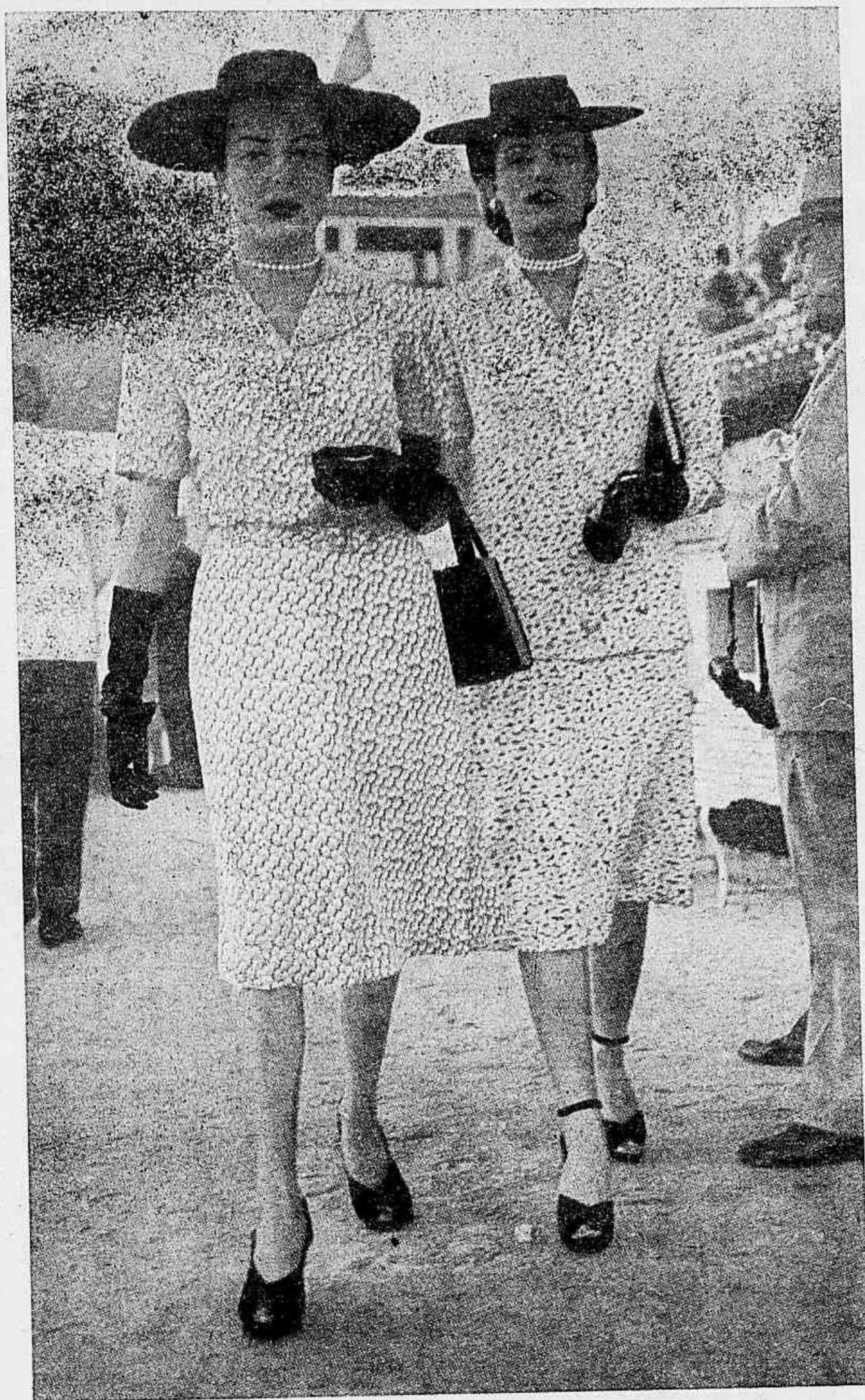
Aos poucos, porém, tudo está voltando à trivialidade. Cada um, com riso ou sem ele, concorre com uma quota de sacrifícios. Em breve, também da noite para o dia, vindo do Perú ou da Venezuela, o petróleo jorrará novamente aos borbotões. E ninguém se lembrará de que um dia ele foi de fato o *ouro negro*.



ESPETACULO PUBLICO — O desusado movimento nos postos de gasolina constitui um espetáculo inédito para o povo.



VOLTA DOS CARROS AOS EIXOS — Finalmente as coisas voltaram aos eixos, e todos se entenderam.



JOCKEY CLUB MUNDANO



Como sempre acontece nas tardes radiosas de domingo, a sociedade elegante do Rio acorreu no ultimo domingo ao Hipodromo da Gavea, afim de experimentar as emoções que sempre lhe despertam os grandes pareos ali disputados. Damos aqui diversos flagrantes obtidos naquela ocasião.



JOCKEY CLUB MUNDANO



Como sempre acontece nas tardes radiosas de domingo, a sociedade elegante do Rio acorreu no ultimo domingo ao Hipodromo da Gavea, afim de experimentar as emoções que sempre lhe despertam os grandes pareos ali disputados. Damos aqui diversos flagrantes obtidos naquela ocasião.

A escola profissional Lawlor, de Hollywood, era frequentada por jovens que não dispunham de todo o seu tempo para dedicar aos estudos. O palco, o cinema e o rádio eram as ocupações que levavam boa parte do tempo daqueles jovens cheios de esperança. Em 1931 eu entrei para essa escola, e no primeiro dia de aula tive conhecimento com Mickey, de maneira bem original. Estávamos resolvendo alguns problemas de aritmética quando entrou na sala um menino sardento com um bilhete para a professora. Segundo soube depois, esse bilhete dizia: "Miss Reid, a conduta desse menino é indesculpável. Mando-o para aí pelo resto da tarde. Se não o suportar desça-o para a classe inferior". A professora fê-lo sentar ao meu lado. Após dez minutos de comportamento exemplar o meu novo colega impacientou-se. Olhou para as unhas, achou-as grandes e começou a roê-las. Logo em seguida passou a assobiar. Isto de maneira alguma poderia ser agradável para mim, que lidava com os problemas de aritmética. Ia fazer "Sh-h-h" quando a professora o fez por mim. Seguiram-se cinco minutos de absoluta calma. Inadvertidamente, porém, o meu vizinho tirou do bolso um pente e resolveu passá-lo na cabeça. Santo Deus! Não sei por que azar, o pente se lhe emaranhou de tal maneira entre os cabelos que o pobre rapaz ficou como doido. Não me contive e fui em seu auxílio. Ele sorriu, tirou o pente da cabeça e disse: "Muito agradecido. Meu nome é Mickey".

Respondi-lhe a algumas perguntas e sem perceber comecei a falar alto com ele. Resultado: dentro de alguns momentos descíamos juntos para uma classe inferior, como indesejáveis. Sofri fundamentalmente com isto, e talvez por este motivo nunca mais pude esquecer esse dia.

Tornamo-nos amigos. Mickey era então um pequeno comediante e eu trabalhava em vaudeville. Um dia, já não me lembro de que maneira, fui a Mickey e disse-lhe que o amava. Eu estava trêmula e vermelha, mas entendi perfeitamente as suas palavras quando ele respondeu que também gostava de mim.

Logo depois disso separamo-nos. Eu tive que viajar com a minha companhia, e Mickey foi contratado para a Metro.

Um dia eu voltei a Hollywood após haver assinado um contrato de sete anos com a mesma Metro. Considerava-me então a mim própria a criatura mais feia do mundo. Estava naquela idade de transição tão ingrata para a mulher. No entanto



MICKY E EU

por JUDY GARLAND



comecei a trabalhar e a estudar com vontade. Lembro-me que certo dia entrou para a nossa escola, na Metro, uma menina chamada Edna Mae Durbin; tornamo-nos amigas, não obstante Edna ser bem pouco sociável.

Embora tivesse já trabalhado em alguns filmes, por esse tempo apossou-se de mim um grande desencorajamento. Foi então que me escalaram para o filme "Love finds Andy Hardy". O talento de Mickey já se tornara bem notório, e eu estremei à lembrança de aparecer a seu lado.

No dia em que ia começar a filmagem, eu me tranquei em meu quarto de vestir e procurei ensaiar a cena. Subitamente bateram com violência à porta. Mal abria, apareceu Mickey dentro do meu quarto. "Jootes, foi dizendo, vamos começar o nosso filme. Quero fazer um pacto com você. Não estraguemos nem uma cena. Não trabalhemos um com o outro, trabalhemos um para o outro. Juro-lhe que teremos grande sucesso". E assim procedemos sempre.

Hoje, que muitas coisas que fundamente nos impressionaram estão no passado, eu tenho a impressão de que tudo sucedeu da melhor das maneiras. Um dia eu resolvi casar. A primeira pessoa a congratular-se comigo foi Mickey. Não muito depois cabia a mim apresentar-lhe parabéns pela feliz escolha que fez.

Muitas pessoas me fazem, com frequência, perguntas sobre a personalidade de Mickey. É bem difícil respondê-las. Ele está sempre irritado — no cimo da glória como no fundo do desespero. E quando lhe sucede qualquer contratempo, prefere ficar sozinho a confidenciar com outrem. Mickey é satírico, atraente, desnorteante, enervante, discreto, imprudente, polido, desconcertante... Si todas essas qualidades contraditórias confundem alguém, eu confesso que sou esse alguém. Há onze anos que o conheço, e há onze anos que julgo não o compreender.

Foi esta a conclusão a que subitamente cheguei, dias atrás, durante a festa de aniversário de Ann Rutherford. Mickey estava impagável imitando Clark Gable. Olhei ao redor e vi Mr. e Mrs. Vaughn Paul. Ali estávamos Edna Mae (Deanna Durbin), Baley Gumm (eu) e Mickey McGuire. Um com o outro, todos estávamos satisfeitos. Nenhum ficara para trás. Deanna e eu tínhamos vestidos mais belos do que havíamos sonhado quando passeávamos juntas. Mickey continuava a ser o centro de nossas atenções. Sim, tudo sucedera da melhor das maneiras, disse comigo sorrindo.

JORNAL DAS FAMILIAS



1 — Grande chapéu de palha preta, com a aba inclinada na frente e atrás, como guarnição, uma fita gros-grain preta e duas grandes pérolas brancas. 2 — Grande chapéu de palha preta, tendo a aba coberta com um véu rosa franzido e enfeitado com larga fita de faille rosa, tendo as pontas desfiadas.

CRONICA DA MODA

É de esperar que a blusa, que tantos e tão relevantes prestimos tem, não saia tão cedo da moda. É o vestuário ideal para os dias quentes. As blusas laváveis de cambraia, organdi, voile e laizes bordados são as preferidas para as horas da manhã, acompanhadas por saias de linho, fustão, crêpon, etc. Para a tarde, as blusas mais elegantes são de renda, organza, voile de seda, de tule ou gaze, todas deliciosamente frescas. A saia e blusa podem substituir com vantagem o vestido para a tarde e até o da noite.

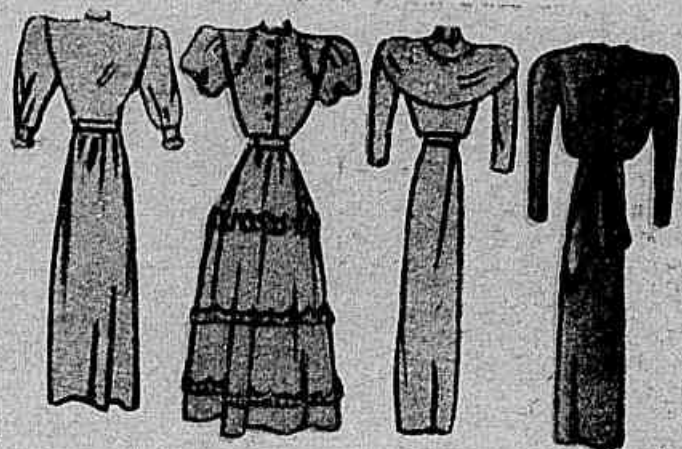
Tantos e tão variados são os modelos que até as blusas genero chemisier se transformam por uma pala inédita, bolsos imprevistos, preguinhas, trabalhos de agulha. Todas

as blusas são cuidadosamente trabalhadas, sejam de tecido de algodão, de linho ou qualquer outro mais rico. Entre as suas guarnições notam-se, sobretudo, os bordados e, em primeiro lugar, o bordado inglês. O bordado em ponto de cruz também é muito empregado, dando a sua nota alegre nas blusas singelas. Notam-se também muitos plissados, pontos abertos, babadinhos, franzidos ninho de abelha e jabots.

Chapéus grandes, de palha, acompanham as toilettes para a tarde. Como exemplo damos um de palha preta, de grande aba inclinada na frente e atrás, tendo como enfeite apenas duas enormes perolas brancas. O outro, de palha preta, tem a aba coberta com um véu rosa franzido e é guarnecido com larga fita de faille rosa, tendo as pontas desfiadas.

Marinette.

Toilettes para casamento



Com a nova ortografia
AMOR SE ESCRIVE SEM AGA',
mas as moças gostariam
que seu amor tivesse agá.
Somente nas livrarias
a solução tem que achar
no romance mais famoso:
AMOR SE ESCRIVE SEM AGA'

LABIOS LINDOS — COR NATURAL E FIXA
FLEUR DE ROSE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

1 — Vestido para noiva, de setim branco, corselet pespontado e guarnição de gaze franzida na frente. Para manequim 46: 4m. 75 centímetros de tecido de 94 centímetros de largura. Longo véu de tule. 2 — Vestido para dama de honor, de crepe da China rosa claro, guarnecido com festonados e babadinhos plissados. Para manequim 44: 6 metros de tecido de 94 centímetros de largura. 3 — Vestido de casamento, de crepe marocain ou setim branco, guarnecido com uma gola com nervuras na frente. Um bouquet de flôres de laranja mantém o longo véu. Para manequim 46: 4m 75 centímetros de tecido de 94 centímetros de largura. 4 — Vestido de crepe georgette preto, abotoamento nas costas, saia formando corselet. Para manequim 46: 5m. 25 centímetros de tecido de 94 centímetros de largura.

MODELOS ELEGANTES

OS QUE SABEM BEBER
PREFEREM

OLD PLAID

o melhor whisky

AGENTES NO RIO

Cunha Lima & Cia.

R. MAYRINK VEIGA, 26



1 — Vestido de crepe georgette preto, guarnecido com nervuras. Para manequim 48: 3m e meio de tecido de 94 centímetros de largura. 2 — Casaco longo de crepe ou lã, guarnecido com nervuras. Para manequim 48: tecido de 130 centímetros de largura, 2 metros. 3 — Vestido de shantung branco com bolas azues, guarnecido com viezes e botões azues. Para manequim 48: 4m. de tecido de 80 centímetros de largura. 4 — Vestido de crepe de fantasia, guarnecido com franzidos, a saia subida do lado mostra e forro de tom escuro. Para manequim 50: 4m. e meio de tecido de fantasia de 94 centímetros de largura.

VEIAS
DAS
PERNAS

Tel. 42-7871. RUA DA QUITANDA, 26 - 1.º — De 10 às 12 e 15 às 19 horas.

As veias dilatadas ou salientes tiram a beleza e a elegância das pernas e predispõem a infecções (erisipela), úlceras, eczemas, edemas (inchaço) etc. INSTITUTO HELCO do Dr. JOAQUIM SANTOS, médico especialista, trata por processo próprio, sem repouso, sem dor e sem operação.

Dois vestidos elegantes

Saia e blusa



Saia e blusa de shantung ou linho branco. Os bolsos, mantidos pela faixa, simulam basquinha.



1 — Vestido de shantung de fantasia, a frente simula um colete, nas costas, pines. Gola de fustão branco. Para manequim 46 a 50: 3 m. 25 centímetros de tecido de 80 centímetros de largura. 2 — Vestido simulando um costume de crepe ou linho azul; colete e punhos de faille ou fustão branco. Para manequim 48 a 52: 3 m. 25 de tecido de 94 centímetros de largura, tecido branco 60 centímetros de tecido de 80 centímetros de largura.

Saude e beleza pelo exercicio

Exercicios para fazer no quarto sobre um edredon ou esteira, com as janelas abertas



Sentada no edredon, segurar as pernas com as duas mãos e inclinar-se para trás até deitar-se. Repetir diversas vezes.



Deitada, abrir bem os braços esticados, tendo a cabeça e o busto encostados no chão e girar com as pernas dobradas para um lado e para o outro, diversas vezes.

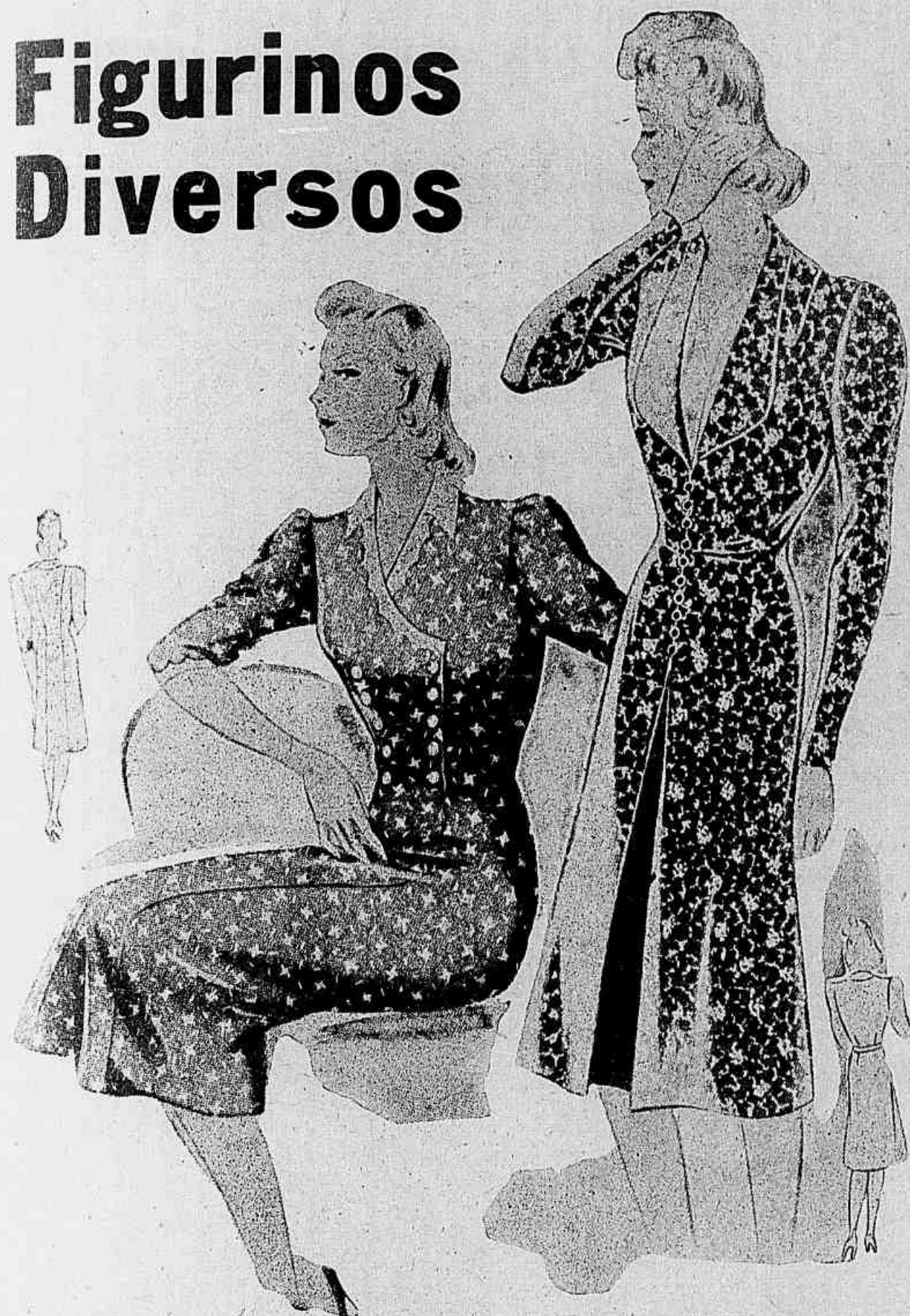


Deitada de costas, os braços bem esticados, levar o pé direito até tocar na mão esquerda, fazer a mesma coisa com a outra perna. Repetir diversas vezes.

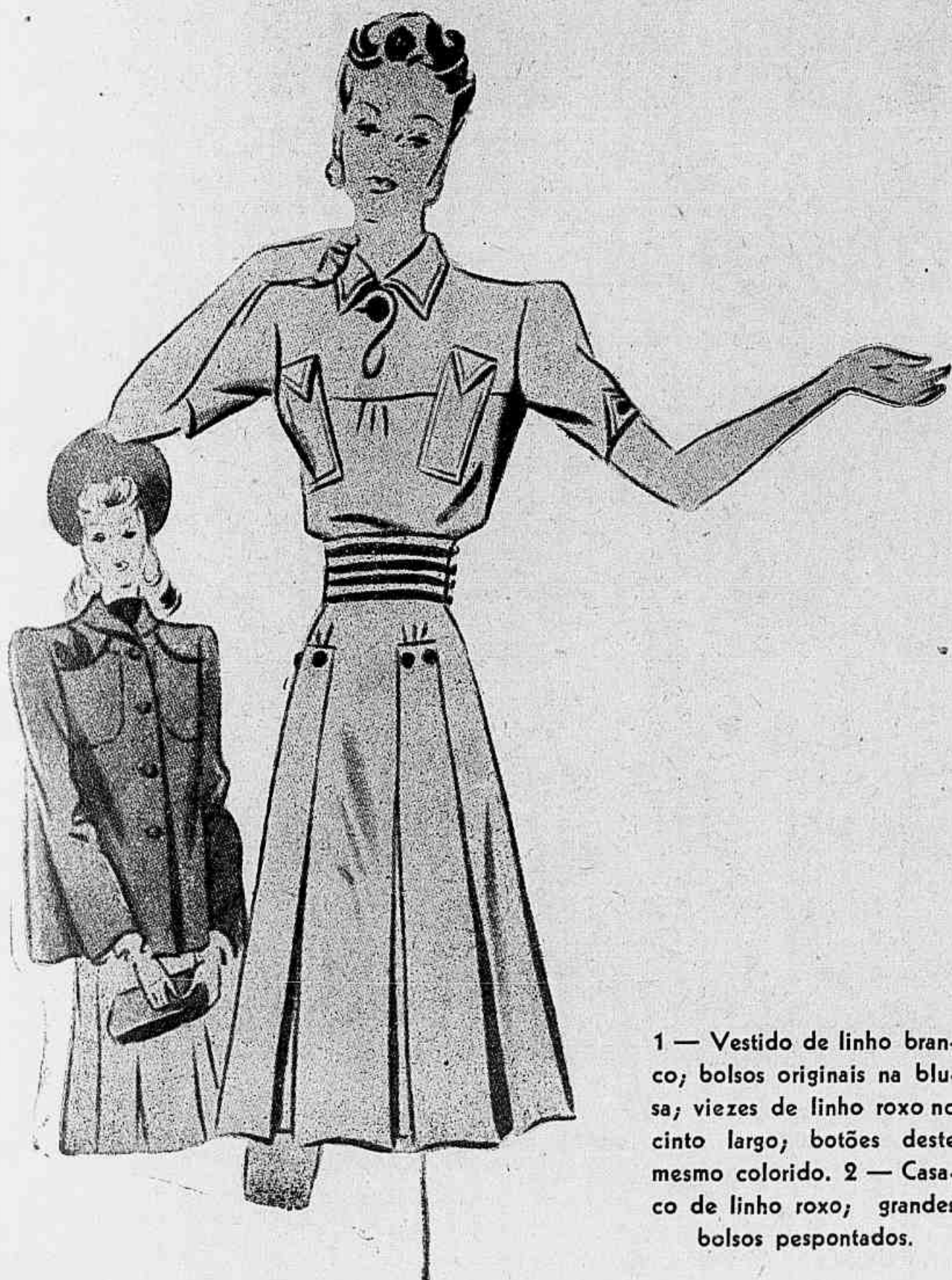


Deitada de lado, a cabeça sobre o braço direito esticado para cima, apoiar-se sobre a mão esquerda, e esticar bem a perna esquerda assim como o pé. Fazer a mesma coisa do outro lado, repetindo o exercício que faz esticar todos os musculos da côxa, perna e pé.

Figurinos Diversos



1 — Vestido inteiro de crepe verde com desenhos brancos. Guamecido com crepe ou linho branco. Para manequim 46 a 50: 3 m. e meio de tecido de 94 centímetros de largura, meio metro para a guarnição. 2 — Vestido de crepe azul marinho com desenhos brancos, frente de renda ou crepe branco. Para manequim 46 a 50: 3 m. e meio de tecido de 94 cent. de largura.



1 — Vestido de linho branco, bolsos originais na blusa, vizes de linho roxo no cinto largo, botões deste mesmo colorido. 2 — Casaco de linho roxo, grandes bolsos pespontados.

Elizabeth



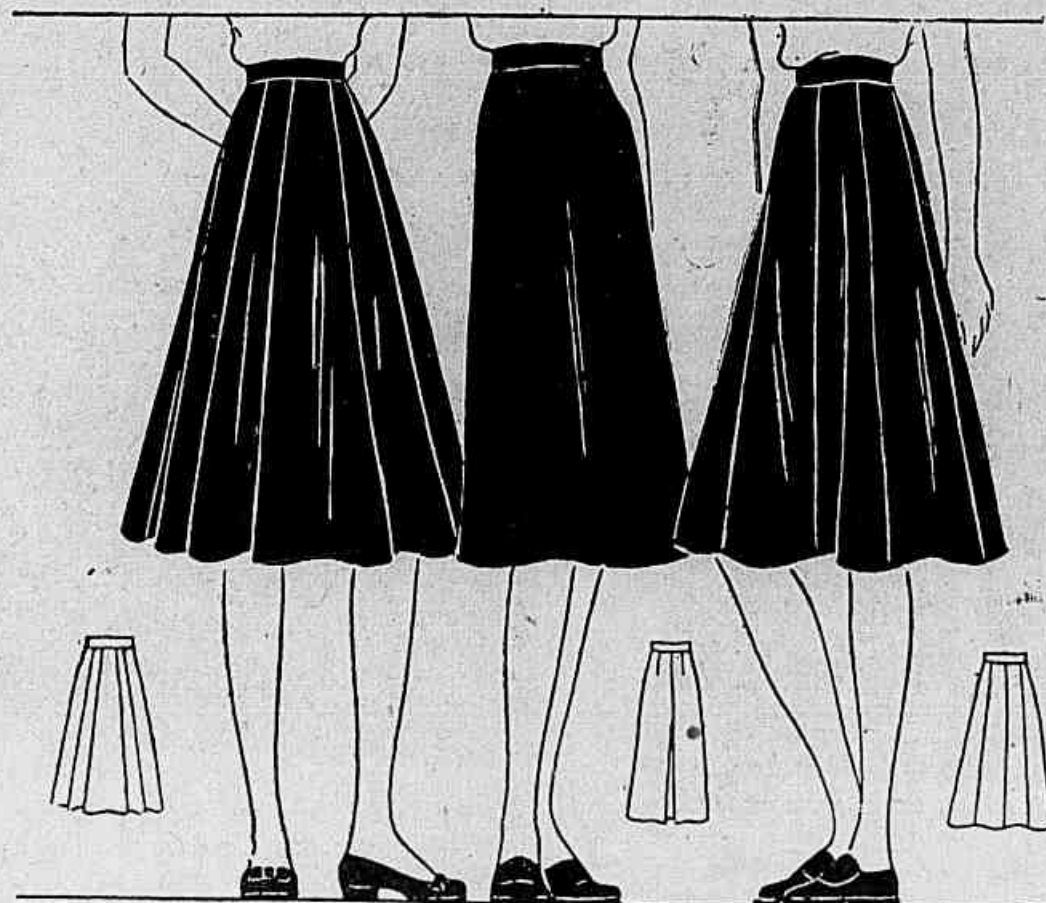
Após findar-se o verão, Elizabeth Arden recomenda seu "Unguento contra Manchas Escuras", quando a cutis que denota vestígios de sol, deixa de representar o ideal de beleza.



O "Unguento contra Manchas Escuras", não somente estimula a circulação, como clarêa a cutis e gradativamente faz desaparecer as manchas, e as demais descolorações da epiderme.

Arden

Saias para blusas

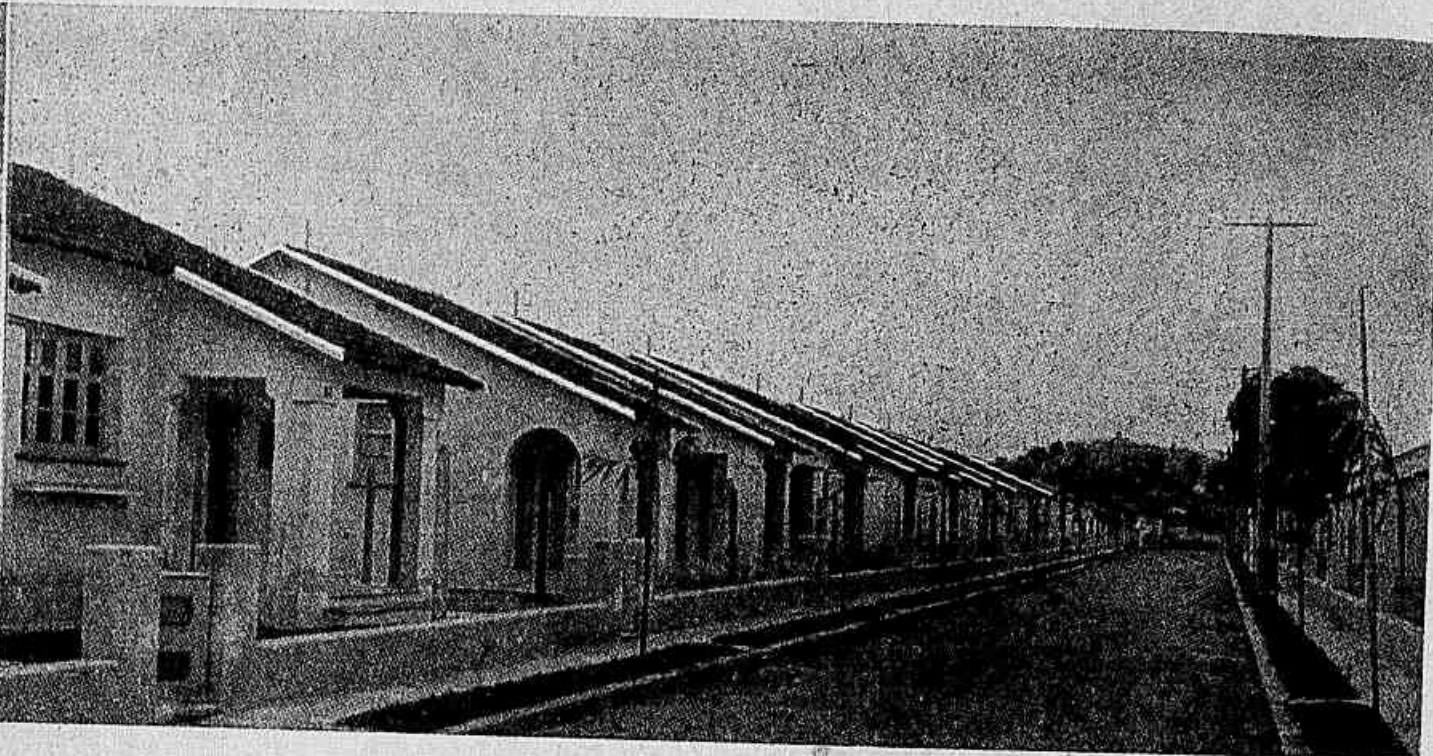


1 — Saia de crepe ou linho, com pregas na frente e atrás.
2 — Saia de linho ou lã com pínos e prega dupla atrás.
3 — Saia de crepe ou linho com panos enviezados.

FIGURAS E FATOS



A COMPANHIA INTERNACIONAL DE CAPITALIZAÇÃO AO PRESIDENTE VARGAS — Dentre as mais entusiásticas comemorações pela passagem do aniversário do Presidente Getúlio Vargas, destaca-se a sessão cívica promovida pela Cia. Internacional de Capitalização, da qual publicamos os aspectos acima, vendo-se a mesa presidida pelos Diretores da importante Companhia e o Inspetor Geral Sr. Clandenor Yanes Ribeiro, quando pronunciava, em nome da Diretoria, o discurso em honra a S. Excia, de cujo texto salientamos o seguinte: "1930, mostrou-o ao Brasil entre os fulgores de um novo 7 de Setembro. Sua vocação para dirigir povos se manifestara em seu próprio torrão natal, e ele, quanto mais subia, mais estava ao lado das massas populares! Nunca se conturbou com a glória; indulgente e modesto de índole, tem na origem gaúcha a tradicional generosidade do pampa, no sangue a indomável coragem brasileira e na alma o espírito de justiça dos predestinados!"



INAUGURAÇÃO DE 76 RESIDÊNCIAS PARA COMERCIÁRIOS — A rua Cardoso de Moraes, n.º 510, em Ramos, foi inaugurada em 19 de Abril próximo passado um conjunto de 76 casas para empregados no comércio, tendo a execução da importante obra sido confiada à competência da conhecida firma F. Martins de Almeida e sendo de propriedade do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes. Na foto à esquerda estampamos um aspecto de uma visita às construções do núcleo residencial de Olaria, perenentes também àquele Instituto: à direita vê-se o Dr. Fausto Alvim, presidente do Instituto; ao centro o engenheiro Felix Martins de Almeida, chefe da firma construtora e à esquerda, o engenheiro Ulisses Hellmeister, diretor da Divisão de Engenharia do Instituto. Na foto à direita, o conjunto das 76 residências recém-inauguradas.

A NOSSA CAPA



Estampamos na capa deste número o retrato do Conde d'Eu, da época em que comandou, como marechal, os exércitos brasileiros nos últimos meses da campanha do Paraguai.

O Conde d'Eu, genro de D. Pedro II, consorte da Princesa Izabel, deixou seu nome inscrito nas páginas da nossa His-

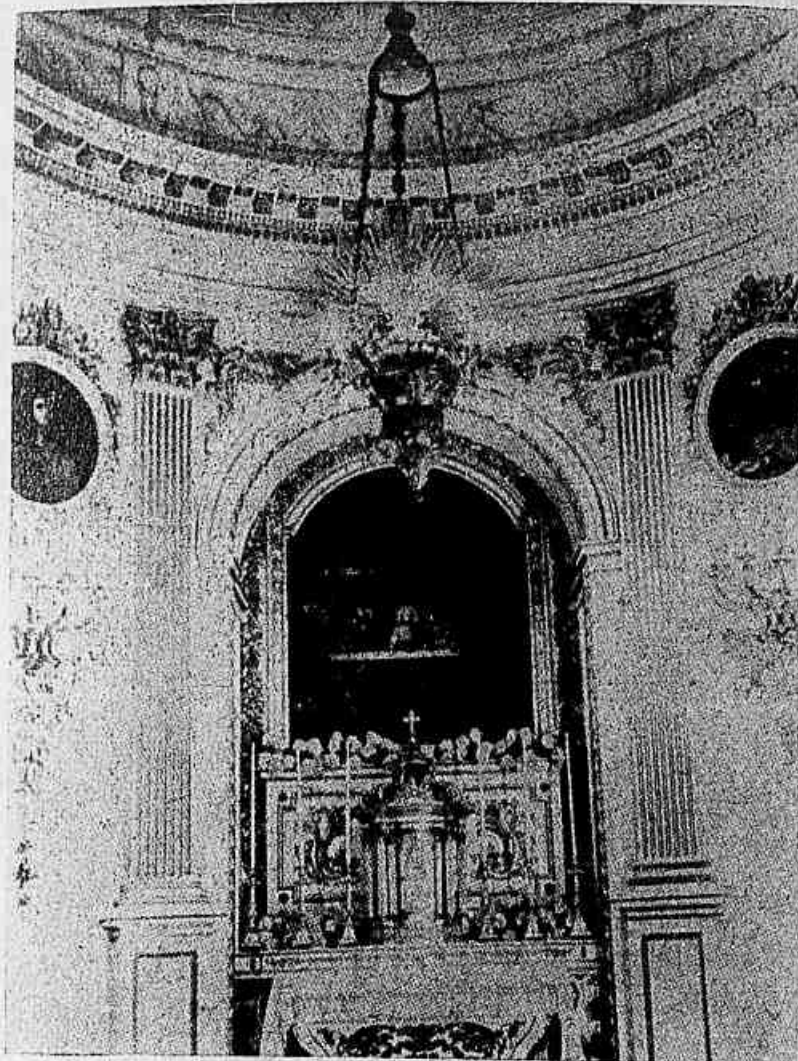


O NOVO SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL — Vem de tomar posse no cargo de secretário da Educação do Distrito Federal, para onde fôra nomeado por ato do prefeito Henrique Dodsworth, o tenente-coronel Jonas Correia. A foto acima mostra o novo Secretário quando agradecia a homenagem que por ocasião de sua posse lhe prestaram amigos e colegas.

toria. Nascido a 28 de Abril de 1842, foi agora o centenario do seu nascimento co-

memorado. E' essa a justa razão por que escolhemos para a capa desta edição da

REVISTA DA SEMANA o retrato do valeroso cabo de guerra.



A SANTA CASA AO PRESIDENTE DA REPUBLICA — Por ocasião da passagem do aniversário natalício do sr. Getúlio Vargas, a Santa Casa de Misericórdia fez celebrar uma missa e Te-Deum em honra ao Chefe do Estado. As fotos acima são da Capela onde teve lugar o officio e de parte da assistência á cerimonia religiosa.

DOS ESTADOS

Ainda a mulher-mumia de Goiás

Goiania, 20 de Abril de 1942.

Ainda estamos lembrados da grande repercussão que causou uma correspondência distribuída à imprensa do país pelo Departamento de Propaganda de

ta, graças à ação de uma herva medicinal que lhe aplicaram seus companheiros selvícolas, volta ao cartaz, provocando por parte da imprensa, dado o ineditismo do fato, curiosos comentários.

Realmente, a filha das florestas goianas, que pelo seu todo cadavérico e envelhecido parece mais uma mumia do que mesmo um ente vivo, é, sem dúvida alguma, um caso a estudar e que não

pode passar despercebido aos nossos homens de ciência.

Agora, quando com o batismo cultural de Goiania se vai consagrar em pleno centro geográfico do Brasil a notável obra administrativa de um governo estadual, bem como as primeiras realizações do movimento da marcha para o Oeste, preconizado pelo Presidente Getúlio Vargas, cogita-se, ao que consta por aqui, de se trazer a mulher-mumia até esta cidade. Ao lado das grandes solenidades que serão levadas a efeito na mais moderna

das capitais brasileiras e de conclaves de alta significação nacional, quais sejam o VIII Congresso Nacional de Educação e as Assembléias Gerais dos Conselhos Nacionais de Geografia e Estatística, a aludida macrobia, considerada a mulher mais velha do mundo, constatará nesse ambiente de trabalho, de energia criadora e de vitalidade o titanismo admirável da Capital do Oeste, onde surge um Brasil à altura das nossas tradições, das nossas riquezas e, principalmente, do nosso futuro.



Goias, em Setembro de 1937, a respeito do aparecimento de uma macrobia indígena, na região povoada pelos índios, naquele Estado, a qual, pela sua invulgar longevidade e aspecto físico impressionante, foi logo cognominada **mulher-mumia**.

A notícia enviada, também, naquela época, pela propaganda do Estado Central, à imprensa estrangeira, ilustrada com a fotografia dessa índia, foi divulgada, segundo viemos a saber mais tarde, em vistosas manchetes, pelos jornais norte-americanos e europeus. Depois de cinco anos, a original criatura, a quem se atribue mais de 160 anos de idade e cuja vida está sendo prolongada, ao que cons-



MINAS GERAES — O coronel Benjamim Ferreira Guimarães acaba de receber em Bom Sucesso, Minas, uma verdadeira consagração do povo dessa cidade onde ele se casou e viveu muitos anos. Foi inaugurado na principal praça pública no centro do jardim o seu busto em bronze perante imensa assistência de pessoas do município além dos amigos dos lugares vizinhos, tendo havido expressivos discursos alusivos ao ato. Outras manifestações foram realizadas durante 3 dias consecutivos salientando-se as festas na Escola Normal, na Santa Casa e no Asilo, três instituições fundadas e doadas pelo coronel Benjamim Ferreira Guimarães à cidade que ele tanto quer. O governador do Estado e o secretário da Educação se fizeram representar nos 3 dias de merecidas manifestações. O busto foi adquirido por subscrição pública grandemente generalizada o que prova o muito que merece o homenageado. Esteve presente toda a família do homenageado, isto é os seus 9 filhos, genros e netos, inclusive o sr. Ferreira Guimarães, presidente da Federação das Associações Comerciais do Brasil.



COM a aproximação da estação fria, torna-se obrigatória às mães uma visita á NOTRE DAME.

Para vestir bem as crianças exige-se uma arte especial, que saiba pôr em relevo a graça peculiar a cada idade. A NOTRE DAME dispõe de artistas especializados para tal fim.

Agora, para o Inverno, encontram-se na sua magnífica **Seção de Crianças** os mais primorosos e modernos

**Vestidos e roupinhas de lã
Casaquinhos e "Sweaters"
Enxovais para Bebês.**

Visitem a

NOTRE DAME DE PARIS

**A CASA QUE MAIS BARATO VENDE EM
TODO O RIO DE JANEIRO--OUVIDOR, 182**



Costume de crepe marocain branco, com botões clips no casaco.



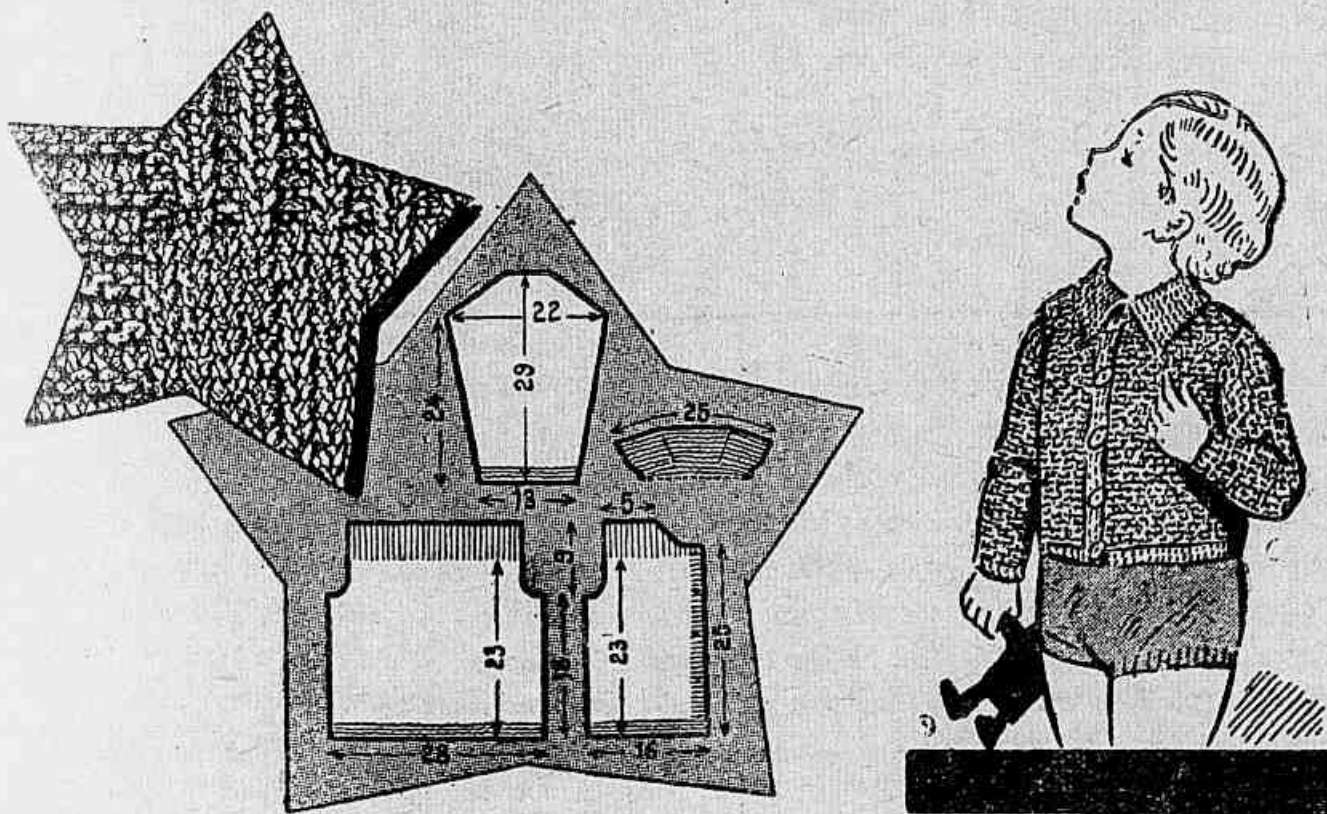
De crepe ou linho este costume para aquelas que esperam bebê.

Modelos para Crianças



1 — Vestido, chapeo e guarda-sol de zefir branco com lista azul, guarnecidos com cadarço zig-zag vermelho. 2 — Roupinha de zefir ou brim branco com listas vermelhas e chapeo do mesmo tecido, são enfeitados com cadarço zig-zag vermelho.

Casaquinho de tricot de lã

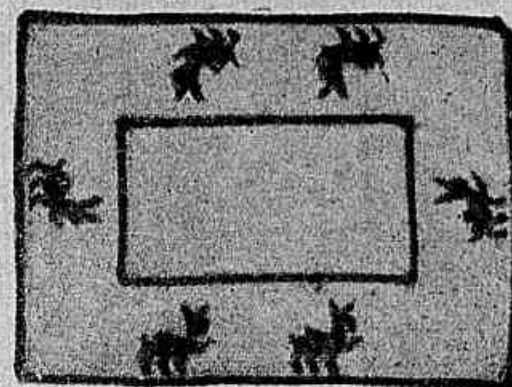
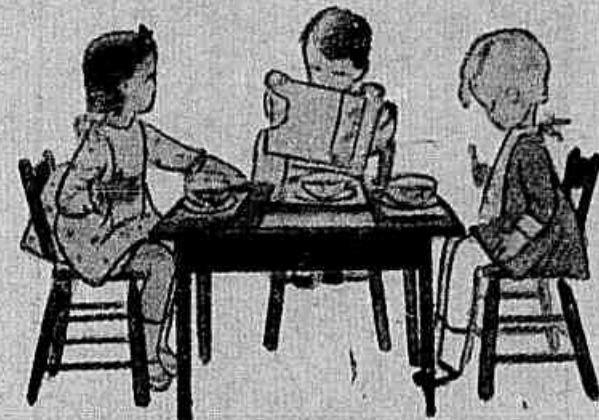
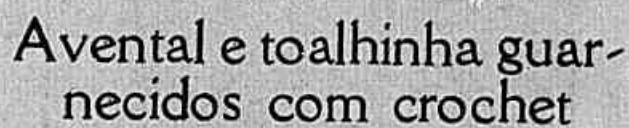
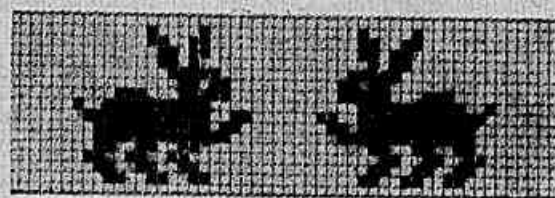
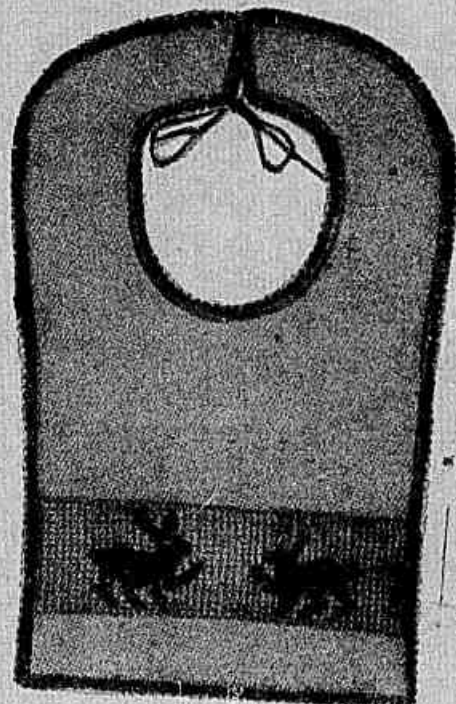


Os moldes com as suas medidas.

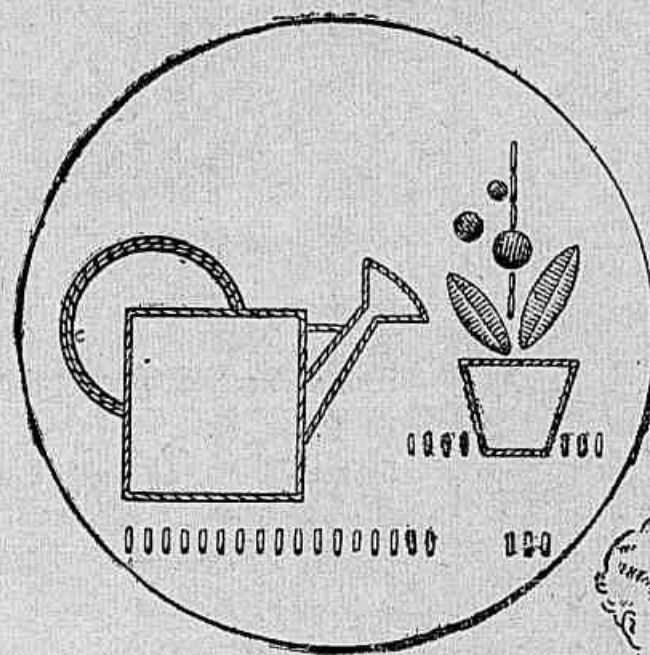
Este casaquinho para uma criança de dois anos a dois anos e meio é executado com 150 grs. de lã vermelha e duas agulhas de **tricot** de 3 mm. de diâmetro.

Costas — Começar pela parte de baixo pondo na agulha de **tricot** 70 malhas e trabalhar no ponto de **mocho**: todas as carreiras pelo direito, durante 10 carreiras. Tricotar depois o ponto de **jersey**: uma carreira pelo direito, 1ª carreira pelo avesso até obter 18 centímetros de altura. Fechar 5 malhas de cada lado para as cavas, depois 2 malhas e duas vezes 1 malha. Continuar a direito até medir 23 centímetros de altura, tricotar então no ponto de **gaita**: uma malha pelo direito, 1 malha pelo avesso, até obter 4 centímetros, e fechar a direito.

Frente — Lado esquerdo — Pôr na agulha de **tricot** 40 malhas, fazer 10 carreiras no



O entremeio de crochet que guarnece a toalhinha, assim como o avental é executado com linha branca e os coelhinhos com linha vermelha, azul ou marrom, assim como se pode também executar o crochet com linha de côr de um só tom. Termina o avental uma renda de crochet executada com a linha de côr. O entremeio de crochet é terminado, de uma e do outro, por duas carreiras de pontos baixos executados com a linha de côr.



1 — Avental de linho azul, bolso guarnecido com bordado. O regador e o vaso são bordados com linha verde vivo, as folhas e os traços no chão, com linha verde mais claro, as bolas no tom vermelho vivo. 2 — Vestido de fustão côr de rosa, camiseta e punhos de cambraia branca.

ponto de musgo, depois o ponto de **jersey**, mas conservando as 5 últimas malhas (lado da abertura) no ponto de musgo e isto até à gola. Quando medir 18 centímetros de altura, formar a cava como as das costas. Quando medir 23 centímetros tricotar no ponto de gaita, mas conservando sempre as 5 malhas no ponto de musgo (fig. 1). Quando medir 25 centímetros de altura começar a gola fechando primeiro 5 malhas, depois 2 malhas em cada carreira daquele lado até medir 27 centímetros de altura, fechar as malhas restantes de uma só vez.

A frente direita: tricotar da mesma maneira, mas no outro sentido fazendo cinco casas: a primeira justo na terminação das 10 carreiras no ponto de musgo, fechando 3 malhas a 2 malhas da beirada, estas malhas são postas novamente na agulha na carreira seguinte, as quatro outras casas a 5 centímetros umas das outras.

Mangas — Pôr na agulha de **tricot** 35 malhas, fazer 8 carreiras no ponto de musgo, depois tricotar o ponto de **jersey** aumentando 1 malha de cada lado todas as 8 carreiras até medir 24 centímetros de altura. Fechar 3 malhas de cada lado, depois 1 malha todas as carreiras até medir 29 centímetros de altura, fechar a direito as malhas restantes.

Gola — Depois de ter feito as costuras dos ombros, apanhar todas as malhas em volta da gola, fazer 6 carreiras no ponto de musgo, aumentar 1 malha no começo e no fim da carreira, depois a 14 malhas das beiradas de cada lado, isto todas as 2 carreiras durante 18 carreiras, terminar por 8 carreiras sem aumentar. Fechar as malhas a direito sem apertar o fio.

Os problemas do Lar

GUARNIÇÃO PARA BERÇO



CONSELHOS PRATICOS

Para amaciar o couro — Para dar de novo toda a flexibilidade ao couro que esteve durante muito tempo guardado, ou que endureceu devido á humidade, basta untá-lo com petróleo, glicerina ou óleo de rícino; depois de alguns dias desse tratamento, enxugar muito bem e não é preciso senão encherá-los para ficarem perfeitos.

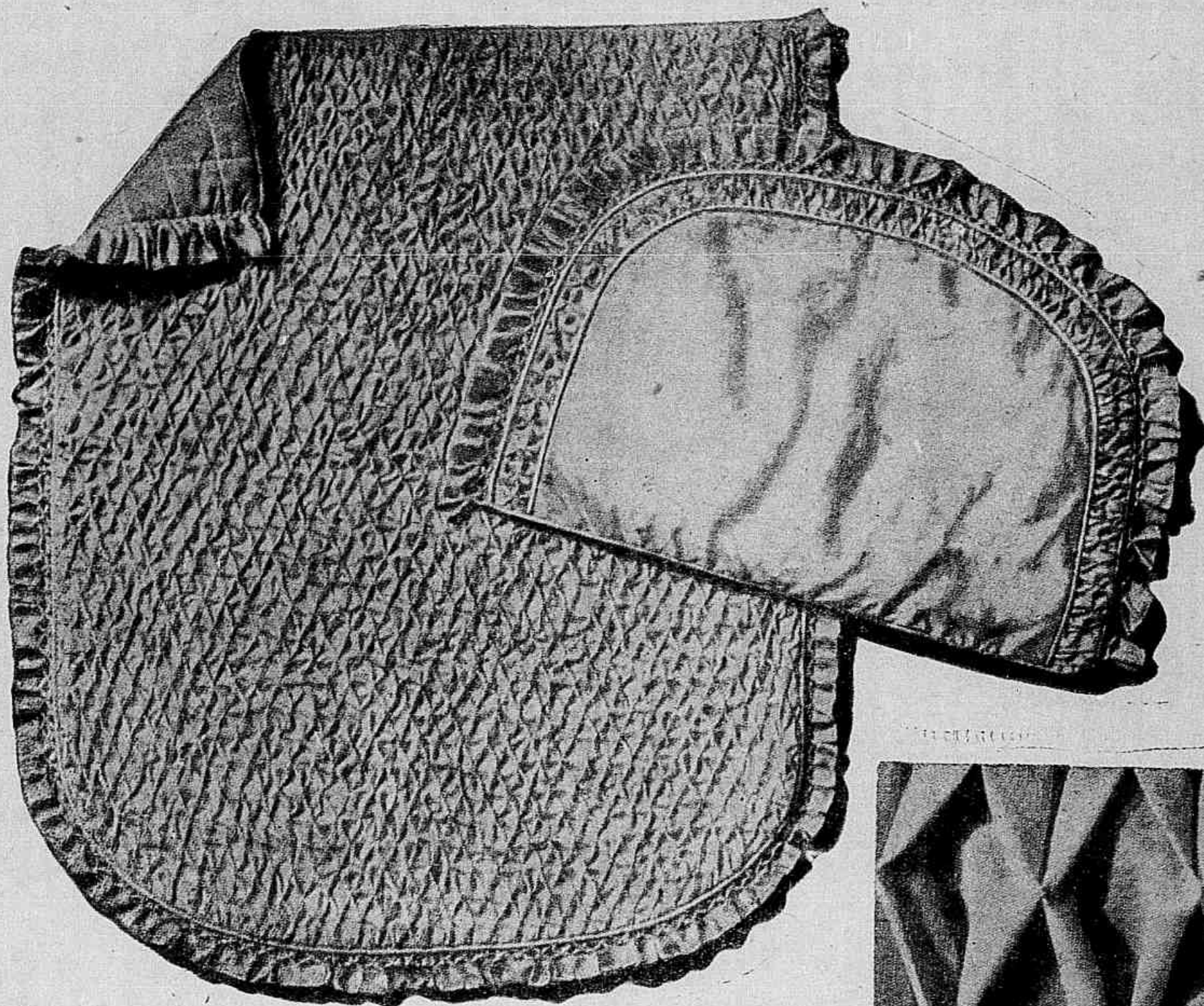


Pó dentifício — Misturar muito bem 200 grs. de talco de Veneza, com 60 grs. de bicarbonato de soda e perfumar com 35 gotas de hortelã. Póde-se dar o

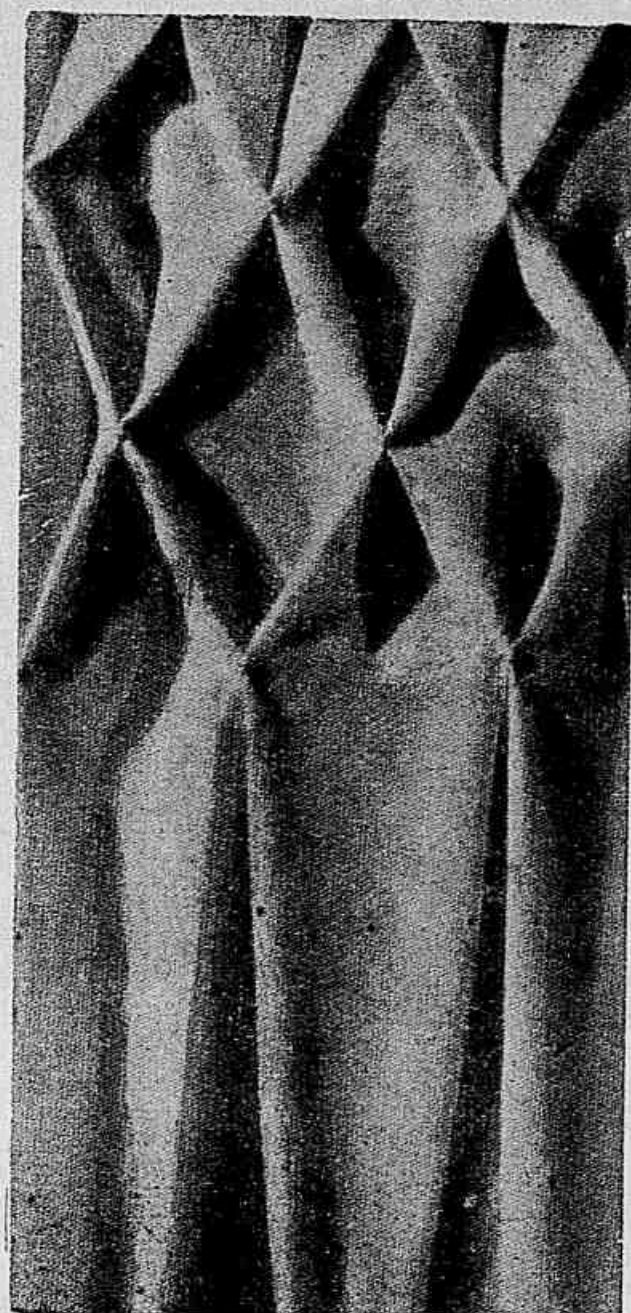
MOBILIARIOS EM ESTILOS RENASCENÇA, COLONIAL, RÚSTICO, CHIPENDALE E OUTROS, EXPOSTOS EM AMPLOS MOSTRUARIOS

A exposição de uma completa variedade de mobiliarios nos diversos estilos hoje em uso, capaz de permitir o pretendente fazer a sua escolha, exige muito espaço e amplos salões, razão por que a Fábrica de Moveis "Lamas" tem os seus mostruários junto á fábrica, á rua Melo e Souza ns. 100 a 110, onde ocupa um vasto quarteirão, próximo á estação principal da Leopoldina, pois que as suas exposições do Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda.

A Fábrica "Lamas" pode satisfazer os pretendentes a moveis de boa fabricação desenho apurado e de inteira responsabilidade, porque entre as poucas que se dedicam ao fabrico de moveis finos é a que tem a maior e mais completa organização, com competente secção de desenho para moveis de encomenda e facilitando em certos casos o pagamento.



Para variar, propomos hoje uma coberta e fronha para berço em crepe da China, rosa ou azul, guarnecidas com franzido ninho de abelhas. Este trabalho, do qual damos um fragmento em tamanho de execução, é muito simples de fazer; o tecido a franzir é todo marcado com pontos a 2 centímetros pouco mais ou menos de intervalo em altura e largura. Aproximam-se, como mostra o desenho, esses pontos uns dos outros por uns pontos firmes com retroz do mesmo colorido. Intercalar esses pontos em cada carreira. A coberta é guarnecida com um babado com o mesmo franzido. O viéz que termina a guarnição tanto da coberta como da fronha é formado por uma tira enviezada do crepe dentro da qual metem-se alguns fios de lã da mesma côr, para formar o relevo. A fronha tem a guarnição franzida só numa parte. Entre o forro do mesmo crepe mete-se outro de nanzouk para dar consistencia.



tom rosa, juntando um pouquinho de carmim.



Para uma maior produção de ovos — Para que as galinhas ponham mais ovos, basta juntar ao seu alimento ortigas frescas ou secas, bem picadas. As ortigas carregadas com sementes são as mais eficazes.

A biqueira do guarda-chuva — Quando o guarda-chuva já não é novo e perdeu a biqueira, não vale a pena levá-lo para consertar. Escolhe-se uma rolha de cortiça fina, faz-se a perfuração para meter a ponta do guarda-chuva e empregando-se para colar a cola forte (cola de carpinteiro), depois pinta-se de preto ou do tom do guarda-chuva. Fazendo-se com cuidado este conserto, não chamará a atenção.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia. Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador á vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite á pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas, as asperezas e a tendencia para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.



Senhoras!

CAPSULAS

MENAGOL

PARA FALTA DE MENSTRUACÃO

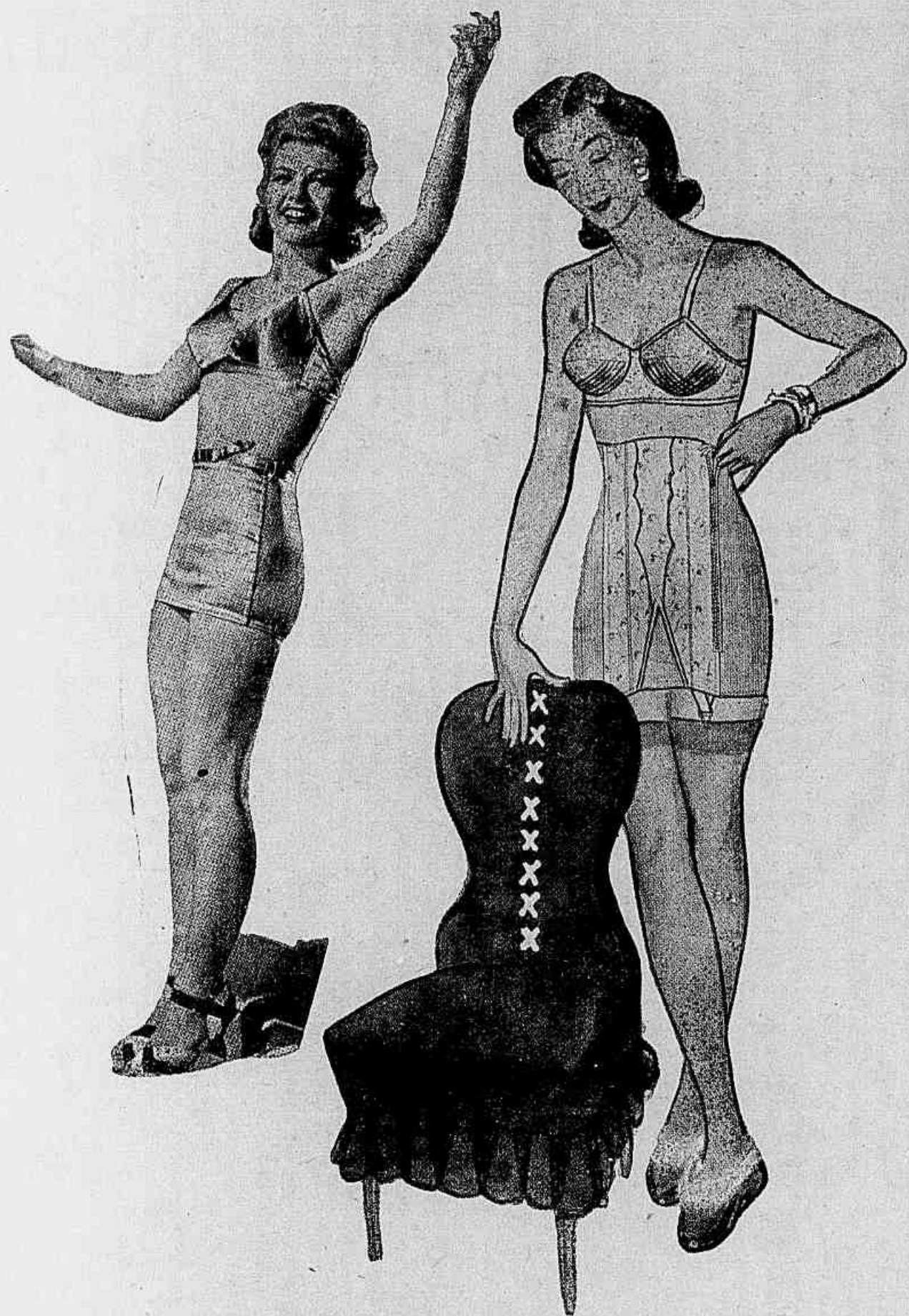
APÓS PELA CÉLULA CÉLULA 50-4-4

THERMOMETROS PARA FEBRE CASELLA-LONDON

Min Casella London 84014

FUNCCIONAMENTO GARANTIDO

A cinta substituiu o colete com vantagem

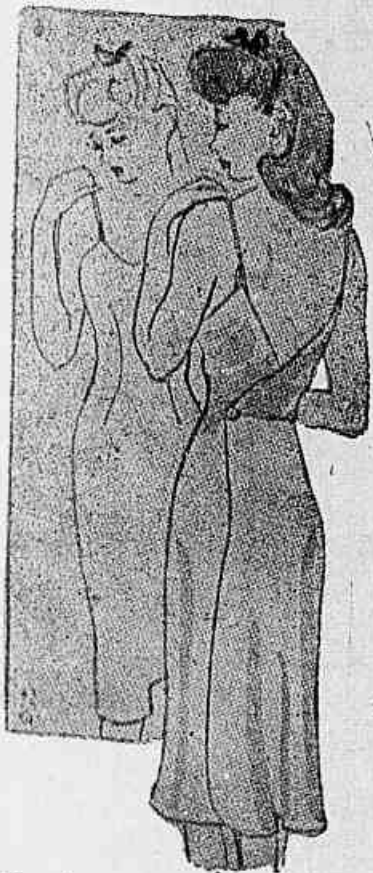


As cintas modernas.

O colete, com as suas barbatanas, martirizava os órgãos comprimindo-os, tirando toda a flexibilidade ao busto; foi ele substituído por uma cinta flexível que deixou aos movimentos toda a flexibilidade. Mas sempre vem o exagero: suprimiram também a cinta. O resultado foi desastroso, não somente para a estética como para a saúde. Se aos corpos das jovens que começaram a fazer esporte muito cedo a cinta não faz falta, o mesmo não se dá com as pessoas de mais idade, sobretudo com aquelas que fazem regime para emagrecer. Os órgãos contidos na cavidade abdominal, deixando de estar mantidos por uma pressão exterior, cedem à ação do peso e esta é a origem das ptoses.

A parede abdominal da mulher tem sempre uma fraca consistência. O órgão que mais sofre com a falta de proteção exterior é o estômago. O peso do bolo alimentar faz distender

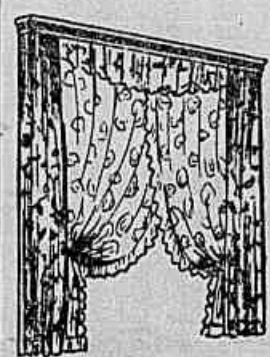
Para aquelas que esperam bebê



Combinação muito cruzada nas costas, podendo alargar-se à vontade. Em setim ou crepe.



Vestido de crepe ou voile de fantasia, os franzidos da cintura são ajustados pela faixa.



ESTORES, CORTINAS E TOLDOS,
PARA PARTICULARES E COMERCIO
Sebastião C. Santos

Armador e Estofador. Serviços por conta própria. Chamados para:
Rua José Felix, 72-Tel. 48-0733



a bolsa gástrica, descendo ela na cavidade abdominal. Normalmente, o estômago cheio termina na altura da linha que reúne as duas extremidades dos ossos ilíacos. E' hoje muito frequente, no exame radiográfico, verem-se estômagos de mulheres ainda jovens descenderem muito abaixo. Esta ptose, é o termo usado, traz fenômenos dispépticos, crises dolorosas, digestões penosas, sem falar nas perturbações nervosas.

Muitas vezes é diagnosticada dilatação do estômago, quando se trata apenas de uma descida, porque no indivíduo normal a dilatação não é senão uma ptose.

O que é certo é que, quando era usado o colete, encontravam-se muito menos vezes essas ptoses. Mas o colete tinha outros inconvenientes, como é sabido. Por essa razão deve ser preferida a cinta, que tem todas as vantagens do colete sem as suas desvantagens; uma cinta bem feita e sólida, agindo com uma pressão regular sobre os órgãos intra-abdominais, é o ideal. Não se deve prejudicar a saúde por uma comodidade.

A cinta corresponde a uma utilidade fisiológica e nunca será bastante recomendada. Bem feita, não somente não se opõe à prática dos esportes, como é uma garantia para os órgãos serem mantidos por ela quando se fazem esses exercícios. Entre o colete cheio de barbatanas de outrora e a completa ausência de colete de agora deve haver um meio termo.

PENSAMENTOS

Na Rússia dois e dois são quatro, porém — com mais brilho e altivez do que em qualquer outra parte.

Ivan Turgeniew

Os homens são perversos, seriam ainda piores se tivessem tido a desgraça de nascer sábios.

J. J. Rousseau.

LEIAM

Esporte Ilustrado

A MELHOR REVISTA

ESPORTIVA DO BRASIL



BICODE

DE ENHOJA E VERRUGA
ELIMINAÇÃO GARANTIDA
TRATAMENTO DA CUTIS
PELA CIÊNCIA MODERNA

SÃO PAULO

AV. BRIG. LUIZ ANTONIO 1471

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

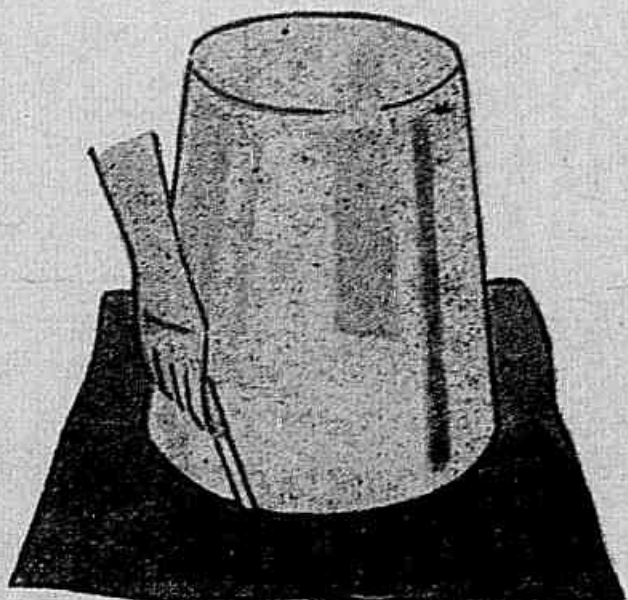
O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA

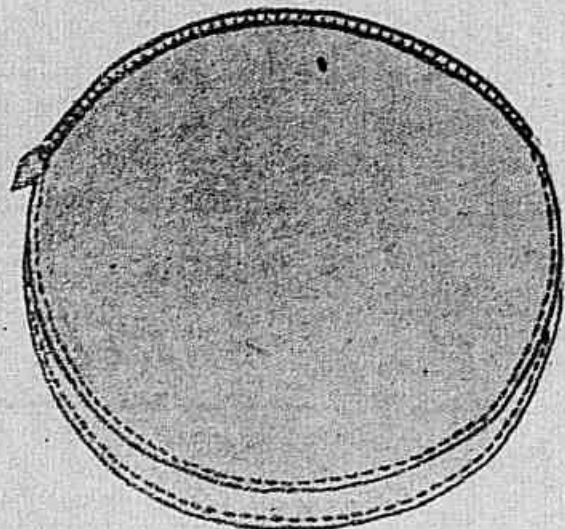
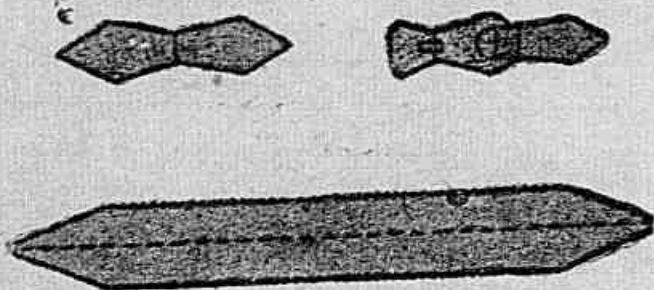


INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

Como fazer uma bolsinha para niqueis



É indispensável ter-se uma bolsinha para niqueis dentro da bolsa; por esta razão, aqui damos um modelo de muito fácil execução.



Póde-se utilizar a pelica de uma luva já posta de parte ou então comprar um pedaço de pelica, que deve ter uma certa consistência. É preciso traçar com um compasso ou com um copo duas circunferências de 7 centímetros de diâmetro pouco mais ou menos; cortar os contornos

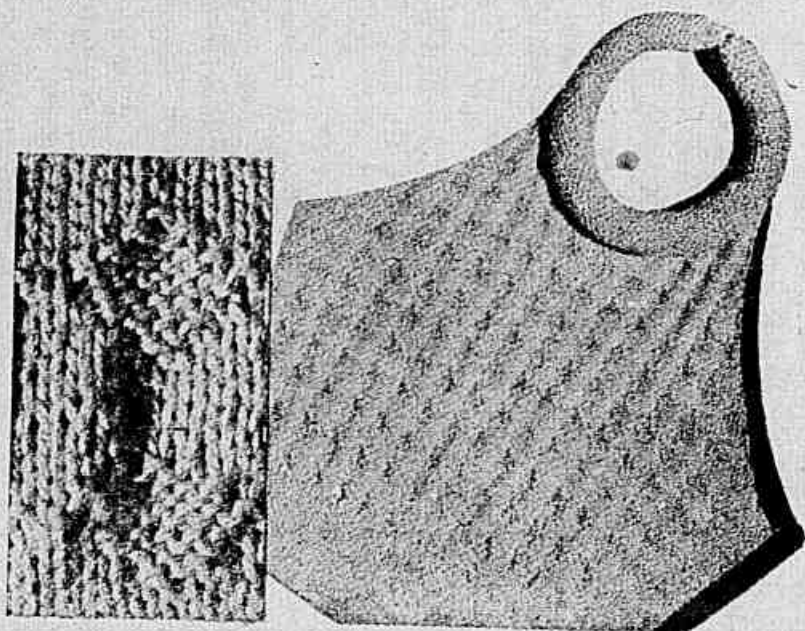
com um canivete bem amolado para obter bordas muito perfeitas.

Quando as duas circunferências estiverem cortadas, riscar na pelica uma tira de 11 centímetros pouco mais ou menos de comprimento por 2 centímetros de largura e terminar em ponta as suas duas extremidades. É preciso que essa tira seja cortada no sentido do comprimento do couro, para que tenha toda a elasticidade.

Reunir as beiradas da tira na beirada de uma das circunferências, avesso contra avesso; fazer uma costura na máquina pelo direito, a 3 milímetros pouco mais ou menos das beiradas. Reunir a outra circunferência da mesma maneira, depois dobrar a tira no meio e pô-la sob pressão ou sob uma pilha de livros pesados. As duas circunferências estão pois reunidas na metade da sua roda por uma espécie de fole terminando em ponta as suas extremidades.

Reunir ainda as duas circunferências além do fole, continuando um dos pontos à máquina sobre 2 centímetros pouco mais ou menos em cada um dos lados. Colocar então, nas beiradas da abertura restante, um fecho éclair. Colocar no anel do fecho uma tira da pelica, como mostra o desenho.

Frente de tricot de linha para banho de sol



Pontos empregados — Ponto de gaita: 1 malha pelo direito, 1 malha pelo avesso. Ponto de arroz: 1 malha pelo direito, 1 malha pelo avesso. Contrariar os pontos em cada carreira. Ponto de fantasia: 1.ª carreira: 7 malhas pelo direito, 1 malha pelo avesso, 7 malhas pelo direito. 2.ª carreira: 5 malhas pelo avesso, 3 malhas pelo direito, 5 malhas pelo avesso. 3.ª carreira: 3 malhas pelo direito, 5 malhas pelo avesso. 3 malhas pelo direito. 4.ª carreira: 1 malha pelo avesso. 7 malhas pelo direito. 1 malha pelo avesso. 5.ª carreira: 3 malhas pelo direito, 5 malhas pelo avesso. 6.ª carreira: 5 malhas pelo avesso, 3 malhas pelo direito. 7.ª carreira: 7 malhas pelo direito, 1 malha pelo avesso. 8.ª carreira: toda pelo avesso. 9.ª carreira: pelo direito. 10.ª carreira: pelo direito. 11.ª carreira: recomençar como na primeira carreira.

Execução — Com agulhas de tricot de 2mm. e meio, e linha Floralia vermelha, pôr na agulha 240 malhas, fazer um centímetro no ponto de gaita, depois formar uma casa fechando 3 malhas a 3 malhas da beirada, repôr na agulha as 3 malhas na carreira seguinte; tricotar mais 2 centímetros no ponto de gaita, formar uma segunda casa, mais 2 centímetros no ponto de gaita, formar uma terceira casa, fazer mais 2 centímetros no ponto de gaita, depois mudar de agulhas, um pouco mais grossas, e começar o ponto de fantasia. Tricotar fechando de cada lado 2 malhas todas as 2 carreiras até que restem somente 120 malhas na agulha; continuar fechando de cada lado uma malha todas as 2 carreiras até restarem só 70 malhas. Formar o decote, fechando 14 malhas no meio. Devem ficar 28 malhas para cada lado. Trabalhar um dos lados fechando do lado do decote: 4 malhas, duas vezes 3 malhas, tres vezes 2 malhas, duas vezes 1 malha; devem restar apenas 10 malhas, tricotar durante 11 centímetros e meio e depois fechar todas de uma só vez.

Tira no ponto de arroz — Pôr na agulha de tricot 3 malhas, tricotar juntando de cada lado 1 malha todas as 2 carreiras até obter 19 malhas, trabalhar depois da seguinte



★ **Rugas na testa:** Marcam o fim de uma mocidade... destroem a beleza...

★ **Pés de galinha:** Pequenas rugas que aparecem no canto dos olhos, dando ao rosto uma aparência de muitos anos a mais.

★ **Cravos e espinhas:** Frequentes defeitos da cutis feminina, em qualquer idade. São Rebeles aos tratamentos comuns, e enfleam o rosto facilitando rugas prematuras.

Cravos, Manchas, Espinhas e Sardas

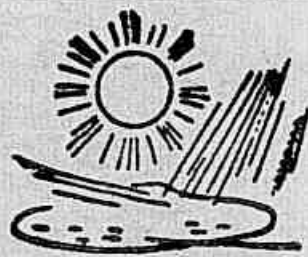
INDICAM

O fim da mocidade...



Permaneça jovem com o uso de um só creme que protege a sua cutis!...

Não deixe que as imperfeições da pele, espinhas, cravos, manchas e póros dilatados abram caminho à "velhice prematura". Proteja a sua mocidade com um tratamento completo de beleza. Use Rugól à noite, antes de deitar-se e durante o dia como base de pó de arroz. Em apenas 3 dias, a sua cutis sentirá os efeitos benéficos deste creme famoso que age cientificamente sobre as camadas subcutâneas fortalecendo e estimulando os músculos faciais.



Contra os efeitos do sol, do vento e do frio, Rugól age como suavizante e protetor. Rugól é o verdadeiro embelezador da cutis!

CREME
RUGÓL

LABORATÓRIOS
ALVIM & FREITAS
SÃO PAULO

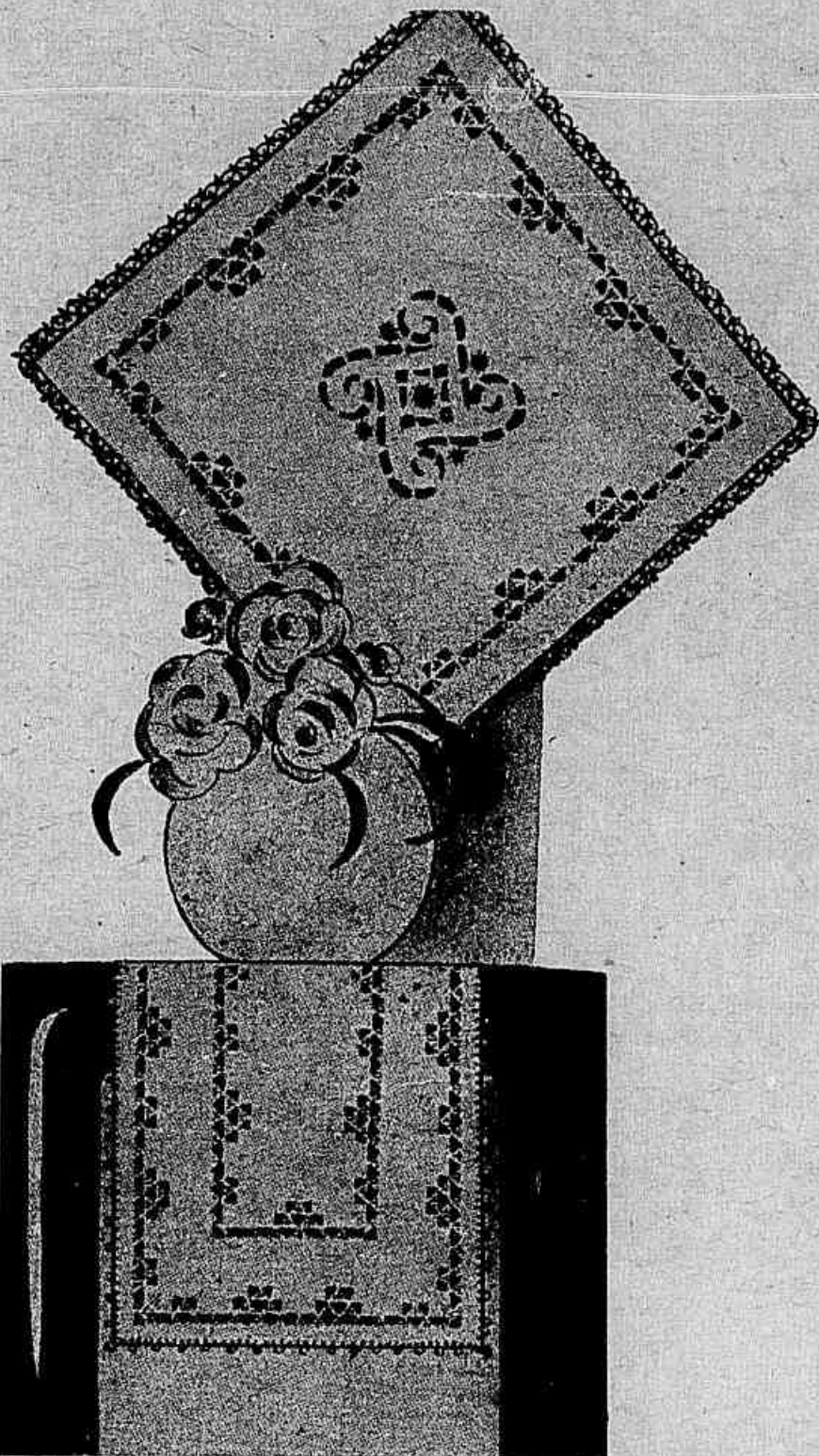
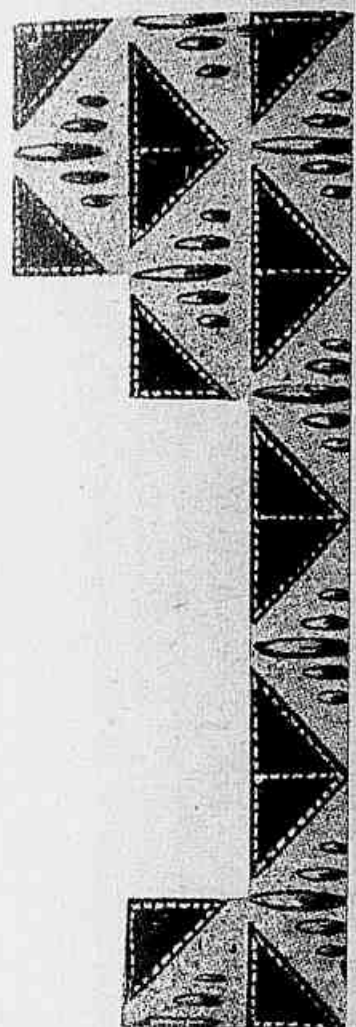


maneira: formar 1 aumento no começo da carreira e tomar 2 malhas juntas no fim da carreira, isto todas as 2 carreiras, nas outras carreiras, tricotar todas as malhas. Quando se tiver obtido 43 centímetros de comprimento fechar uma malha de cada lado até esgotarem-se todas as malhas.

Pregar a tira no ponto de arroz em volta do decote de maneira a formar um rolo, dentro do qual se enfiem fios de lã mecha. De cada lado da gola pregar colchetes. No cinto pregar os botões correspondendo às casas.

Ornamentação do Lar

Centro de mesa e toalha guarnecidos com bordado



Em linho branco é o bordado executado com linha de tom vivo. Os triângulos podem ser em aberto, fazendo-se um ponto de festão ou então completamente cobertos com o fio grosso empregado no bordado. Póde-se fazer o bordado num só colorido ou com dois. Também se póde fazer num só colorido, tecido e a linha de bordar.

TECIDOS EM PADRÕES EXCLUSIVOS
PARA CORTINAS E ESTOFOS,
TAPETES — PASSADEIRAS
MOVEIS — DECORAÇÕES

ASA MARCA **UNES** REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL

65-RUA DA CARIOCA-67
RIO DE JANEIRO

Dão-se alimentos contendo as vitaminas necessárias ao desenvolvimento e fortalecimento da criança.

Os ovos rachados e gelados — São perigosos para a alimentação os ovos

rachados, permitindo a entrada de germes nocivos, e também os ovos submetidos a uma temperatura mais baixa que a necessária à sua conservação. A clara adquire um cheiro e um sabor repugnantes, e muitas vezes apresenta a casca uma racha longitudinal de ponta a ponta.

CONSELHOS PRATICOS

Aquelas que amamentam têm que se privar de certos alimentos que prejudicam o leite, tais como as conservas, mariscos, alho, repolho, couve-flôr, espargos. O chocolate deve também ser tomado com moderação. Os vinhos e, sobretudo, os cocktails devem ser completamente supri-

midos. Ficou provado na America do Norte que o aumento da mortalidade infantil, das crianças de menos de um ano, nas classes abastadas, era devido ao abuso dos cocktails pelas mães quando esperavam os seus bebês. Dantes era dada às mães cerveja preta para aumentar e fortificar o leite; atualmente todo álcool é proibido.

AGUARDEM

Em Maio proximo o numero especial de aniversario da

REVISTA DA SEMANA

Os lábios falam de AMOR!

O tipo dos seus lábios marca a sua personalidade! O homem que V. ama, gosta do seu tipo... e gostará mais, se V. os fizer sempre mais lindos, mais beijáveis com Baton Colgate!

O Baton Colgate, importado da América, é feito com KARANUVA, supremo embelezador dos lábios! É o baton que oferece duas consistências: tipo normal e tipo oleoso para lábios secos.

Escolha dentre 5 maravilhosas cores — do Variável ao ardente Vermelho Amazonas! Use, desde hoje, Baton Colgate. Experimente, especialmente, o encanto inigualável da nova cor da moda — Vermelho Amazonas — exclusiva de Colgate!



MAIOR — MAIS ECONÔMICO — SÓ 5\$000!

O coração bate com **BATON COLGATE**

QUAL O SEU TIPO?



ARISTOCRÁTICOS? — Lábios de "mulher orgulhosa", dominadora... para muitos homens, nada mais atraente!



SINCEROS? — Lábios de "mulher ingênua"... inocente e pura. Amor eterno!



ALEGRES? — Lábios de "mulher vivaz" e irrequieta! Sempre cheios de bom humor! Subjuga os homens mais sérios!



FRÍVOLOS? — Lábios de "mulher coquette"! Inquieta os corações masculinos... e como!



SENSUAIS? — Lábios de "mulher fatal"... "vampiro". Um tipo irresistível!

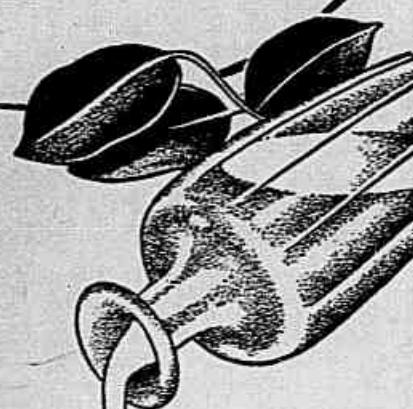


— Para ser "chic" é preciso cuidar da cutis com *Palmolive*



"A própria moda força a mulher de hoje a cuidar da pele de todo o corpo. Por isso, eu só uso e aconselho às minhas amigas Palmolive para o rosto e para o banho."

Diz a **Sra. JEAN BENARROCH**, afamada modista do Rio de Janeiro.



Só Palmolive é feito com os azeites de oliva e de palma... os melhores ingredientes que a natureza produz para embelezar a cutis!

COMO a Sra. Jean Benarroch, milhões de mulheres "chics" em todo o mundo preferem Palmolive para realçar a beleza da cutis. Palmolive embeleza de verdade. Palmolive tem uma espuma diferente porque é o único feito com os balsâmicos azeites de oliva e de palma! A sua espuma-

creme penetra profundamente nos poros e deixa a pele macia, suave e juvenil... Seu perfume discreto e duradouro dá um cheiro a limpo... e beleza. Por isso, Palmolive é recomendado por 20.173 especialistas em beleza.

— Já experimentou o Palmolive Gigante? Muito maior, mais econômico e muito mais duradouro! Só 2\$300!

Tamanho Grande
1\$700



PALMOLIVE - embeleza dos pés à cabeça!



Blusa de tricot de lã branca

Esta blusa original é executada no ponto de gaita, em lã branca. Uma carreira de ponto baixo de crochet com lã azul marinho rodeando toda a blusa e mangas. Flôres de crochet em lã azul marinho como guarnição.

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

MODELOS



Para a noite: mantilha e luvas de renda preta.



Costume de crepe azul marinho com desenhos verdes e brancos. Blusa de crepe verde claro com desenhos brancos. Grande chapéu de palha azul marinho, guarnecido com fita branca e verde.

ELEGANTES

Não deixe
o mau
hálito
gritar:



"DENTES FALSOS"

NÃO escove
sua dentadura!

ESTERILIZE-A!



Se é obrigado a usar dentadura, evite que os outros percebam. Combata o mau hálito usando diariamente Pó Hamilton. Não corra mais o risco de quebrar ou desgastar a dentadura com a escova, prejudicando sua perfeita adaptação. Pó Hamilton é absolutamente seguro — não contém ácidos nem substâncias abrasivas. Uma solução de Pó Hamilton, durante 15 minutos ou enquanto dorme, trabalha pelo seu bem-estar, libertando-o do complexo de inferioridade...

PÓ HAMILTON

Em todas as farmácias, drogarias, perfumarias e depósitos dentários. — Distribuidor: PROFAR LTDA. — Rio — Caixa Postal, 61 — Preço pelo Correio: 13\$000.



Manteau de linho para
viagem.



- 1 — Vestido de Jersey ou de linho cinza claro, bordado com linha vermelha.
- 2 — Vestido de tafetá azul escuro, guarnecido com guirlandas de bleuets com as suas folhas em aplicação ou bordada.

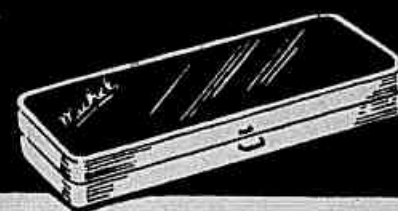
Michel lhe dará a Sedução irresistível das Rainhas Egípcias



CLEÓPATRA, a fascinadora do Nilo, nunca se descuidou da beleza de seus lábios. Ela nunca permitiu, nem ao tempo nem ao beijo dos homens subjugados, que lhe destruíssem o feitiço encanto de sua boca, num cuidado incessante de refrescar, de colorir e perfumar aqueles lábios famosos, objetos dum minucioso culto de beleza. As fascinadoras de hoje conseguem o mesmo efeito da célebre rainha egípcia sem, entretanto, despenderem o menor esforço. Em Michel, o baton predileto de todas as mulheres, elas encontram o perfume irresistível e os ingredientes adequados para dar maciez e vida aos lábios. São as próprias cores sem par da natureza nestes maravilhosos tons: Blonde, Vivid, Cherry, Scarlet, Brunette, Raspberry, Cyclamen, Capucine, Amaranth. 4 modelos: De Luxo, Grande, Médio e Pequeno. INSISTA SEMPRE NO VERDADEIRO MICHEL.

BATON *Michel*

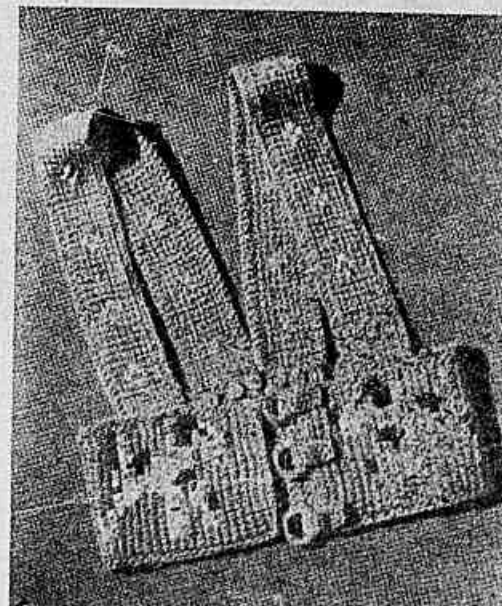
MICHEL
COSMETICS
INC.
New York



Torne seus olhos mais luminosos com o COSMÉTICO INDELEVEL MICHEL

Para um perfeito "maquillage" escolha o tom de ROUGE MICHEL que se case bem com o "seu" baton Michel

Guarnição de crochet bordada



Largo cinto com bretelas de crochet de linha azul, no ponto tunisiano, o bordado é em ponto de cruz com linha branca e preta para os cães, e só branca para as flores. — Para creança de 4 a 5 anos.



Vestidos de fustão branco, enfeitados com cadarço azul marinho e vermelho.

M E N U D E A L M O Ç O

Receitas sul-americanas

PEIXE COZIDO COM MOLHO DE SALSA — BATATAS COZIDAS
— ESTUFADO DE TRES CARNES — VAGENS GUIZADAS — COE-
LHO A' CHALLA PAMPA — COUVE-FLOR COM QUEIJO —
TORTA DE MAÇAS

PEIXE COZIDO COM MOLHO DE SALSA (Receita argentina)

Põe-se para cozinhar o peixe inteiro, se fôr pequeno, e em postas o grande, em água bem temperada com sal, cebola e um bouquet de cheiros. Deve-se pôr o peixe quando a água estiver fervendo e deixar apenas uns minutos no fogo forte, acabar de cozinhar em fogo brando. Não deixar o peixe cozinhar de mais.

O molho — Lava-se muito bem um grande molho de salsa, tiram-se todos os galhos grossos e põe-se no almofariz para socar muito bem até formar uma massa; pôr numa panela, juntar a polpa de um tomate grande assado e passado na peneira. Junta-se também uma xícara de creme de leite, tempera-se com azeite e vinagre, engrossa-se com um pouco de farinha de rosca muito fina. Serve-se quente ou frio, á vontade.

ESTUFADO DE TRES CARNES (Receita argentina)

Prepara-se um pedaço de carne de vaca (do peito), outro de lombo de porco e uma galinha. Depois de tudo bem lavado põe-se numa panela de ferro esmaltado, sobre tiras de toucinho fresco, sem sal.

Entre as carnes coloca-se um pequeno molho de cheiros: hortelã, salsa, cebola verde, louro e alecrim, tudo ligado por um fio para que não espalhe. Juntar dois dentes de alho

picados, duas cebolas, duas duzias de passas de Malaga, duas duzias de amêndoas peladas, alguns grãos de pimenta do reino, um pedacinho de pau de canela, uma pitada de cominhos, uma colher de sal, outra de açúcar, 70 grs. de banha de porco extraída de toucinho fresco, com colorau, para lhe dar cor. Despeja-se por cima meia garrafa de vinho branco, ligeiramente misturado com água. Tapa-se herméticamente a panela e põe-se em fogo forte até a primeira fervura, depois deixar cozinhar durante 5 horas em fogo brando, tendo o cuidado de não destampar a panela, mas tirá-la com frequência do fogo para não se queimar.

Enfeita-se a travessa com rodela de ovos e pepinos de conserva.

VAGENS GUIZADAS (Receita peruana)

Escolhem-se vagens bem tenras e depois de tirados os fios, são cortadas em pequenas tiras finas, ao comprido. Faz-se um refogado com cebola, meio dente de alho esmagado, salsa, azeite ou manteiga; juntam-se as vagens, mexe-se bem e junta-se caldo de carne. Assim que estiverem cozidas, junta-se ao molho uma ou mais gemas de ovos batidas com um pouquinho de vinagre ou de suco de limão.

Este prato de vagens pôde ser servido só, juntando-se então na travessa fatias de presunto, chouriços e fatias de ovos cozidos.

COELHO A' CHALLA PAMPA (Receita boliviana)

Na Bolívia não se tira a pele do coelho, e sim somente o pelo, mergulhando-o numa lixívia de cinza e água a ferver e rasgando-o depois com uma faca. O coelho assim preparado fica branquíssimo e a pele, tanto assada como frita, é saborosíssima. Em La Paz



Torta de maçãs com crème.

frigem-no; em Sucre assam-no no espeto envolto numa folha de papel engordurada. Em Challa Pampa da seguinte maneira:

Depois de pelado o coelho pela maneira já indicada abre-se todo, estendendo-se com o ventre sobre uma taboa; depois de se lhe tirar os intestinos, dão-se três ou quatro pancadas na espinha dorsal com o pilão para esticar bem e tempera-se com sal, cominhos e colorau em pó, e põe-se a frigar em gordura de porco, em fogo forte, pondo-lhe um peso no lombo para o conservar esticado. Volta-se duas ou três vezes para tomar uma cor dourada em toda volta; depois de retirado do fogo, escorre-se a gordura.

Prepara-se um recheio de galinha picada, cogumelos e um dente de alho pisado, cobrem-se o fundo e os lados de uma assadeira com fatias finas de toucinho fresco; põe-se por cima metade do recheio sobre o qual se coloca o coelho, pulverizando-o com pimenta e noz moscada em pó; enche-se o resto da assadeira com a outra parte do picado, cobrindo tudo com uma tira larga e delgada de toucinho. Põe-se a tampa e cimentam-se as bordas com massa de farinha de trigo para impedir que o vapor se escape, e mete-se no forno onde deve permanecer três horas.

COUVE-FLOR COM QUEIJO (Receita argentina)

Pôr para cozinhar uma couve-flôr depois de muito bem lavada na água temperada com sal. Toma-se um prato que possa ir ao forno, unta-se com manteiga e põe-se uma camada de farinha de rosca e queijo ralado; arruma-se por cima a couve desfeita em pequenos bouquets e cobre-se com uma camada de queijo ralado. Coloca-se por cima uma tampa com braças e põe-se o prato em calor brando. O calor forte na superfície faz derreter o queijo.

Serve-se quente com molho de manteiga: amassa-se uma colher de farinha de trigo com outra de manteiga, depois junta-se meio dente de alho esmagado, tempera-se com pimenta e sal; junta-se caldo de carne e o suco de um limão e por ultimo uma gema de ovo.

Pôde-se também servir com molho de azeite e vinagre.

TORTA DE MAÇÃ COM CREME

Para uma fôrma de pastelão de 22 centímetros de diametro, fazer uma massa com 100 grs. de farinha de trigo, 65 grs. de manteiga, uma pitada de sal e uma colherinha de açúcar e a água necessária. Deixar repousar a massa durante 20 minutos. Abrir a massa e arrumar dentro da fôrma bem untada com manteiga, pôr para assar aos três quartos somente no forno (deve-se espetar com os dentes do garfo a massa para não estufar).

Cortar em pedaços duas boas maçãs; depois de descascadas, pôr para fritar na manteiga, salpicar com açúcar por cima e pôr dentro do pastelão.

Deve-se já ter pronto um creme feito da seguinte maneira: bater duas gemas de ovos com duas colheres de açúcar, misturar em seguida meia colher de farinha de trigo, desfazer essa massa com um quarto de litro de leite frio e pôr a panela em fogo brando mexendo com uma colher de pau constantemente; assim que estiver bem grosso o creme, retirar do fogo e juntar depois de frio uma clara muito bem batida; misturar muito bem e despejar sobre as maçãs dentro do pastelão. Não deve ficar cheio até em cima, porque o creme cresce ao assar. Pôr de novo o pastelão no forno e deixar tomar cor.

Pôde-se comer quente ou frio; é gostosa das duas maneiras.

Refrescante... COMO A BRISA MATUTINA



Agradar-lhe-á a sensação que se espalha por sua boca no instante em que a língua tóca o Creme Dental SQUIBB. Fica na boca uma frescura deliciosa que satisfaz e estimula. Este dentífrico superior contém um eficaz anti-ácido que, ao entrar em contacto com a acidez bacteriana da boca, ajuda a neutralizá-la, evitando assim que seja atacada sua bela dentadura. O

Creme Dental Squibb não contém elementos nocivos como sabão, nem substâncias adstringentes ou raspan-tes. Sua eficácia e pureza trazem a garantia de mais de 100 provas a que os Laboratórios Squibb o submetem durante a fabricação, antes de o entregarem à venda. É uma razão a mais para V. S. preferir Squibb quando for comprar um dentífrico.



Creme Dental SQUIBB

...O DENTÍFRICO ANTI-ÁCIDO

ESCÓVA ANGLE SQUIBB

cientificamente construída e recurvada da maneira mais adequada para atingir, por igual, os interstícios e as superfícies de todos os dentes.

430



PUBLICIDADE PARA ESTA
REVISTA EM SÃO PAULO
TRATAR A' RUA D. JOSE' DE BARROS, 323 - TEL. 4.7866

EXPOSIÇÃO BATISTA DA COSTA



"MARINHA" (Leme).



JOÃO BAPTISTA DA COSTA
(1865 - 1926).



"VALE DA CASCATINHA" (Petropolis).



"MANHÃ" (Rhenânia).



"NO PASTO".

No Museu Nacional de Belas Artes foi inaugurada uma exposição de quadros do saudoso pintor fluminense João Batista da Costa. Além de grande número de paisagens sobremodo representativas da arte do primoroso interprete da natureza brasileira, a exposição aberta ao público encerra um auto-retrato e alguma pintura de genero. E' esta uma amostra de arte que recomendamos aos apreciadores da boa pintura.

Esporte

Ilustrado

é a maior revista de esportes do Brasil. Registra o movimento esportivo nacional e internacional; é um semanário dedicado a todos os esportes. Tem agentes vendedores nas capitais e nas cidades do interior.

Preço para o Rio e Estados :
1\$000

REDAÇÃO: Maranguape, 15 -- Rio.

«INDIO BIGUÁ»

A grande atração rubro-negra de 42, cuja conduta contra o Botafogo excedeu a expectativa dos críticos mais exigentes, que o consideram uma das grandes figuras do tradicional clássico.

